



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LÍVIA MARTINS GOMES

OS SINAIS-NOMES PELA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO

MANAUS – AM

2021

LÍVIA MARTINS GOMES

OS SINAIS-NOMES PELA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos da Linguagem, sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza.

MANAUS – AM

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

G633s Gomes, Livia Martins
Os sinais-nomes pela perspectiva da análise do discurso / Livia
Martins Gomes . 2021
120 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Sérgio Augusto Freire de Souza
Coorientadora: Mariângela Estelita Barros
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Sinal-nome. 2. Libras. 3. Língua de sinais. 4. Análise do
discurso. 5. Onomástica. I. Souza, Sérgio Augusto Freire de. II.
Universidade Federal do Amazonas III. Título

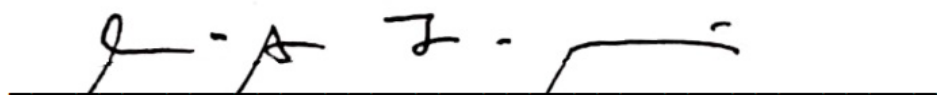
LÍVIA MARTINS GOMES

OS SINAIS-NOMES NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO

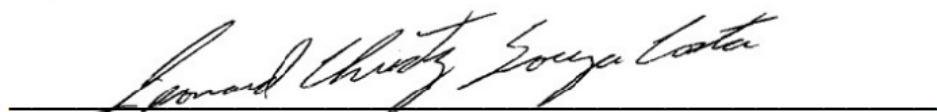
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos da Linguagem.

Aprovada em 22 de janeiro de 2021.

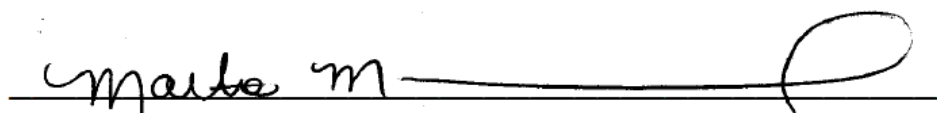
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza (UFAM)



Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa (UFAM)



Prof. Dra. Marta de Faria e Cunha Monteiro (UFAM)

Aos meus pais Ernani Gomes Franco e Helena da Luz Martins Gomes, por me terem dado minha língua de herança e me apoiado em todo o caminho até aqui.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus, por chegar ao fim deste trabalho. Sou toda gratidão.

Agradeço aos meus pais, Helena e Ernani, que me deram a oportunidade de estudo, me estimularam a persistir e a continuar meus estudos e, principalmente, me deram amor e minha própria vida.

À minha filha, Jessica, e ao meu irmão, que são meus estímulos a continuar sempre. Como diz o ditado: “A persistência é o caminho do êxito”, do autor Charles Chaplin, personagem importante para a comunidade surda.

Aos meus amigos de Manaus, que me incentivaram, me inspiraram e me acolheram em suas vidas. Em especial, às minhas manas amadas, que me deram força e acreditaram na minha pesquisa, Elizandra de Lima Silva Bastos, Vanessa Nascimento dos Santos Oliveira e Tatyana Sampaio Monteiro Pessoa da Costa.

Aos amigos e familiares de Goiânia, que mantiveram nossos laços apertados o bastante para termos para onde voltar e frouxos o suficiente para podermos ter partido.

Àqueles que participaram diretamente deste mestrado e deixaram suas valiosas marcas neste trabalho e em quem o realizou.

Agradeço aos colegas-amigos participantes desta pesquisa.

Ao meu orientador, Sérgio Augusto Freire de Souza, que, sempre disponível e dono de um vasto conhecimento, faz jus à função de orientador; uma pessoa por quem cultivo profunda admiração e respeito pelos trabalhos que desenvolve e pelo modo como conduz suas relações no ambiente acadêmico. Ao Sérgio, um agradecimento diferenciado por suas leituras, seus comentários, pelo tempo dispensado a mim e ao meu trabalho e pelo empenho em torná-lo viável.

À minha coorientadora, Mariângela Estelita Barros, que aceitou me auxiliar desde o primeiro contato. Gratidão por todas as contribuições que me deu durante a realização deste trabalho, um agradecimento especial.

A todos os professores membros da banca que, nessa posição, se dispuseram a avaliar esta dissertação e assim colaborar para o aprimoramento dela.

Em especial, a todos os professores que tive durante o mestrado e que participaram, com o compartilhamento de seus conhecimentos, para o desenvolvimento deste trabalho.

A inúmeras outras pessoas com quem tive contato neste período e que tiveram sua participação na realização deste trabalho.

À Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), pela oportunidade de estudo proporcionada.

A Manaus, que não nega sua exuberante natureza aos que por ela passam e que dela se nutrem.

A verdadeira tarefa política consiste em criticar o trabalho das instituições que aparentam ser tanto neutras como independentes; criticá-las de tal maneira que a violência política que sempre exerceram camufladamente por seu intermédio seja desmascarada para poderem ser combatidas.

(Michel Foucault)

RESUMO

GOMES, L. M. **Os Sinais-nomes na perspectiva da Análise do Discurso**. 2021. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021.

Este estudo teve como objetivo principal analisar o discurso presente na construção dos sinais-nomes em uma perspectiva histórica, cultural e linguística dos membros da comunidade surda de Goiânia e de Manaus. Esta pesquisa baseou-se na perspectiva teórica da Análise do Discurso e em autores como Foucault (1999; 2008; 2014; 2018), Orlandi (1986; 1994; 1996; 2004) e Souza (2014); na área da Onomástica, o trabalho de Dick (1980), sobre a taxonomia toponímica em geral; o trabalho de Brito (2003), sobre nomes próprios; o trabalho de Souza Júnior (2012), especificamente na Língua Brasileira de Sinais; e o trabalho pioneiro de Barros (2018), no Brasil, que apresenta uma proposta de categorização de sinais-nomes baseada em uma taxonomia antroponímica nas Línguas de Sinais. Analisam-se os discursos de professores surdos, ouvintes, intérpretes e filhos ouvintes de pais surdos (CODAS, na sigla em inglês), descrevendo a relevância de se ter um olhar diferenciado no processo de construção e motivação do sinal-nome e seus reflexos. As influências e as relações de poder foram problematizadas, especialmente nas questões da representação de cada participante da comunidade surda. Demonstra-se a importância da análise dos discursos de interação e pertencimento do participante que faz parte da comunidade. O aporte teórico tem o intuito de aprofundamento na construção e na motivação do sinal-nome, tendo como subitem as culturas ouvinte, surda e indígena.

Palavras-Chave: Análise do Discurso; LIBRAS; Língua de Sinais; Onomástica; sinal-nome.

ABSTRACT

This study aims to analyze the discourse present in the construction of name signs in a historical, cultural and linguistic perspective of members of the deaf community of Goiânia and Manaus. This research is based on the theoretical perspective of Discourse Analysis, initiated by Michel Pêcheux in 1960 and by other important authors such as Foucault (1999; 2008; 2014; 2018), Orlandi (1986, 1994, 1996, 2004) and Freire (2014); in the area of Onomastic, such as the work of Dick (1980), on toponymic taxonomy in general; Brito's (2003) work on proper names; the work of Souza Júnior (2012), specifically in the Brazilian Sign Language; and the pioneering work of Barros (2018) in Brazil, which presents a proposal of categorization of name-signs based on an anthroponomic taxonomy in Sign Languages. The speeches of deaf teachers, listeners, interpreters, and children of deaf adults (CODAS) are analyzed, describing the importance of having a different look at the process of construction and motivation of the name-sign and its reflexes. Influences and power relations are problematized, especially in the representation issues of each participant in the deaf community. The importance of analyzing the discourses of interaction and belonging of the participant who is part of the deaf community is demonstrated. The theoretical contribution is made in Discourse Analysis and Onomastic, to deepen in the construction and motivation of the name-sign, having as listener, deaf and indigenous cultures. This research was based on the qualitative paradigm.

Keywords: Discourse Analysis; LIBRAS; Sign Language; Onomastic; name sign.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Sinal de IFG, na LIBRAS.....	16
Imagem 2 – Sinal-nome da Prof. ^a Livia Gomes, na LIBRAS.....	24
Imagem 3 – Primeira página do relatório do CEP sobre esta dissertação	36
Imagem 4 – Configurações de mão na LIBRAS.....	40
Imagem 5 – Sinal de Goiânia, na LIBRAS	43
Imagem 6 – Sinal de Goiás, na LIBRAS	43
Imagem 7 – Sinal de CAS (Centro de Apoio ao Surdo), em LIBRAS.....	47
Imagem 8 – Sinal de PARFOR.....	50
Imagem 9 – Sinal de INDÍGENA, criado pela profa. Tatyana Sampaio Costa	50
Imagem 10 – Sinal de Yanomami	51
Imagem 11 – Sinal da UFAM, na LIBRAS.....	54
Imagem 12 – Sinal da Escola Especial Elysio Campos (Escola Bilíngue de Goiás) em LIBRAS	56
Imagem 13 – Sinal de Associação dos Surdos de Goiânia, em LIBRAS	57
Imagem 14 – Sinal de Pestalozzi	58
Imagem 15 – Sinal de UFG – Universidade Federal de Goiás.....	59
Imagem 16 – Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos	62
Imagem 17 – Sinal da Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos, em LIBRAS.....	62
Imagem 18 – Gallaudet University	63
Imagem 19 – Sinal de Gallaudet University	64
Imagem 20 – Sinal de Curso Chaplin.....	77
Imagem 21 – Sinal de IPVN (Igreja Presbiteriana da Vila Nova).....	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
ASL	<i>American Sign Language</i> (Língua de Sinais Americana)
ASG	Associação dos Surdos de Goiânia
ASMAN	Associação dos Surdos de Manaus
CAS-GO	Centro de Apoio ao Surdo – Goiânia
CM	Configuração de Mão
CODA/CODAS	<i>Child/Children of Deaf Adults</i> (Filho(s) Ouvinte(s) de Pais Surdos)
ELO	Empréstimo da Língua Oral
FEBRAPILS	Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guias-Intérpretes de Língua de Sinais
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos
IFG	Instituto Federal de Goiás
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LSF	Língua de Sinais Francesa
OMS	Organização Mundial da Saúde
OP	Orientação da Palma
PA	Ponto de Articulação
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Letras
PUC-GO	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
TILSP	Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais e Língua Portuguesa
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFAM	Universidade Federal do Amazonas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
2.1	LIBRAS E O ASPECTO CULTURAL DO BATISMO	20
2.2	A ONOMÁSTICA.....	23
3	ANÁLISE DO DISCURSO	26
3.1	AD NA HISTÓRIA DOS SURDOS	26
3.2	DISCURSO E AD DA COMUNIDADE SURDA	29
3.3	AD DOS SINAIS-NOMES	31
4	METODOLOGIA DA PESQUISA	33
4.1	ESCOLHA DO OBJETO E DA METODOLOGIA	33
4.2	CONTEXTO DA PESQUISA	34
4.3	PARTICIPANTES DA PESQUISA	35
4.4	INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS	37
4.4.1	A pesquisa bibliográfica	37
4.4.2	O questionário	37
4.4.3	A entrevista	38
4.5	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	38
4.6	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	39
5	CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS	40
5.1	TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	41
5.1.1	Entrevista 1	41
5.1.2	Entrevista 2	43
5.1.3	Entrevista 3	46
5.1.4	Entrevista 4	48
5.1.5	Entrevista 5	56
5.1.6	Entrevista 6	57
5.1.7	Entrevista 7	58
5.1.8	Entrevista 8	61
5.1.9	Entrevista 9	66
5.1.10	Entrevista 10	67
5.1.11	Entrevista 11	69
5.1.12	Entrevista 12	70

5.1.13	Entrevista 13	71
5.1.14	Entrevista 14	75
5.1.15	Entrevista 15	75
5.1.16	Entrevista 16	77
5.1.17	Entrevista 17	84
5.1.18	Entrevista 18	85
5.1.19	Entrevista 19	87
5.1.20	Entrevista 20	89
5.1.21	Entrevista 21	90
5.1.22	Entrevista 22	92
5.1.23	Entrevista 23	92
5.1.24	Entrevista 24	94
5.2	TABULAÇÃO DAS ENTREVISTAS	94
5.3	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	96
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
	REFERÊNCIAS	109
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PERFIL	115
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO INVESTIGATIVO	117
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	118

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é situada no campo da Análise do Discurso e mais especificamente da análise dos sinais-nomes, que são recursos da língua de sinais utilizados para nomear os membros da comunidade surda. O ponto de partida se compõe de duas motivações: a primeira, uma motivação pessoal, devido à autora ser filha de pais surdos e falante de língua de sinais; a segunda, uma motivação acadêmica, por buscar compreender, por meio da Análise do Discurso, as relações de poder envolvidas na nomeação dos membros de tal comunidade.

Esta introdução é dividida em duas partes: uma pessoal e a da dissertação. A primeira visa dar uma dimensão personificada ao trabalho. A segunda é uma antecipação do que poderá ser lido nesta dissertação e sua localização no corpo do texto.

A autora nasceu em Goiânia (GO), em 25 de março de 1982, filha mais velha de um casal de irmãos. Seus pais, goianos, são surdos e de origem brasileira (bisnetos e tataranetos de negros e índios), portanto a autora é CODA, uma sigla para “filho ouvinte de pais surdos” (*Child of Deaf Adults*) (QUADROS; MASSUTTI, 2007).

A autora cresceu em um lar bilíngue, pois, além dos pais, vários tios paternos e maternos são também surdos não oralizados. Desde criança, as pessoas ao redor da autora a questionavam: Como você aprendeu a falar, a escrever e a ler, tendo pais surdos-mudos¹? Compreender e argumentar com maturidade sobre essa e outras questões está diretamente ligado a um autoconhecimento, conhecimento acadêmico, esforço e determinação.

Os CODAS, assim como os imigrantes e indígenas, possuem uma língua de herança, a qual, segundo Quadros (2017), é aquela utilizada por comunidades regionais, étnicas ou de imigrantes, inseridas em uma comunidade numericamente maior na qual outra língua é usada de forma mais ampla. Tal herança é passada por meio de bens culturais e materiais, de uma geração para outra. Nesse sentido, os sujeitos de herança herdaram um patrimônio cultural que inclui uma língua em seu berço

¹ A maioria dos ouvintes desconhece a carga semântica que os termos “mudo”, “surdo-mudo” e “deficiente auditivo” evocam. É facilmente observável que, para muitos ouvintes alheios à discussão sobre a surdez, o uso da palavra “surdo” pareça imprimir mais preconceito, enquanto o termo “deficiente auditivo” parece-lhes ser mais politicamente correto. No entanto a forma com que o povo surdo usa para se identificar é ser o surdo(a) (GESSER, 2009, p. 45).

familiar. No caso dos CODAS, são crianças ouvintes que nascem em uma família de pais surdos e herdam sua língua de sinais carregada de uma bagagem cultural.

Sendo CODA, o convívio da autora com a comunidade surda começou desde a infância. Seus pais, além de surdos, são sócios da Associação dos Surdos de Goiânia (ASG) desde a sua fundação, em 1975, completando quarenta e cinco anos de associados. Quanto à instrução formal da autora, desde a educação básica até sua especialização em Métodos e Técnicas de Ensino, pela Universidade Salgado de Oliveira, toda ela ocorreu em Goiânia. Na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), a autora fez sua primeira graduação em Biologia e, no Instituto Federal de Goiás (IFG), realizou sua segunda graduação em Letras-LIBRAS pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – polo Goiânia.

Imagem 1 – Sinal de IFG, na LIBRAS



Fonte: Elaborado pela autora

A segunda motivação foi saber como ocorre a relação de poder na nomeação em LIBRAS² das pessoas da comunidade surda de Goiânia e de Manaus. Essa motivação foi aguçada pelo conhecimento acadêmico adquirido como estudante da turma pioneira do Curso de Letras-LIBRAS do Brasil em 2006, o qual instigou a autora a investigar cientificamente a criação dos sinais-nomes e suas influências na vida dos membros da comunidade surda.

² Outro termo usado para designar essa língua é LSB – Língua de Sinais Brasileira. Neste trabalho, porém, para evitar confusões, será apenas usado o termo LIBRAS.

Nesse curso, a autora estudou disciplinas como: Estudos Linguísticos, Fonética e Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Semântica e Pragmática, Introdução aos Estudos de Literatura, Introdução aos Estudos da Tradução, Análise do Discurso, Sociolinguística, Leitura e Produção de Textos e Psicolinguística.

A autora começou sua vida profissional aos 18 anos e permaneceu por vários anos na área de ensino de LIBRAS e tradução/interpretação de LIBRAS na rede estadual e municipal de ensino do Estado de Goiás, na Universidade Federal de Goiás (UFG), nas universidades particulares e no Sistema Educacional Chaplin (primeira Escola de LIBRAS do Centro-Oeste). Trabalhou também como professora intérprete, no Centro Especial Elysio Campos³.

Assim, em 2015, ao ingressar como professora no Curso de Letras-LIBRAS da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), a autora iniciou estudos mais profundos, na perspectiva da Análise do Discurso. Durante a realização das disciplinas de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UFAM, foi convidada para participar do grupo de pesquisa “Estudos Linguísticos da Língua Brasileira e Língua Americana de Sinais”; um dos campos desse grupo é a Onomástica/Antroponímia dessas duas línguas. Participando desse grupo, a autora se instigou a pesquisar, na perspectiva da Análise do Discurso (AD), as motivações, os critérios e as histórias relacionadas ao batismo em LIBRAS. Como ocorre o “batismo” na comunidade surda? Como são criados os sinais-nomes na Língua de Brasileira Sinais?

Cabe ressaltar que a palavra batismo tem uma carga religiosa, porém, no contexto desta pesquisa, se refere ao ato de nomear uma pessoa usando-se uma língua de sinais. A partir de então, essa pessoa será reconhecida dentro da comunidade surda pelo sinal-nome que receber. Os sinais-nomes são formados a partir de características pessoais em conformidade com as regras da língua em questão (BARROS, 2018).

A categorização dos sinais-nomes nas línguas de sinais é uma proposta recente. No Brasil, há um trabalho a esse respeito até agora: o de Barros (2018); esta dissertação pretende expandi-lo. Partindo desse estudo e de outros autores da

³ Instituição que tem parceria com a Secretaria de Educação do Estado de Goiás. Essa escola oferece uma educação voltada para o surdo, a EDUCAÇÃO BILINGUE (a LIBRAS, como primeira língua, e português, na modalidade escrita, como segunda língua, como língua de instrução). Assim sendo a primeira escola Bilíngue de Goiás, localizada na cidade de Goiânia (HISTÓRIA, c2021).

Análise do Discurso, pretende-se analisar os discursos dessa construção do sinal-nome. No entanto, há poucos estudos sobre como tal batismo reflete várias situações na vida do surdo e dos membros que fazem parte da comunidade surda.

No Brasil, são escassas as pesquisas sobre a Onomástica nas Línguas de Sinais e sobre Análise do Discurso de Surdos ou de membros da comunidade surda, que estão relacionadas ao tema deste trabalho. Podem-se citar alguns pesquisadores da Onomástica de Línguas de Sinais, como Supalla (1992), nos EUA; Borstell (2017), na Suécia; e Barros (2018), no Brasil. Isso revela o adormecimento da Linguística em relação ao tema desta pesquisa.

Além da dificuldade intrínseca desse tipo de assunto, a pandemia de covid-19 trouxe dificuldades para a feitura desta dissertação. A autora teve que sair de Manaus para Goiânia e assim poder cuidar dos seus pais. Com isso, também vieram dificuldades de conexão de internet e questões burocráticas da UFAM para resolver; mas, enfim, saúde (sobretudo familiar) em primeiro lugar.

De acordo com o levantamento realizado sobre a temática da pesquisa no Brasil, existem trabalhos como os de Souza Júnior (2012), que pesquisou sobre a “Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais”, e a tese de doutorado (em andamento) de Chaibue (2020), intitulada “Onomástica em LIBRAS em Formosa”.

Do PPGL, programa do qual a autora faz parte, mostram-se as pesquisas que foram desenvolvidas na área da surdez. A primeira pesquisa, que foi a de Bastos (2015), e as pesquisas das professoras Bastos (2020) e Pedroza (2020).

As perguntas norteadoras desta pesquisa são: Como ocorre o batismo na LIBRAS? Quem são os membros da comunidade surda que são autorizados a batizar? Quais são as análises possíveis sobre os efeitos que podem ocorrer com a criação do sinal-nome na vida de uma pessoa da comunidade surda?

O objeto de estudo se constitui de discursos de membros da comunidade surda em geral, cujos participantes são surdos, ouvintes, professores, intérpretes, alunos e CODAS, sobre como eles vivenciaram o batismo na LIBRAS e como esse processo influencia suas vidas.

A relevância deste trabalho está em buscar analisar a relação de poder subjacente ao processo do batismo em LIBRAS, que faz parte da cultura surda, e, além disso, contribuir para minimizar as lacunas existentes nas pesquisas sobre Onomástica da LIBRAS. Pretende-se também, nessas análises, mostrar quais são as

motivações culturais e os critérios para a construção do sinal-nome, os quais levam os participantes a refletirem sobre o tema e a ampliarem suas percepções nas instituições onde foi realizada a pesquisa.

O capítulo 2 trata da LIBRAS, com um breve panorama da história da Educação dos Surdos e a Onomástica. O capítulo 3 aborda a Análise do Discurso. O capítulo 4 explica a pesquisa de fato, desde a metodologia até a coleta de dados. No capítulo 5, foi feita a análise dos dados desta pesquisa. Encerrando, são apresentadas as Considerações Finais que apontam os resultados obtidos e possíveis encaminhamentos para outras pesquisas, seguidas das Referências e dos Apêndices.

A seguir, a fundamentação teórica que embasa esta pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, serão abordadas as questões do batismo na LIBRAS (e nas outras línguas de sinais) e da Onomástica. Serão destacados alguns conceitos das línguas de sinais, como comunidade surda, povo surdo, nomes, noções de sentido, além de alguns teóricos da criação dos sinais-nomes de outros países e do Brasil.

2.1 LIBRAS E O ASPECTO CULTURAL DO BATISMO

Segundo Castro (2011), a LIBRAS, como também as outras línguas de sinais, é um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria e complexa, com regras fonológicas, morfológicas, semânticas, sintáticas e pragmáticas. Seus usuários são surdos e ouvintes que frequentam as diversas modalidades de comunidade surda, tais como: igrejas, escolas, clubes, associações e outras. A língua de sinais é uma construção histórica das comunidades de surdos, não sendo um sistema linguístico universal. Cada país tem sua própria língua de sinais, a partir de condições sociais, políticas e culturais. No percurso de sua história, as línguas de sinais tiveram várias denominações, entre as quais: mímica, comunicação mímica, linguagem dos surdos e mudos, linguagem sinalizada, gestos.

A origem da LIBRAS foi a Língua de Sinais Francesa (LSF), que influenciou o surgimento de outras línguas de sinais pelo mundo (CASTRO, 2011). A LIBRAS não teve origem na Língua Portuguesa, apesar de esta “ter influenciado diretamente a construção lexical da Língua de Sinais Brasileira, mas apenas por meio de adaptações por serem línguas de contato” (ALBRES; VILHALVA, 2005, p. 1). Ainda segundo esses autores:

[...] as Línguas de Sinais são reconhecidas “cientificamente” como língua, apresentam como qualquer língua os universais linguísticos e os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, mas usualmente são atingidas pelo preconceito linguístico e estereótipo por seus usuários serem principalmente pessoas consideradas deficientes. (ALBRES; VILHALVA, 2005, p.1).

Pesquisas realizadas na área da Linguística nos anos 1960 foram o ponto de partida para que as Línguas de Sinais passassem a ser reconhecidas como línguas em vários países (QUADROS; KARNOPP, 2004). Esse reconhecimento proporcionou uma mudança de paradigma nas propostas de escolarização envolvendo pessoas

surdas. No Brasil, a LIBRAS foi legitimada pela Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que diz:

É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002, art. 1º).

De acordo com Rocha (2008, p. 41), o movimento de legalização da LIBRAS foi liderado pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS), e por algumas lideranças surdas do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

No mundo da surdez, vale ressaltar alguns termos, por exemplo: “povo surdo” reporta-se às pessoas surdas que não habitam nos mesmos locais, mas que estão ligadas por uma origem, por um código ético de formação visual, independentemente do grau de evolução linguística, como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços (STROBEL, 2008).

Sendo a cultura um conjunto de comportamentos aprendidos a partir de pessoas que possuem sua própria língua, tradições e comportamentos, “comunidade surda” é um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus membros e procuram alcançar tais objetivos. Essa comunidade pode incluir pessoas que não são elas próprias surdas, mas que apoiam a causa (STROBEL, 2008).

A humanidade, ao longo do tempo, adquiriu conhecimento por meios como língua, crenças, hábitos, costumes, normas de comportamento, entre outras manifestações. Partindo do pressuposto de que cultura é a herança que o grupo social transmite a seus membros por meio de aprendizagem e de convivência, percebe-se que cada geração e cada sujeito também contribuem para ampliá-la e modificá-la (STROBEL, 2008).

Um dos elementos mais importantes da cultura surda é a língua de sinais, e um dos seus recursos é a datilologia, ou seja, o alfabeto manual ou os números representados por diferentes formatos de mãos, podendo também fazer referência a pessoas. O alfabeto manual é usado para expressar nomes de pessoas, nomes de localidades e outras palavras que não apresentam sinal na LIBRAS (CASTRO, 2011). A maior parte das comunidades surdas de todo o mundo utiliza a datilologia em suas línguas de sinais. Ela pode servir para palavras estrangeiras, nomes próprios que

ainda não tenham recebido um sinal-nome, nomes de lugares ou palavras novas (RAMOS, 2005 *apud* CASTRO, 2011).

Pimenta e Quadros (2006) mencionam uma outra forma de se referir a pessoas, quando estas estão presentes, que é a apontação.

Na LIBRAS, pode-se indicar sobre quem estamos falando, apontando para uma determinada localização do espaço. Por exemplo, se estiver falando sobre os colegas na sala de aula, não é preciso tocá-los para identificá-los na sinalização. Pode-se simplesmente apontar o dedo para o colega dentro do espaço da sinalização, olhar para ele, e depois retomar imediatamente o olhar para a pessoa com quem se está conversando.

Para se referir a pessoas, usam-se também os nomes próprios. Segundo Brito (2003, p. 37), “[...] nomes próprios são expressões referenciais para objetos particulares determinados e que podem ocorrer sem restrições de um lado e de outro do sinal de identidade”. Esse autor continua argumentando que “[...] o ato de nomear faz parte da linguagem humana como, por exemplo, batizar objetos, não importa sua natureza, tais como fazemos com os nomes de pessoas, cidades, países etc” (BRITO, 2003, p. 37).

São as regras e as convenções de uso, mediadas pelas descrições, que determinam o uso bem-sucedido dos nomes compartilhados por uma comunidade de falantes; nomes são signos linguísticos que usamos para nos referirmos ao mundo.

O povo surdo tem sua cultura própria (STROBEL, 2008) e dentro desta mantém a tradição de batizar seus membros em língua de sinais, que pode envolver a observação de uma das características físicas da pessoa ou a primeira letra de seu nome, ou de sua profissão, como exemplifica o trecho abaixo:

[...] os surdos eram “batizados” por outros surdos da comunidade, através de um sinal próprio e esse sinal seria a identidade de cada um na comunidade surda. [...] a comunidade surda não se refere às pessoas pelo nome próprio, mas pelo sinal próprio recebido no “batismo”, quando o surdo ingressa na “comunidade”. (DALCIN, 2007 *apud* CASTRO, 2011, p. 22).

Os surdos se batizam por meio de sinais (PIMENTA; QUADROS, 2006). O batismo acontece quando um surdo ou ouvinte entra em um grupo surdo ou passa a ter contato com surdos. No Brasil, em termos de história da educação dos surdos, o batismo começou na primeira escola de surdos do Brasil, o INES (ROCHA, 2008).

Fundado por Dom Pedro II em 1857, com a ajuda de Eduardo Huet (surdo educado na França), o INES se chamava Instituto Nacional de Educação de Surdos e

Mudos. O Instituto tinha um curso, com duração de seis anos, com o foco agrícola, em função das características socioeconômicas do Brasil na época. Para se matricular nesse curso, o aluno surdo deveria ter entre sete e dezesseis anos e apresentar um certificado de vacinação (ROCHA, 2008).

Uma vez matriculado e em contato com seus colegas, cada aluno ganhava um número de referência (correspondente ao número de sua matrícula), para identificação. Pela convivência e contato, os surdos, seus professores e familiares eram batizados por um sinal-nome, que ressaltava alguma característica física ou de temperamento (ROCHA, 2008).

Os surdos foram por tanto tempo discriminados que, atualmente, com o avanço da compreensão sobre a problemática que os envolve e com a divulgação de legislação específica, estão a redefinir seu lugar na sociedade majoritária e nas relações socioantropológicas e educacionais. Constata-se que as pessoas surdas são submetidas à condição de estrangeiros em seu próprio país. A maioria dos surdos não tem acesso à informação e à educação na sua própria língua, enfrentando ainda, nos dias de hoje, um enorme déficit de profissionais habilitados em língua de sinais, algo que lamentavelmente prejudica o devido atendimento aos cidadãos surdos.

2.2 A ONOMÁSTICA

Dentre os vários conceitos da Linguística, esta dissertação destaca a Taxonomia, a Antroponímia, a Toponímia e a Onomástica. Taxonomia é um sistema classificatório que inclui identificação, descrição, nomenclatura e categorização dos elementos observados. As ciências biológicas usam bastante esse sistema (vide a de Lineu, uma das mais usadas nessa área), embora outros campos, como a informática e a pedagogia, também tenham criado suas taxonomias (BARROS, 2018).

Dentre os vários campos da Linguística, temos a Onomástica, o estudo dos nomes próprios de todos os gêneros, podendo bifurcar para a Antroponímia, o estudo dos nomes próprios de pessoas, ou para a Toponímia, o estudo de nomes próprios de lugares (BARROS, 2018).

As línguas de sinais começaram a ser consideradas também como língua, com Stokoe (1960), que decompôs os sinais da ASL em três principais parâmetros: configuração de mão, locação de mão e movimento de mão. Ferreira-Brito (1990),

aplicando essa classificação na LIBRAS, decompõe os sinais nos seguintes parâmetros: locação, movimento e configuração de mão.

Um exemplo de batismo na comunidade surda é o sinal-nome da autora desta dissertação. Aos três anos de idade, por um acidente com um ferro de passar, este caiu em seu peito, causando-lhe uma queimadura e logo depois uma cicatriz. Seus pais deram-lhe o sinal-nome relacionado a essa cicatriz, realizado com a configuração de mão em “L”, que é a primeira letra do seu nome, e a orientação da palma para fora, com o movimento batendo no peito.

Imagem 2 – Sinal-nome da Prof.^a Livia Gomes, na LIBRAS



Fonte: Elaborado por Socorro Iris de Souza para esta pesquisa

A criação do sinal-nome segue regras linguísticas presentes na comunidade surda (BARROS, 2018). Analisando o sinal-nome da autora desta dissertação, segundo a Taxonomia Antroponímica da LIBRAS, percebem-se duas motivações para a formação desse sinal: o Empréstimo da Língua Oral (ELO) e o Aspecto Social.

Um exemplo de estudo de sinais-nomes é o trabalho de Börstell (2017), da Universidade de Estocolmo, uma análise dos sinais-nomes da Comunidade da Língua de Sinais Sueca (SSL – *Swedish Sign Language*).

No Brasil, o primeiro trabalho em torno de uma classificação dos sinais é a proposta de taxonomia antroponímica realizada por Barros (2018), da Universidade Federal de Goiás (UFG), intitulada “Taxonomia Antroponímica nas Língua de Sinais – a Motivação dos Sinais-Nomes”.

Nomear nos permite falar sobre as coisas do mundo, mesmo que não estejam presentes. Quando uma pessoa começa a ter contato com uma comunidade surda, ou seja, quando ela se torna parte desse novo mundo, surge a necessidade de se nomear essa pessoa, a qual então recebe um sinal-nome (BARROS, 2018).

O sinal-nome representa o nome da pessoa em língua de sinais, realizado pelos membros da comunidade surda. De acordo com essa afirmação, Stokoe, Casterline e Croneberg (1965) comentam que os sinais-nomes têm relação com nomes próprios, marcando especificamente alguém, e não um objeto ou conceito.

Além de serem atribuídos a membros da comunidade surda, os sinais-nomes também podem ser dados a qualquer pessoa que, mesmo não interagindo diretamente com essa comunidade, necessite ser sistematicamente referenciada, por exemplo, presidentes de países, atores, pessoas em destaque local, nacional ou internacional, e até mesmo personagens fictícios, como os de histórias em quadrinhos.

Várias perguntas surgem durante a pesquisa desses sinais-nomes: Como eles são criados? Quais formas são possíveis? O que é válido como sinal-nome? A regra mais básica é que qualquer sinal-nome seja criado em concordância com as regras linguísticas da língua de sinais utilizada pela comunidade. Como as línguas de sinais estão normalmente em contato com as línguas orais, suas regras linguísticas incluem regras de empréstimo, o que pode constituir um recurso para a formação de sinais-nomes (BARROS, 2018).

O empréstimo linguístico é um dos recursos na criação dos sinais-nomes, mas não é obrigatório. Os nomes das pessoas não estão ligados diretamente aos seus sinal-nome. Por exemplo, se a pessoa se chama Ricardo e ganha um sinal-nome específico, não quer dizer que todos que se chamam Ricardo receberão esse mesmo sinal-nome (BARROS, 2018). Nesta dissertação, a proposta taxonômica da autora estabelece quatro parâmetros para a classificação dos sinais-nomes: Empréstimo Linguístico Oral (ELO), Aspecto Físico (AF), Aspecto Comportamental (AC) e Aspecto Social (AS).

3 ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso (AD) discutida nesta dissertação é a AD francesa, também conhecida como AD materialista, um campo de pesquisa que surgiu no final da década de 1960 na França, iniciado por Michel Pêcheux. Tal campo associa os conceitos de língua, ideologia, discurso e sujeito (SOUZA, 2014). Durante o progresso da Linguística, aos poucos foi sendo desconsiderado o sentido como conteúdo. Isso permitiu que a Análise do Discurso pudesse trabalhar na perspectiva de “como” a linguagem funciona. Nessa mesma época, questionou-se como intelectuais consideravam a “leitura”. Esse fato pode ser ilustrado por trabalhos como o de Althusser (Leitura de Marx), de Lacan (Leitura de Freud), de Foucault (a Arqueologia) e de Barthes (relação escrita/leitura) (ORLANDI, 2004).

3.1 AD NA HISTÓRIA DOS SURDOS

Na Idade Antiga, principalmente na Grécia e em Roma, as crianças com algum tipo de deficiência eram abandonadas pelas famílias ou até mesmo eliminadas. As crianças deficientes eram ou jogadas nos esgotos, afogadas, sacrificadas, ou rejeitadas, pois eram consideradas incapazes de desenvolvimento moral e intelectual (CORREIA, 1997). Da mesma forma, na Idade Média, as pessoas com deficiência eram vistas como possuídas por demônios, ou amaldiçoadas por Deus, de modo que eram tidas como um mal para a sociedade (COSTA, 2015). Nesse aspecto, bastava a pessoa ter uma deficiência física, mental ou sensorial para ser excluída do convívio social e viver unicamente à espera da morte. Isso porque sua condição física não se enquadrava nos padrões de força e beleza. Diante de todo esse cenário, muitas pessoas com deficiência eram exterminadas sem qualquer problema de ordem ética, moral ou religiosa (RICHINELI, 2007).

Por serem consideradas maléficas e inúteis para o trabalho, as crianças com deficiência foram desprezadas e excluídas da convivência social. Tal discriminação era aceita eticamente pela sociedade da época, e até mesmo legitimada pelo poder público. Este, sob o argumento de livrá-las da dor e do sofrimento a que eram infligidas por sua condição física, consentia com que fossem eliminadas, sob a alegação de se estar fazendo um bem a elas (COSTA, 2015).

Dentro dessa perspectiva, Foucault (2018) relata dois aspectos proximamente ligados à microfísica do poder: um deslocamento do espaço da análise e o nível dessa mesma análise. Tais aspectos são considerados à medida que o poder das extremidades tem como correlata a investigação dos procedimentos técnicos de poder que realizam um controle detalhado, minucioso do corpo – gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos.

Assim, com a evolução do pensamento e o desenvolvimento das ciências, houve mudanças quanto à forma de entender as pessoas com deficiência. Nota-se que, no final do século XX, como consequência de estudos mais aprofundados no campo da medicina, passou-se a observar a deficiência como resultado de causas naturais, patológicas e biológicas, passando a ser encarada de forma mais racional (CARVALHO, 2003).

Aqueles que não pudessem desprender algum tipo de trabalho eram recolhidos e mantidos por religiosos, ou viviam de favores e da caridade daqueles que se comoviam com sua condição (CASTEL, 1998). Considerando-se o natural aumento demográfico, também cresceu a população de pessoas com deficiência ao ponto de o poder público ter que criar instituições para o atendimento dessas pessoas, porém elas foram tão somente isoladas e amontoadas em diversos hospícios e asilos (RODRIGUES, 2006). Foucault (2018) relata que as teorias que radicalizam a crítica ao abuso do poder caracterizam o poder não somente por transgredir o direito, mas o próprio direito por ser um modo de legalizar o exercício da violência e o Estado, órgão cujo papel é realizar a repressão.

Nas últimas décadas, houve discussões relacionadas à inclusão de pessoas com deficiência na agenda governamental de diversos países. No Brasil, tais discussões começaram com a análise das leis desenvolvidas até a Constituição Federal de 1988, sobretudo durante a década de 1990, momento em que convenções internacionais, como a Convenção Mundial de Educação para Todos (BRASIL, 2000) e a Declaração de Salamanca (BRASIL, 1994), passaram a tratar de forma mais específica sobre as políticas de inclusão da pessoa com deficiência.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima em mais de 300 milhões as pessoas com deficiência em todo o mundo; dessas, 70% se encontram em países em desenvolvimento e somente 1% a 2% têm acesso a programas de reabilitação, incluindo educação especial e treinamento profissional. Ainda segundo estimativa da OMS, 2,5% da população possui alguma deficiência auditiva. As pessoas com

deficiência são em média mais pobres, possuem menor escolaridade e têm menos vida social que as pessoas sem deficiência. Verifica-se também que, em relação à mulher com deficiência, há um quadro de vulnerabilidade e discriminação.

Como afirma Pêcheux (1995), o discurso é um objeto próprio de uma disciplina própria, com sua teoria e seu método. Na perspectiva da AD, estabelece-se um objeto específico, e este será o discurso da análise. Consideram-se a ordem da língua e sua materialidade na relação com a materialidade da história, assim definindo a discursividade, logo depois intervindo com a interpretação para uma reflexão (ORLANDI, 1986; 1994).

O objetivo da AD é estabelecer relações entre os saberes, cada um considerado como possuidor de positivities: a específica e a do que foi efetivamente dito e deve ser aceito como tal, e não julgado com base em um saber posterior e superior, para que dessas relações surjam, em uma mesma época ou em épocas diferentes, compatibilidades e incompatibilidades que não sancionam ou invalidam, mas estabelecem regularidades e permitem individualizar formações discursivas (FOUCAULT, 2018). A análise percorre o campo do saber, procurando estabelecer suas diversas configurações arqueológicas. Quando surgiram novidades metodológicas, a análise procurou centrar-se nos espaços institucionais.

Nesse sentido, Foucault (2018) aborda a análise do porquê dos saberes, pretendendo explicar sua existência e suas transformações, situando-os como peças de relações de poder ou incluindo-os em um dispositivo político, que, em uma terminologia de Nietzsche, Foucault chama de genealogia. Como afirma o autor, não existe uma teoria geral do poder. Uma das questões norteadoras deste estudo foi: “Quem você acha que deve batizar ou criar o sinal-nome? Por quê?”

Na perspectiva da AD, o objeto não é a língua, mas ela é considerada um pressuposto na discursividade, fazendo com que o trabalho com o objeto do discurso nos fale da língua. O analista do discurso tem que saber como a língua é e o seu funcionamento, sendo esse saber linguístico, bem como que ele se distingue da Linguística (ORLANDI, 2004).

Existem três pressupostos na AD: 1) de que não há sentido sem interpretação; 2) de que a interpretação é um jogo em dois níveis – o do analista e o do sujeito de linguagem; 3) de que a finalidade da AD não é interpretar, mas compreender como um texto funciona, como emite sentidos (ORLANDI, 1996).

Também existe uma incompletude que faz parte do processo de significação, sabendo-se que a relação entre linguagem, pensamento e mundo é aberta. Nessa relação, de passagem entre esses três elementos, temos o “lugar do possível”, também conhecido como “abertura do simbólico”, sendo esta uma questão filosófica (HENRY, 1994). A Semântica, para a Análise do Discurso, é o ponto nodal em que a Linguística tem a ver com a filosofia e com as Ciências Sociais (ORLANDI, 1996).

Destacam-se, do mesmo modo, a ocorrência de dispersão e a incompletude, as quais são tratadas em paráfrase e polissemia – dois processos que sustentam a linguagem entre a repetição e a diferença. Não é porque o processo de significação é aberto que ele não é regrado. A língua passível de jogo ou afetada pelo equívoco se inscreve na história para que haja sentido se faz a face da determinação. Essa determinação se dá em processos de significação em certas condições. Pode-se refletir sobre a “situação”, as condições de produção e os processos de significação, tendo a questão dos efeitos do jogo de língua sujeita ao equívoco; na história, deslocam a maneira como foi tratada a ideologia (ORLANDI, 1996).

A AD é a disciplina que vem ocupar o lugar dessa necessidade teórica, trabalhando a opacidade do dizer, vendo-a na intervenção do político, do ideológico, a inscrição da língua na história. Para o analista do discurso, isso indica o fato de que a língua é capaz de falhas, de equívocos (ORLANDI, 2004).

Os elementos fundamentais na AD estão na relação entre língua, sujeito e história. São esses elementos que fazem parte da exterioridade constitutiva da discursividade, que podem ser analisados no texto do discurso. Na AD, há a característica de questionar a interpretação, considerando-a objeto de reflexão. O sentido e a interpretação são abertos, tendo apenas seus efeitos. Eles não aparecem no século XVII e XVIII. O desenvolvimento da Linguística e da Psicanálise contribuíram para seu questionamento: O que a Análise do Discurso faz?

3.2 DISCURSO E AD DA COMUNIDADE SURDA

Em toda sociedade, a produção do discurso é de forma controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos procedimentos, e um deles é o de exclusão de certos sujeitos (FOUCAULT, 2014), entre os quais se podem incluir os sujeitos surdos. Na Antiguidade Grega e na Idade Média, os surdos eram considerados incapazes para o pensamento lógico e os sentimentos, fazendo-os se

sentirem separados e rejeitados, um verdadeiro estorvo para a sociedade (STROBEL, 2008). Os surdos passaram por várias interdições. Para Foucault (2018), os dois âmbitos que mais têm obstáculos e barreiras são a sexualidade e as políticas.

Registros audiovisuais de surdos foram feitos, expondo em sua língua natural os motivos que permitiram durante anos a realidade educacional por que passaram. Isso mostra o descaso para com essa parcela da sociedade, trazendo para o ambiente acadêmico a discussão sobre a Análise do Discurso a partir das perspectivas das pessoas surdas. Diferente da comunicação dos ouvintes, que se utilizam de signos auditivos, a dos surdos tem ancorada sua análise nos signos visuais, algo que imprime uma nova carga de significados e construção conceitual do mundo, em seus mais diversos valores, convenções, cultura e conhecimento.

Foram realizadas a análise das políticas voltadas para a surdez e do aparato jurídico que incidem nesse contexto em que se encontram os sujeitos e o levantamento de referenciais teóricos que abordam essa temática. Quanto ao registro, propõe-se que a comunidade surda tenha a oportunidade de expressar as muitas contradições apresentadas na educação que refletem em toda a sociedade. O desejo com esta dissertação é oportunizar a essas parcelas da população expor suas opiniões, percepções, apontando não apenas critérios, mas também possíveis soluções, assim como a proposição e a implementação de medidas que resultem na consolidação de regras e conceitos mais inclusivos, respeitando assim a cultura e a identidade surda.

Sobre a análise jurídica do tema, tomaremos como referência o Decreto Federal n.º 5.626/2005 (BRASIL, 2005), respaldado ainda por outros instrumentos legais inerentes à matéria, nacionais e internacionais. Esta dissertação propõe também um levantamento dos conceitos relacionados à Análise do Discurso, à Onomástica e a outros que certamente circundam o tema ora proposto, os quais devem ser problematizados e questionados. Para se alcançar maior clareza em nosso estudo, é importante abordar questões que não são meramente de ordem institucional, mas, sobretudo, social, psicológica, cultural, filosófica, fisiológica, jurídica e política.

3.3 AD DOS SINAIS-NOMES

Na AD francesa, a língua é compreendida como prática social, tendo como sustentação um sujeito do inconsciente, determinado socioideologicamente. Toda prática discursiva faz parte do “complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas” que caracteriza a instância ideológica em circunstâncias históricas determinadas (PÊCHEUX, 1995, p. 213). As questões de ideologia e de circunstâncias históricas refletem na criação do sinal-nome do sujeito que faz parte da comunidade surda.

Fazendo um panorama dos nomes nas culturas do mundo, de acordo com o estudo de Mindess (1990), os sinais-nomes na cultura surda americana, assim como outros nomes em outras culturas, seguem padrões de interação social. A autora cita, como exemplo, os Kandhs, uma comunidade da Índia Central cujos nomes são escolhidos da seguinte maneira: jogam grãos de arroz em uma tigela de água, enquanto seguem um ritual de leitura de uma lista de nomes de seus ancestrais; no momento em que um grão de arroz flutua, o nome que tiver sido mencionado naquele instante será o do bebê (MASANI, 1966 *apud* MINDESS, 1990).

Muitas culturas acreditam que os nomes devem ser únicos, assim como cada pessoa o é, e que devem refletir a identidade individual, e duas pessoas não devem ter o mesmo nome. Na cultura surda, isso pode ocorrer às vezes, dependendo do nome da pessoa e da característica física com que a pessoa foi batizada (MINDESS, 1990).

Stokoe (1960) realizou a primeira descrição estrutural da ASL. Ele propôs a decomposição dos sinais em ASL em três principais parâmetros: configuração de mão⁴ (CM), locação de mão⁵ (L) e movimento da mão (M). Conforme Ferreira-Brito (1995), a LIBRAS apresenta 46 configurações de mão (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Dentro desse processo dos sinais-nomes, podem ocorrer mudanças de sinal. Em algumas culturas, as pessoas podem ter até nove nomes diferentes durante a vida, representando assim diferentes fases da vida, como puberdade, casamento, um marco na vida ou quando se entra para um grupo em destaque (CHARLES, 1951 *apud*

⁴ Parâmetro das línguas de sinais referente à forma como a mão está ao ser efetuado o sinal.

⁵ Parâmetro das línguas de sinais referente ao local que a mão ocupa em relação ao corpo e ao espaço.

MINDESS, 1990). Na cultura surda, isso acontece também, mas necessita-se de mais análises desses discursos, para comparação em diferentes línguas de sinais.

Outro estudo sobre sinais-nomes na ASL, de Meadow (1977 *apud* MINDESS, 1990), tem uma perspectiva segundo a qual a entrada de um surdo para a comunidade surda pode ser marcada em um dos três períodos possíveis, e em algum deles tal surdo é batizado com um sinal-nome.

Todo sujeito é habituado a procurar suas origens, a seguir seu caminho de volta, sua linha de antecedentes, a reconstituir tradições, a seguir curvas evolutivas, a projetar teologias e a recorrer continuamente às metáforas da vida (FOUCAULT, 2008).

As relações de poder nas sociedades humanas são tensas, muitas vezes caóticas. Na vida em sociedade, as relações de poder estão cada vez mais patentes e reticentes. Diversos sujeitos sociais se enfrentam nas cenas sociais. Na área da educação não seria diferente, nem na Educação de Surdos (SÁ; VILHALVA; DINIZ, 2018). Em relação ao batismo, isso ocorre em determinadas instâncias. Considera-se o sujeito surdo o detentor de poder, ou seja, habilitado a outorgar os sinais de batismo. Analisar os discursos da comunidade surda é fundamental.

Discurso é a arqueologia das “camadas discursivas”, como as classifica Foucault (1999), na obra “As palavras e as coisas”; vai além da análise linguística. O discurso corresponde a um conjunto de enunciados que têm as mesmas regras de funcionamento (BERT, 2013). Foucault afirma:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2014, p. 8-9).

Existe ainda uma luta muito grande dos surdos pela sua autodeterminação, lembrando que os surdos são uma minoria linguística e cultural. Além disso, no seio da comunidade surda, muitos líderes se associam à conspiração do silêncio, acreditando que se atingem maiores progressos quando aqueles que detêm o poder não são ofendidos, mas sim tratados com discrição (LANE, 1997).

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este capítulo tem como objetivo explicar a escolha metodológica que embasa esta dissertação. Apresentam-se a abordagem de pesquisa, a metodologia que subjaz o seu desenvolvimento, o contexto da pesquisa, os participantes, os critérios de inclusão e exclusão de sujeitos participantes, os instrumentos para a coleta de dados, os procedimentos técnicos, com o acréscimo dos procedimentos de coleta e de análise de dados.

4.1 ESCOLHA DO OBJETO E DA METODOLOGIA

Esta pesquisa está situada na área da Linguística, mais especificamente ligada ao campo da Análise do Discurso. Para atingir os objetivos nela propostos, adota-se a abordagem qualitativa, a qual se caracteriza por sua forma de abordar a complexidade dos dados e por não se interessar em representatividade numérica, mas, sim, em adentrar no entendimento de um grupo social (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A partir desse esclarecimento, parte-se para a argumentação da metodologia adotada para a execução à qual esta dissertação se propõe. A metodologia está ancorada ao conceito de pesquisa de campo de cunho exploratória, a qual visa integrar conhecimentos que a autora já possui com os objetivos desta pesquisa. Tal tipo de pesquisa realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa, como pesquisa-ação e pesquisa participante (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A pesquisa qualitativa busca, a partir da leitura da realidade, não apenas observar os fenômenos e os discursos, mas de certa forma compreendê-los. Tal compreensão supõe uma interpretação (hermenêutica), a qual é entendida como indagação ou esclarecimento dos pressupostos, das modalidades e dos princípios da interpretação e da compreensão. Essa compreensão exige procedimentos ordenados e rigorosos que supõem um método de pesquisa e uma concepção de ciência diferentes da ciência natural analítica (GAMBOA, 1997).

4.2 CONTEXTO DA PESQUISA

Nas cidades de Goiânia e Manaus, foram selecionadas as instituições que têm um histórico relevante de realizações sociais junto à comunidade surda. Localizadas na cidade de Goiânia estão a Associação dos Surdos de Goiânia (ASG), o Centro Especial Elycio Campos, o Centro de Apoio ao Surdo (CAS) de Goiânia, a Universidade Federal de Goiás (UFG) – Campus Goiânia, o Sistema Educacional Chaplin e o Instituto Federal de Goiás (IFG) – Campus Goiânia; em Manaus, localiza-se a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) – Campus Manaus. Esses locais oferecem a oportunidade de aprendizagem de LIBRAS, seja como disciplina da graduação, seja como cursos livres, e são espaços de interação da comunidade surda, servindo de contexto desta dissertação.

A primeira instituição, a ASG, foi fundada no dia 12 de julho de 1975. A segunda, o Centro Especial Elycio Campos⁶, foi abrigada pela primeira e criada em fevereiro de 1992. Nos dias de hoje, está vinculada à ASG, que retrata a memória histórica construída durante os quarenta e cinco anos de sua existência, e através desse registro vivo a escola pode sempre relacionar seu ensino com o propósito e sua história. Em parceria com a Secretaria de Educação do Estado de Goiás (SEDUCE), a escola oferece uma educação voltada para o surdo. Na educação bilíngue, a LIBRAS é considerada como primeira língua, e o português, como língua de instrução-L2, segunda língua. Além disso, todos os profissionais do Centro Especial Elycio Campos são bilíngues, pois estão qualificados para atender as especificidades dos educandos surdos.

A terceira, o Centro de Apoio ao Surdo⁷ (CAS) de Goiânia, foi criada em 10 de outubro de 2005; é um centro de formação continuada, cujo objetivo é contribuir com a melhoria da educação ofertada às pessoas surdas. Sua especialidade é a formação de professores/intérpretes, professores de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e promoção de ações socioeducacionais com foco na relação entre surdo, família, escola e sociedade.

A quarta, o Curso de Letras – LIBRAS da UFG, foi criada pela Resolução CEPEC n.º 1.307, de 11 de julho de 2014 (UFG, 2014), e oferece 40 vagas anuais, com duração de 4 anos.

⁶ Ver História (c2021).

⁷ Ver Centro (c2021).

A quinta, a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), tem um curso de Letras – LIBRAS, criado pela Portaria n.º 4057/2013, de 29 de novembro de 2013 (UFAM, 2013), com 30 vagas anuais para o turno vespertino, com duração de 4 anos.

A sexta, o Sistema Educacional Chaplin, foi criada em 18 de novembro de 1987, cujo curso de LIBRAS é embasado pela Resolução CEE/CEP n.º 140, de 6 de dezembro de 2018.

A sétima, o Instituto Federal de Goiás (IFG), foi uma das primeiras instituições a oferecer o curso de Letras – LIBRAS, garantido pelos Pareceres CNE/CES n.º 492/2001 e CNE/CES n.º 1.363/2001 (QUADROS, 2014).

4.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os vinte e três participantes da pesquisa foram alunos, professores surdos/ouvintes e Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais e Língua Portuguesa (TILSP) dos cursos de Letras – LIBRAS da UFG e da UFAM, surdos sócios da ASG ou da ASMAN, podendo se estender para outras universidades federais do Brasil.



A escolha para a participação na pesquisa levou em consideração: (i) professores, intérpretes ou alunos regularmente vinculados ou matriculados em um curso de Letras – LIBRAS ou Letras – LIBRAS – Língua Portuguesa de uma das instituições listadas anteriormente; (ii) participantes comprovadamente associados da ASG. No caso dos alunos, eles têm que ter cursado, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das disciplinas oferecidas pelo seu curso.

Para professores e intérpretes, foram enviados os questionários (o de perfil e o investigativo) – aqui anexados – por e-mail, e, se fosse surdo; foi mandado um link do vídeo pelo YouTube.

O professor, aluno, intérprete ou sócio surdo que não quiseram responder aos questionários propostos ou expressaram o desejo de não mais participar da pesquisa foram excluídos desta.

Apresenta-se, adiante, a primeira página do relatório do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sobre esta dissertação.

Imagem 3 – Primeira página do relatório do CEP sobre esta dissertação

	UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM									
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP										
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA										
Título da Pesquisa: Os Sinais-nomes pela perspectiva da Análise do Discurso										
Pesquisador: LIVIA MARTINS GOMES										
Área Temática:										
Versão: 2										
CAAE: 24340919.6.0000.5020										
Instituição Proponente: Faculdade de Letras -Flet										
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio										
DADOS DO PARECER										
Número do Parecer: 3.778.333										
Apresentação do Projeto:										
<p>RESUMO: Este estudo tem como objetivo principal, analisar o discurso presente na construção dos sinais-nomes em uma perspectiva histórica, cultural e linguística dos membros da comunidade surda de Goiânia e Manaus. Esta pesquisa baseia-se na perspectiva teórica da Análise do Discurso, iniciada por Michel Pêcheux em 1960 e por outros autores importantes como FOUCAULT (1979), ORLANDI (1986, 1994, 1996, 2004) e FREIRE (2014); na área da Onomástica, como o trabalho de DICK (1980), sobre a taxonomia toponímica em geral; o trabalho de BRITO (2003) sobre nomes próprios; o trabalho de SOUZA JÚNIOR (2012), especificamente na Língua Brasileira de Sinais e o trabalho pioneiro de BARROS (2018) no Brasil, que apresenta uma proposta de categorização de sinais-nomes baseada em uma taxonomia antroponímica nas Línguas de Sinais. Analisa-se os discursos de professores surdos, ouvintes, intérpretes e CODAS, descrevendo-se a importância de se ter um olhar diferenciado no processo de construção e motivação do sinal-nome e seus reflexos. As influências e as relações de poder são problematizadas, especialmente nas questões de representação de cada participante da comunidade surda. Demonstra-se a importância da análise dos discursos de interação e pertencimento do participante que faz parte da comunidade surda. O aporte teórico é feito em Análise do Discurso e Onomástica, para se aprofundar na construção e motivação do sinal-nome, tendo como subitem as culturas ouvinte, surda e indígena. Essa pesquisa baseou-se no paradigma qualitativo; referências da metodologia</p>										
INTRODUÇÃO: Nesta pesquisa está sendo apresentado uma análise dos Sinais-nomes na										
<table border="0" style="width: 100%;"> <tr> <td style="width: 50%;">Endereço: Rua Tenente, 495</td> <td style="width: 50%;">CEP: 69.057-070</td> </tr> <tr> <td>Bairro: Adrianópolis</td> <td></td> </tr> <tr> <td>UF: AM</td> <td>Município: MANAUS</td> </tr> <tr> <td>Telefone: (02)3305-1181</td> <td>E-mail: cep.ufam@gmail.com</td> </tr> </table>			Endereço: Rua Tenente, 495	CEP: 69.057-070	Bairro: Adrianópolis		UF: AM	Município: MANAUS	Telefone: (02)3305-1181	E-mail: cep.ufam@gmail.com
Endereço: Rua Tenente, 495	CEP: 69.057-070									
Bairro: Adrianópolis										
UF: AM	Município: MANAUS									
Telefone: (02)3305-1181	E-mail: cep.ufam@gmail.com									

4.4 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS

Com a finalidade de coletar os dados para esta pesquisa, foram utilizados três instrumentos de pesquisa: pesquisa documental, questionário e entrevista. A seguir, descrevem-se os instrumentos utilizados.

4.4.1 A pesquisa bibliográfica

Os procedimentos de pesquisa bibliográfica abrangem tudo o que é público em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas (revistas, livros, pesquisas, monografias, teses etc.) até meios de comunicação orais (áudio, *podcast* etc.) e audiovisuais (filmes e televisão) (MARCONI; LAKATOS, 2007).

Essa forma de pesquisa respondeu à nossa expectativa, pois foi utilizada para a primeira parte do trabalho, diminuindo o risco de escrever o que já foi dito sobre certo assunto, oportunizando a pesquisa de um tema sob um novo foco ou abordagem e chegando a conclusões inéditas (MARCONI; LAKATOS, 2007).

O Projeto Pedagógico de Curso foi o documento analisado nos Cursos de Letras – LIBRAS (de Manaus e de Goiânia) para verificar como está sendo incluído o sinal-nome nas disciplinas de Estudos Culturais e Cultura Surda e outras relacionadas nas duas universidades. Também foram analisados os Planos de Curso utilizados nos cursos em que o ensino da LIBRAS é oferecido. Nessa fase de coleta de dados, foi realizada uma busca nos sítios eletrônicos das universidades federais citadas para se obterem os Planos Pedagógicos dos Cursos.

4.4.2 O questionário

O primeiro instrumento escolhido para a coleta de dados foi o questionário, que Marconi e Lakatos (2007) definem como uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Depois de preencher o questionário, o pesquisado devolve-o ao pesquisador. Junto com o questionário, vem uma nota ou e-mail explicando a natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de obter respostas, tentando despertar o interesse do recebedor, no sentido de que ele preencha e devolva o questionário, dentro de um prazo (MARCONI; LAKATOS, 2007).

O questionário possui como vantagens: economia de tempo, alcance simultâneo de várias pessoas, ampla área abrangida, respostas mais diretas e livres, anonimato do participante, impessoalidade das respostas e maior tempo para o participante responder (MARCONI; LAKATOS, 2007).

O segundo momento da geração de dados ocorreu a partir do Questionário de Perfil, cujo objetivo foi traçar as características de perfil dos estudantes da pesquisa, pois o questionário traduz os objetivos do estudo em questões específicas (GIL, 2019).

4.4.3 A entrevista

A entrevista foi outro instrumento utilizado para esta pesquisa, pois, de acordo com Marconi e Lakatos (2007, p. 80),

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações sobre determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. Trata-se de um procedimento utilizado na investigação social, coleta de dados, para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

Lüdke e André (2013) recomendam certos cuidados nas entrevistas: primeiramente é preciso ter um respeito muito grande pelo entrevistado, o que envolve desde a marcação de local e horário convenientes ao participante, assim como o cumprimento destes por parte do entrevistador, até a garantia do sigilo e anonimato de seu informante. Também deve ser respeitado “[...] o universo próprio de quem fornece as informações, as opiniões, as impressões, enfim, o material em que a pesquisa está interessada” (LÜDKE; ANDRÉ, 2013, p. 41).

É importante ressaltar que o roteiro da entrevista para os informantes surdos foi disponibilizado em língua de sinais por meio de um link do YouTube.

4.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Exponho, nesta seção, os procedimentos para a coleta dos dados da pesquisa. Os entrevistados foram convidados a participar, mediante um e-mail, e depois a assinar um termo de aceite de divulgação das respostas, que também traz explicações sobre a pesquisa (Apêndice A). Após a anuência, foram feitas entrevistas em encontros agendados conforme disponibilidade dos sujeitos, no segundo semestre do ano letivo de 2019.

Essas entrevistas tiveram um roteiro pré-definido com questionário elaborado para cada sujeito da pesquisa contendo questões abertas, procurando atender aos objetivos sem induzir as respostas (Apêndice B). Ocorreram individualmente, foram realizadas em língua de sinais e gravadas em vídeo. Após isso, foi feita a transcrição para posterior análise, de acordo com os teóricos do contexto desta dissertação. Em observância à ética na pesquisa, aos participantes foi enviado um convite, por e-mail e, caso aceitassem, assinavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C).

4.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Após a coleta dos questionários, foi feita a leitura das respostas, e retida a ideia central de cada uma, levantando seus aspectos relevantes. Depois, foram agrupadas por categorias definidas a posteriori, pois não foram estabelecidas previamente, procurando agrupar as respostas semelhantes.

Posteriormente, ocorreu a tabulação dos dados, verificando quantas vezes uma informação apareceu a partir de um dado recorte, em categorias escolhidas pelo pesquisador (MOROZ; GIANFALDONI, 2006). Em seguida, foi feita a interpretação dessas informações, tendo em vista os objetivos estabelecidos inicialmente e a confrontação/discussão dos dados obtidos entre os sujeitos. Assim, pôde-se estabelecer conexões entre os resultados obtidos e os de outras pesquisas, apontando diferenças, semelhanças, avanços e confirmações.

Para finalizar o trabalho, foram feitas considerações acerca desses resultados, a fim de se contribuir com propostas de novas rotinas, ou seja, propostas de sequências didáticas (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004) para que os alunos e futuros professores e intérpretes entendam o processo do sinal-nome. Essa construção deve ser mais detalhada e profunda, respeitando o discurso e a cultura dos docentes, discentes, intérpretes e CODAS da comunidade surda de todo o Brasil.

5 CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS

Esta pesquisa contou com 23 participantes, envolvendo surdos e ouvintes, os quais foram entrevistados pela pesquisadora em LIBRAS ou em português, de acordo com a preferência do participante. A cada um foram feitas dez perguntas, as quais estão listadas nos anexos desta dissertação. Todas as pesquisas foram realizadas pela pesquisadora, que é ouvinte, CODA, fluente em LIBRAS, e registradas pelo notebook Dell; cada entrevista teve uma duração diferente.

Para cada sinal-nome que os entrevistados fizeram, foram-lhe referidas a taxa a qual faz parte (BARROS, 2018; SUPALLA, 1992) e a descrição de como é o sinal (PIMENTA; QUADROS, 2006), usando os parâmetros da LIBRAS, como configuração de mão (CM), orientação da palma (OP), ponto de articulação (PA) e movimento.

Imagem 4 – Configurações de mão na LIBRAS



Fonte: Pimenta e Quadros (2006)

5.1 TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

As entrevistas foram feitas via aplicativo Google Meet, em que foram gravadas com consentimento de todos os entrevistados, e respondidas em LIBRAS e Língua portuguesa oral através de questionário de perfil e questões da pesquisa. Os trechos ditos pelos entrevistados estão em itálico e foram adaptados das falas originais. Os nomes dos entrevistados foram trocados por nomes fictícios, por questões de sigilo. Ressalta-se que, para preservar a identidade dos participantes, estão denominados nesta pesquisa por pseudônimos escolhidos pela autora com base nos seus familiares e amigos.

5.1.1 Entrevista 1

Jessica respondeu às questões em LIBRAS. Começou sinalizando sua apresentação pessoal. *Fui batizada na LIBRAS há quatorze anos na ASG.* Ela é ouvinte e descreveu seu sinal-nome, que utiliza a CM n.º 1, OP para baixo, encostando no punho da outra mão esquerda com a mesma CM n.º 1. Analisando seu sinal-nome, chegou-se à taxa ELO 1 e 1.1, e também ao Aspecto Comportamental 3.2.2 (acessórios), pois destacou-se sua paixão por pulseiras finas brilhantes. Sendo assim, sua marca na hora do batismo na LIBRAS foi a primeira letra do seu nome no pulso. O professor surdo se preocupou na hora do batismo para o que o sinal da aluna não lembrasse o sinal de “chamar”, realizado no dorso da mão, podendo confundir as outras pessoas; assim especificando na lateral do pulso.

Analisando seu discurso, nota-se em um momento que, mesmo já tendo sido estabelecido seu sinal-nome na comunidade surda, inclusive por um surdo, uma outra pessoa surda, depois de um tempo em seu trabalho, sugere outro sinal-nome, pois justifica que o sinal da Jéssica lembrava o sinal de “preso” na LIBRAS, por ser no pulso. Essa surda sugeriu trocar por outro que se refere às três pintas no pescoço, remetendo ao aspecto físico. Eu prefiro o primeiro sinal dado pelo meu primeiro professor surdo, pois a sugestão da surda remetia ao sinal de “morcego”, o que não me trazia conforto. Quanto à questão 9, uma questão subjetiva, Jéssica disse que usar pulseiras brilhantes lhe traz muita alegria, também destacando sua consciência

de que não pode usá-las quando estiver dando aula ou fazendo uma interpretação para LIBRAS, pois tira o foco do surdo.

A Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guias-Intérpretes de Língua de Sinais (FEBRAPILS, 2016) tem em seu site⁸ o Código de Ética do Tradutor Intérprete de LIBRAS, um documento institucional que descreve como o profissional que irá trabalhar com a língua deve proceder. No Art. 10, item 4, fala-se sobre a postura e a aparência. Se formos sinalizar na aula ou na interpretação, não se deve usar itens que chamam a atenção. Meu sinal-nome é minha marca pessoal na comunidade surda. Na última questão da entrevista, ela diz que o batismo é uma interação do surdo com o ouvinte e que o batismo realizado pelo sujeito surdo já faz parte da cultura surda, pois eles têm facilidade em percepção visual. Existe liberdade para o ouvinte gostar ou não gostar, podendo pedir para trocar por outro sinal-nome que tenha mais feito; o surdo precisa aceitar seu sinal-nome, sendo uma interação de acordo com a pessoa que está sendo batizada.

Apenas o surdo pode batizar; o ouvinte pode até criar, mas precisa mostrar àquele para que possa validá-lo ou não, respeitando a posição do surdo. Os intérpretes precisam encontrar uma forma de criar sinais ou fazer um acordo em sala de aula, por exemplo, de uma notícia do primeiro aluno surdo do curso de medicina da UFG⁹. O intérprete pode, para facilitar a interpretação, criar sinais provisórios, pois também precisa da validação dos professores universitários surdos. O TILSP pode pesquisar e consultar outros surdos e também em grupos, mas a maioria dos professores não envia o material antecipado, dificultando o trabalho do intérprete.

Devemos respeitar a posição do surdo, pois no outro dia ele traz o sinal que já existe e você pode substituir e atualizar, sendo bom para ambas as partes. A LIBRAS é como o português, ou seja, ela é feita para você comunicar, não é de ninguém; ninguém é dono dela. Existe também a questão do batismo na comunidade dos surdos-cegos¹⁰. Quando a pessoa se apresenta para o surdo-cego e mostra seu sinal, recebe outro sinal na comunidade surda-cega, pois a percepção é diferente da pessoa que é apenas surda. Então, no caso, o surdo-cego muda o ponto de articulação do seu sinal primário, tendo ela dois sinais-nomes a partir daquele momento. Para qualquer pessoa que se apresentar para o surdo-cego com seu sinal da comunidade

⁸ Ver [Documentos... \(2016\)](#).

⁹ Ver [Primeiro... \(2019\)](#).

¹⁰ Há um número grande deles em São Paulo e em outros Estados do Brasil.

surda, será criado outro sinal na comunidade surda-cega, pois a percepção do surdo-cego será pela textura da pele, tato, paladar, olfato, a questão do cheiro, temperatura do corpo. Nessa comunidade surda, usa-se Tadoma como meio de comunicação. Entendemos que há grupos diferentes com necessidade diferentes.

5.1.2 Entrevista 2

Mariana, ouvinte, apresentou seu nome e seu sinal-nome em LIBRAS. Seu sinal-nome usa a CM n.º 29, PA na lateral do olho direito, OP para a esquerda, movimento de encostar. *Aprendi LIBRAS há trinta anos, em 1996, em uma igreja Católica que frequentava na cidade de Goiânia. Tinha uma prima Surda e sempre ficava observando os Surdos que frequentavam lá também.*

Imagem 5 – Sinal de Goiânia, na LIBRAS



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Imagem 6 – Sinal de Goiás, na LIBRAS



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Seu sinal-nome possui a taxa de Empréstimo de Língua Oral (ELO) e Aspecto Físico 2.7 (formato dos olhos). Quando eu ria, os meus olhos ficavam pequenos e isso se destacou entre os surdos, vindo a se tornar o meu sinal-nome. Fui batizada por um surdo na igreja que frequentava, e comecei a entender que isso era o meu destaque na comunidade surda; os meus olhos fecham quando eu sorrio.

Fiquei com o mesmo sinal até os dias de hoje, sem nenhuma alteração. Percebi que a maioria dos surdos trocam seu sinal-nome depois que percebem sua importância na comunidade surda. No caso da maioria dos surdos que são sozinhos na família de ouvintes e têm um sinal-nome qualquer, quando percebem o olhar do outro e a marca que representa no povo surdo, existe um sentimento de insatisfação que faz o surdo querer mudar seu sinal-nome, às vezes ele mesmo se autobatiza. Existe uma contradição: dizem que o surdo puro não gosta de configuração; ela percebeu que muitos usavam a letra do nome (de acordo com a taxa ELO) com a marca pessoal.

Respondendo à questão nove, o meu sinal-nome tem um valor e uma importância muito grande. Percebo que a maioria dos meus alunos surdos erra alguma letra do meu nome, principalmente no final, seja no WhatsApp ou e-mail, mas em relação ao meu sinal-nome, não. Por exemplo, eu fico anos sem ver um surdo, mas quando o encontro, o surdo já faz seu sinal quando o vê; o meu sinal-nome está marcado nos surdos. Meu sinal-nome tem significado para meu grupo de amigos surdos, mais do que o nome em português escrito. Quando estou com a família e amigos íntimos, me chamam pelo apelido. Na língua portuguesa temos divisões de grupos, formal, documento; amigos e familiares, o apelido; na LIBRAS, é só um sinal-nome sempre.

Meu sinal-nome me dá conforto, intimidade, representa minha pessoa dentro da comunidade surda. Tem muito valor pra mim, estará guardado no coração de muitos surdos durante minha trajetória. Sobre a última questão do questionário da pesquisa, a pergunta é muito importante, pois ela provoca discussão. Antes de responder, penso que o nome em português e o sinal-nome têm valor igual, em contextos diferentes. Por exemplo, você não pode impedir uma pessoa de usar um nome italiano mesmo tendo nascido no Brasil; então a gente percebe muitos nomes diferentes, pronto. Outro exemplo: tem nomes que é claro que pertencem a outras comunidades. Exemplo: um nome indígena, ou outro país. Aí eu penso: antes, comunidade surda era fechada; era pequenininho, então era possível ter sinal próprio,

único, mas hoje percebe o quê? Comunidade surda ampliou, trânsito maior. Eu lembro de uma professora dentro da UFG, nome Manoela, começou um trabalho com dois ou três surdos. Aí precisou do sinal dela, aí o primeiro sinal-nome dela colocou o sinal igual o meu, aí um surdo disse: “Não, esse sinal já tem dono”. E disse que não podia ser aquele sinal-nome, e mudaram o sinal-nome dela por outro.

Aí eu penso: eu já percebi, alguns sinais seguem a datilologia; acontece um empréstimo da língua oral, seja por inicialização ou uma letra, como, por exemplo, do nome como Lorena, Laura, segue a primeira letra do nome. Hoje é possível pessoas diferentes ter o mesmo sinal. Antes tinha, mas não se percebia porque era fechado. Tem um surdo nos EUA, o nome dele é Ted Supalla. Ele fala que só surdo pode batizar na língua de sinais. Mas eu percebo filho de surdo, surdo ou ouvinte, tem sinal com letra do português, e ainda citou meu sinal que tem letra, e eles como surdos tiveram o poder total. Eu não concordo quando uma pessoa fala “não pode”. Não é próprio seu, outras pessoas que usam, você nunca usa seu nome; não precisa.

Seu nome e seu sinal-nome pertencem a outras pessoas, quem pode batizar na LIBRAS é só surdo, mas, por exemplo, você é ouvinte (CODA), você tem a história com o surdo, mas você é ouvinte. CODA não é surdo. Você tem filho ouvinte, ela precisa sinal-nome, você não pode batizá-la? Pois mamãe que gosta, sabe consciência, conhece a língua, não pode porque não é surda. Eu penso que é maior, precisa de mais elementos, se possível ou não, gosto, sei, consciência, respeito; minha filha, posso batizá-la. Eu, particularmente, nunca batizei, porque tem sempre um surdo junto de mim, porque sempre que a língua de sinais está presente, é porque tem surdo. Agora que o interesse aumentou exponencialmente, porque agora tem visibilidade na TV, Youtube, nas lives.

Vamos imaginar em um grupo de pesquisa, por que precisa de sinal? Eu me lembro de fazer um trabalho de política do candidato na época, Marconi, lá atrás com outro intérprete. Inclusive, na época, quem criou o sinal do candidato fomos nós dois, que atuamos na campanha dele. No momento das filmagens, não tinha surdo. Então nos dois discutimos e decidimos o sinal dele, nós dois, ouvintes, mas pensamos que precisava de uma marca dele. E ficou sendo o M dobrando a camisa, pois ele sempre dobrava a manga. Enfim, eu penso que não pode dizer que só o surdo pode batizar. Eu defendo o quê? Se possível, acontecer junto com o surdo, ok? Preferência a ele, ele primeiro, pois às vezes acontece, o surdo batiza e você diz: “não, olha mais, precisa ser profundo, porque parece raso”. Aí o surdo responde: “precisa tempo mais,

para perceber profundo o sinal-nome para a pessoa”. Aí ele, reflexão e consciência, eu penso que precisa. Agora se sozinho, ouvinte, e precisa, dependendo do contexto, eu não vejo problema.

Porque eu penso, e não preocupo: aquele sinal, depois que a pessoa passar a participar da comunidade surda, aquele sinal-nome dela irá passar por um filtro. Esse sinal-nome poderá se perder ou se fortalecer. Quantas pessoas batizam e aquela pessoa nunca mais usa aquele sinal; perde, esquece. O sinal-nome traz uma marca. Mas se futuro marca forte ou fraca é o uso dentro da comunidade do grupo surdo que irá validar esse sinal-nome. É igual o nome na língua portuguesa: quantas pessoas têm um nome que não gosta, muda, diminui, troca, por quê? Porque o nome é uma marca, e o seu uso não é próprio, é de outras pessoas. Conclui dizendo que tanto seu nome em português como em LIBRAS, depende do uso de outras pessoas, e deu um exemplo: se há uma pessoa que morreu muito tempo atrás, mas se ela lembra o nome dela, ela continua viva dentro de você.

Nome é uma referência; tenho um artigo que fala sobre o sinal-nome, mas está no prelo. Meu artigo discorda do Ted Supalla, pois os surdos que fizeram parte da minha pesquisa trocam seus sinais por sinais novos que têm letralidade, por opção deles, e também dando sinais pra filhos com a inicialização dos nomes em português. Em que surdos jovens, entre vinte cinco anos, também usam a letra dos nomes dos filhos para batizar em LIBRAS. O uso da letra pelos surdos dá a eles um empoderamento. Ele está dizendo para a comunidade que o português eu domino, eu escolhi, eu uso porque eu sei, e não o contrário. Ted vê a inicialização da letra como submissão, e eu coloco no meu artigo que quando o surdo faz essa escolha, ele está mostrando, na verdade, o poder dele sobre a língua portuguesa. Nesta outra perspectiva, na minha coleta de dados, os surdos tinham essa consciência, eles tinham sinal, e eles mesmos tiveram motivação para mudar seu próprio sinal-nome; essa motivação dentro da linguística é de empoderamento. Pois a língua portuguesa é um desafio para o surdo. Então é uma forma dele dizer: “Eu domino isso aí!” É nesse sentido. Quando o publicar, te enviarei.

5.1.3 Entrevista 3

Helena apresentou seu nome e seu sinal-nome em LIBRAS, que tem CM n.º 8, PA no queixo, OP para a esquerda, movimento de encostar no queixo.

Aproximadamente no ano de 2004, fui batizada com meu sinal-nome, que foi quando comecei a estudar e aprender LIBRAS; foi no Centro de Apoio ao Surdo de Goiânia (CAS), que na época era uma escola referência de surdos.

Imagem 7 – Sinal de CAS (Centro de Apoio ao Surdo), em LIBRAS



Fonte: Elaborado pela autora

Na Escola Estadual Maria Luzia, havia uma professora surda, e foi ela que me batizou. Lembro que ela olhou pra mim e já foi me dando meu sinal-nome. Achei estranho e perguntei: “Mas por que assim?” É que você tem uma marca física que destaca no seu queixo. E colocou usando a primeira letra no nome. O sinal-nome tem a taxa ELO 1.1 (inicialização), 1.2 (primeira letra) e Aspecto Físico no queixo. Em relação ao meu sinal-nome, me sinto muito feliz, pois ele me passa alegria de saber que serei reconhecida pelos surdos. Meu sinal-nome me representa, uma característica física em mim, minha marca.

Sobre a última pergunta, o batismo primeiramente tem que ser dado pelo surdo, lógico, pois a língua de sinais é própria dele e isso tem que ser respeitado. Mas se, no caso, o professor surdo estiver com dificuldade de dar o sinal-nome para alguma pessoa, e esse ouvinte tiver um histórico, uma experiência com a comunidade surda, ou até um contato mais antigo com quem irá receber o sinal, ele pode dar o apoio, ajudá-lo a dar o sinal-nome. Essa é minha opinião, mas principalmente tem que ser o

surdo. Eu nunca batizei ninguém com um sinal-nome, pois sempre tem um surdo próximo de mim que já fica responsável por esta parte.

Tenho muitas dificuldades em memorizar os sinais-nomes de ouvintes, o que não acontece com os sinais de surdos. Respondi a ela que, pelo contrário, tenho muita facilidade de memorizar os sinais-nomes de ouvintes e surdos. Penso que, por ser CODA, pra nós é mais fácil decorar o sinal-nome do que o nome em português, devido à memória visual que desenvolvemos desde bebês. Esses assuntos sobre o sinal-nome não são discutidos, a questão da família todos serem batizados e outras questões relacionadas. Então, este trabalho vem para provocar novas reflexões na comunidade surda.

5.1.4 Entrevista 4

Edna se apresentou e fez seu nome e seu sinal-nome em LIBRAS atual, que usa a segunda letra de seu nome, CM n.º 8, PA de frente aos dentes, OP para a esquerda, movimento de bater e tem a taxa de Aspecto Físico, 1.2 (uma letra).

No meu primeiro contato com a comunidade surda, meu primeiro sinal-nome usou a primeira letra do meu nome, com a taxa ELO 1.1 (inicialização) e 2.13 (no queixo). Aos vinte e nove anos, fui fazer uma viagem com uma amiga ouvinte a passeio, para outro Estado, o Amapá. Na época, eu tinha apenas o básico da LIBRAS, que fiz em um curso de duas semanas apenas, que usava mais datilologia na época. E durante essa viagem, conheceram uma surda dessa região do Amapá. Ela foi a responsável pelo meu primeiro sinal-nome, e na época foi escolhida a primeira letra de seu nome, como citado anteriormente acima, no local de frente aos dentes da frente.

Retornando à sua cidade, depois de uns quatro meses, encontrei um surdo. E quando estava me apresentando, ele me perguntou o porquê do meu sinal-nome, e eu respondi que era por causa de uma mania de comportamento de morder os lábios, ou seja, taxa de comportamento. Achei interessante, pois eu não tinha percebido antes essa mania de morder os lábios antes, e a surda percebeu mesmo pelo meu pouco tempo de contato com ela. Mas o surdo da minha cidade disse que meu sinal-nome era igual de um político da cidade, que era melhor trocar, e ainda acrescentou que esse político era corrupto. Então eu perguntei a ele se poderia trocar de sinal-nome nessa situação, e ele respondeu que sim. Então ele pensou em outro sinal-

nome para mim, juntamente com uma amiga intérprete de LIBRAS que estava no momento. Fiquei com medo pelo segundo sinal, fiquei angustiada pois não sabia se iria gostar. Um amigo me chamava de um apelido com a letra L, então primeiramente direcionou à frente; meu amigo me disse que não; parece sinal de “vaca”. Então percebeu uma marca no meu queixo e marcou com a mesma letra. Perguntou se eu gostei e eu concordei com o segundo batismo na LIBRAS, e ficou oficializado com testemunha. Eu brinco que fiquei com trauma, de uma certa forma, marcada em minha história; esse batismo foi realizado em um curso oferecido pela FENEIS em Manaus.

Em relação à questão 09 do questionário de perfil, para mim, o sinal-nome é a minha identidade dentro da comunidade surda. É muito bom ter meu próprio sinal-nome dentro desta comunidade. Eu tenho meu nome na comunidade ouvinte e sinal-nome na comunidade surda. E esta identidade dentro da comunidade surda não é uma identidade surda e sim uma identidade em que o surdo me vê como aquela que me deu meu primeiro sinal; me enxergou além de mim, com sua percepção visual que captou meu comportamento, e o segundo surdo que percebeu minha marca no queixo, e tudo isso foi muito importante pra mim, uma marca histórica.

Na última questão, tenho dificuldade de responder. Bem, irei responder essa questão como professora universitária. Às vezes, ministro a disciplina de LIBRAS B, que é uma disciplina de sessenta horas de LIBRAS em cursos de licenciatura. Nestas disciplinas, acontece dos alunos ouvintes pedirem para serem batizados na LIBRAS, no caso, receberem o sinal-nome. Eu, como professora ouvinte, não tenho “feeling” para tal ato de batizar na LIBRAS; aquela percepção que o nativo surdo tem. Tenho contato com surdos, tenho as minhas percepções necessárias das questões físicas e comportamentais, mas penso que seja direito do surdo dar o sinal-nome. Me recordo de quando viajei de barco, para ministrar a disciplina de LIBRAS pelo PARFOR¹¹, no interior do Amazonas.

¹¹O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (**PARFOR**) é um programa emergencial criado para permitir a professores em exercício na rede pública de educação básica o acesso à formação superior exigida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Imagem 8 – Sinal de PARFOR



Fonte: Elaborado pela autora

Uma dessas turmas foi em uma comunidade grande indígena do Amazonas que se chama Baré¹², bem distante da capital (Manaus). *Existe um sinal novo para a palavra INDÍGENA, criado pela professora Tatyana Sampaio Costa, professora do curso de Letras LIBRAS da UFAM, como mostra a foto abaixo.*

Imagem 9 – Sinal de INDÍGENA, criado pela profa. Tatyana Sampaio Costa



Fonte: Elaborado pela autora

Outro colega, professor da UFAM (cujo sinal-nome tem a CM n.º 5, PA no dorso da mão esquerda), também ministrou a disciplina de Libras em uma comunidade

¹²Os índios Baré e Werekena (ou Warekena) vivem principalmente ao longo do Rio Xié e alto curso do Rio Negro, para onde grande parte deles migrou compulsoriamente em razão do contato com os não-índios, cuja história foi marcada pela violência e pela exploração do trabalho extrativista. Oriundos da família linguística aruak, hoje falam uma língua franca, o nheengatu, difundida pelos carmelitas no período colonial. Integram a área cultural conhecida como Noroeste Amazônico (MEIRA, 2002).

indígena que se chama Yanomami¹³. Fizemos algumas discussões sobre essa comunidade, comparando a língua da comunidade Baré com a língua da comunidade Yanomami, mostrando o sinal desta comunidade, que é a mão dominante com a CM em “D” no queixo. O detalhe da expressão facial dele é a língua por dentro do queixo, e o movimento da mão dominante é batendo o indicador no queixo (como na foto abaixo).

Imagem 10 – Sinal de Yanomami



Fonte: Elaborado pela autora

Durante esse debate com o colega de trabalho, discutimos sobre a língua em uso dessas comunidades e seus costumes. Entre esses costumes, se realiza um ritual (ela usou o mesmo sinal para reunião) em ambas as comunidades, para se dar um nome próprio indígena para as pessoas dessa comunidade e para quem chega nela. *Também viajei para ministrar a disciplina de LIBRAS, em outra cidade distante, para uma comunidade chamada Tikuna¹⁴, tendo essas duas experiências em comunidades indígenas amazonenses; as três comunidades citadas realizam esse ritual de batismo de nome na língua indígena da comunidade. As duas em que eu atuei como professora têm esse costume de fazerem rituais de batismo do nome indígena, sendo*

¹³Os Yanomami são um dos maiores povos indígenas relativamente isolados da América do Sul. Eles vivem nas florestas e montanhas do norte do Brasil e no sul da Venezuela (OS YANONAMI..., c2002).

¹⁴Os **Ticuna (Tikuna, Tukuna ou Magüta)** são um povo ameríndio que habita atualmente na fronteira entre o Peru e o Brasil e o Trapézio amazônico na Colômbia. Formam uma sociedade de mais de 50 mil indivíduos, divididos entre Brasil (36 mil), Colômbia (8 mil) e Peru (7 mil), sendo o mais numeroso povo indígena da Amazônia Brasileira. A língua ticuna é geralmente classificada como uma língua isolada, entretanto pode estar relacionada à língua yuri, já extinta (TICUNAS, 2021).

que eles têm seus nomes em português e na língua indígena da sua comunidade. Esse ritual ocorre observando-se o comportamento de cada um desde criança ou jovem. É interessante que na comunidade Tikuna os nomes são relacionados a grupos de famílias de animais, como aves, macacos, peixes e outros.

Quando cheguei nessa comunidade, eles observaram pelo meu jeito que eu sou da família das flores. Na primeira vez em que ministrei aula pelo PARFOR em uma comunidade indígena, fui ensinar Latim, ficando aproximadamente vinte dois dias nessa cidade. Então, eles tiveram tempo de me observar durante esses dias, a forma que me comunicava; fiz muitas perguntas a eles a respeito da cultura indígena e eles também me perguntaram. Então, quando finalizei o curso para eles, eles quiseram me mostrar coisas da cultura do povo, como danças, desenhos, pinturas e filmes. E, no final de tudo, eles me disseram que tinha sido batizada com um nome Tikuna, e fiquei muito emocionada de ter ganhado esse nome; achei muito legal. Então retornei a Manaus, e depois de um tempo, viajei novamente de barco à comunidade Baré, nessa cidade fiquei menos tempo, foi uma semana. E não comentei com eles que já havia ganhado um nome em outra comunidade indígena, fiquei caladinha só aguardando o novo nome. Tinha ficado na comunidade Tikuna por bastante tempo, já nessa foi bem menos. Então pensei: foi pouco tempo para terem uma boa percepção do meu comportamento. Lembrando também do meu colega de trabalho que teve a experiência de estar na comunidade Tikuna, para ministrar LIBRAS. Ele ficou totalmente isolado, sem energia elétrica, televisão, e também ficou vários dias, sendo assim também foi batizado com um nome na língua Tikuna.

Observando essas comunidades indígenas, comparadas com a comunidade surda, me recordei de quando fiz meu primeiro curso de LIBRAS com uma missionária ouvinte, e ela tinha avisado à turma de que apenas o surdo batiza na LIBRAS. Compreendi e continuei estudando. E quando encontrei a surda no Estado do Amapá, que mencionei no início do meu relato, disse quando a conhecia e que queria ser batizada, e me lembro que ela me respondeu, dizendo: “Calma, preciso te observar com calma”, que levava tempo para se criar um sinal-nome na LIBRAS. E durante duas semanas, ela ficou só observando os detalhes e me deu finalmente o sinal nome, referente à mania que tinha de morder os lábios, ficando com os dentes para fora quando assistia TV, que nem tinha notado antes dela mencionar. E refletindo sobre meu segundo sinal-nome, já tinha me olhado no espelho milhões de vezes, e nunca tinha parado para analisar meu queixo, e percebido que tinha uma divisão bem no

meio. Fiquei impressionada com as duas percepções marcantes em relação aos meus sinais-nomes.

Comparo a visão dos surdos com a visão de raio-x, e eu não tenho essa mesma percepção sendo ouvinte. Me lembro de já ter auxiliado um amigo surdo para criar um sinal-nome, por exemplo, no sinal de uma professora de uma disciplina do mestrado que fazíamos juntos. Sempre ficávamos fazendo a datilologia do nome dela, e meu amigo surdo dizia: “Depois, pois leva tempo para criar”. Então dei uma “mãozinha”; dei a dica do corte de cabelo e mania de pegar nos cabelos curtos, e meu amigo concordou. Então perguntei: qual o sinal-nome dela? E ele pegou a primeira letra do nome da professora e puxou as pontas dos cabelos; então eu auxiliei nas dicas, mas quem finalizou e criou o sinal-nome foi meu amigo surdo. Então percebi que posso ajudar com algumas dicas, orientações para o surdo, facilitando assim na criação do sinal-nome de um ouvinte, com quem às vezes ele não tenha tanto contato.

A criação do sinal-nome é uma característica do povo surdo, que faz parte da língua e cultura surda. Em relação aos CODAS, nunca tinha parado para pensar, mas depois que te conheci e a outra professora CODA, percebi que vocês CODAS têm uma alma dividida: uma metade é surda e a outra ouvinte. Então, falando sobre a UFAM¹⁵, os professores têm o costume de ter uma data para batizar os alunos. Não concordo de ter um dia de batismo específico, e de batizar todos os alunos no mesmo dia, com pouco contato, eu acho que precisa de contato, ter tempo necessário para conhecer as características físicas e o jeito do aluno, sua essência.

¹⁵A Universidade Federal do Amazonas (UFAM) é uma instituição de ensino superior pública brasileira, localizada no estado do Amazonas e uma das mais importantes do Brasil. É amplamente considerada como a primeira instituição de ensino superior do país, fundada em 17 de janeiro de 1909. Originou-se da extinta Escola Universitária Livre de Manáos, desmembrada da Faculdade de Direito, formando o embrião da atual UFAM. Foi instalada em 15 de março de 1910 e denominada como Universidade de Manaus em 13 de julho de 1913.

Imagem 11 – Sinal da UFAM, na LIBRAS



Fonte: Elaborado pela autora

Me desculpe o exemplo que vou usar, mas me parece aquele momento que os boiadeiros fazem com o gado: faz a fila da boiada para marcá-los; penso que seja assim com os alunos que não tem contato direto. Penso que tudo tem que ser feito com sentimento, e só as características físicas é muito pouco, precisa-se de mais, pois é uma identidade. E, no futuro, quando perguntarem a esse aluno como foi a história da criação do seu sinal-nome, ele responderá que não sabe, que foi o professor surdo que me deu. Sem detalhes, sairá um sinal apenas com a parte física, sem detalhes do jeito da pessoa. Bem, essa é a minha opinião. E sobre os CODAS, penso que podem batizar, sim, como eu havia dito; eles têm a metade surda e a metade ouvinte, mas, claro, tem que ser aqueles CODAS que têm contato com a comunidade surda. E em relação a ouvintes batizarem, penso que não tem essa identidade para tal.

Para poder cooperar na hora da criação do sinal-nome, o ouvinte precisa conhecer a comunidade surda. Às vezes acontece uma situação em sala de aula de um colega querer dar um sinal, mas aquela é a percepção do ouvinte e não do surdo, são percepções diferentes. Apenas aqueles que estão imersos na cultura surda, que tem bastante contato. Sobre os CODAS, não são todos, pois não adianta ter contato apenas com os pais para poder criar um sinal-nome. Será importante ele ter contato com a comunidade surda. Vamos pensar em um CODA que faça faculdade de Engenharia ou Química, por exemplo. Então ele não está na educação e não atua como intérprete. Ele tem contato com os pais e eventualmente com a comunidade surda; então um colega dele encontra com ele junto com os pais e ele está sinalizando,

pois ele precisa sinalizar para conversar com os pais. E então esse amigo dele comenta que ficou sabendo que as pessoas que têm contato com surdos ganham um sinal-nome; “me dá um sinal”. Então, a partir daí, eu não sei se tem a ver com a subjetividade do CODA.

Como complemento sobre a comunidade indígena, eu ganhei um nome da família flor. Como na época eu era solteira, me disseram que se eu quisesse morar na comunidade, que poderia, mas teria que me casar com um homem da família da flor e a família dele teria que me aceitar; e se ela não me aceitasse por não ser indígena, apesar de ter pessoas não indígenas no grupo, mas tem que ter todo um acordo. E me disseram que eu fui aceita, mas eu teria que me submeter, e se eu fosse me casar, teria que arrancar todos os meus cabelos. Quando você vai se casar com um Tikuna, tem que arrancar todos os seus cabelos com as mãos. Faz parte do noivado. E você fica presa em uma cabana, durante três meses, da senhora mais idosa. Fazia perguntas para as mulheres e os homens. Os homens diziam: “Você irá passar por uma troca de cabelo, ficará bonita.” Todas as mulheres visitam você na cabana, e você fica recebendo conselhos de todas as mulheres de como ser uma boa esposa e mãe. Comparado à vida do jacu, a mulher sai da cabana com a pele mais clara e cabelos nascendo; ela está pronta para casar. Toda comunidade tem seus sacrifícios. Se formos analisar a comunidade surda, o sacrifício é saber se comunicar com eles. Para eu ter o pertencimento a esta comunidade, eu preciso usar a língua.

Perspectivas diferentes, dependendo da família do surdo, pois conheço famílias que todos têm sinal-nome e não têm tanto vínculo, mas no caso da minha família só têm os que têm vínculo. E os surdos da minha família já fazem parte da terceira idade.

Sugestão para doutorado ou filhotes da minha pesquisa, vendo esses mesmos participantes daqui um tempo, para ver se continuo da mesma forma ou não. Daqui uns cinco ou dez anos entrevistá-los novamente, uma pesquisa de extrema importância.

Tem vários tipos de CODAS: CODA intérprete, CODA que oraliza com os pais, CODA que oraliza e faz gestos.

Comentei sobre uma CODA ter ido ministrar LIBRAS no interior do Amazonas e ter batizado a turma inteira, mas foi uma situação específica, pois naquela cidade não havia surdos para criar os sinais-nomes para eles. Nota-se que, na literatura, não se detalhou sobre o sinal-nome. Esta pesquisa provoca reflexões e questões a serem pensadas e repensadas, e tem uma questão política forte; envolve relação de poder

também de ouvintes e surdos. Não tem como esconder esses detalhes em que os surdos são minoria, e teve sua “voz” silenciada por tanto tempo devido ao congresso de Milão e outros acontecimentos nas legislações, e políticas voltadas para o povo surdo.

As políticas públicas dão apenas migalhas, e você, algo claro que você detém, e diz claro que não vou te dar, pois a única coisa que tenho, o pouco que me resta. E entendo também o ouvinte que conhece bem a comunidade surda e opta por criar um sinal-nome. Eu opto por não, eu respeito muito. Não concordo com a afirmação de que a língua é propriedade do surdo, a língua é de quem usa. ASL seria a língua franca hoje, o gestuno... quando você se debruça sobre uma língua, estuda sobre ela, usa esta língua, é um falante, um sinalizador fluente, você se apropria. Este trabalho irá aprofundar, instigar e provocar mais discussões a se pensar sobre o batismo, a criação do sinal-nome. Quando um surdo dá um sinal-nome para alguém da família ou de outro lugar, é como se ele dissesse: “Eu aceito você.” Minha resposta final é de que ouvinte que não seja CODA não batize ninguém com um sinal-nome.

5.1.5 Entrevista 5

Crispim apresentou seu nome e sinal-nome em LIBRAS.

Fui batizado na LIBRAS aos 10 anos, na cidade de Goiânia. Sou surdo, membro do grupo da terceira idade da Associação dos Surdos de Goiânia, professor aposentado da Escola Especial Elyσιο Campos (Escola Bilíngue de Goiás).

Imagem 12 – Sinal da Escola Especial Elyσιο Campos (Escola Bilíngue de Goiás) em LIBRAS



Fonte: Elaborado pela autora

Ele apresentou seu nome e sinal-nome em LIBRAS, que tem a CM n.º 17, PA na frente, em movimento de pinça. Seu sinal-nome tem a taxa de Aspecto Social, 4.2 (evento). Foi um acidente que deixou uma marca. *Quando eu era criança, fui andar em cima do muro e levei um tombo feio, e fiquei com uma cicatriz na frente, onde ficou sendo meu sinal-nome desde essa época. Quem me deu este sinal-nome foi meu irmão mais velho, que também é surdo. Eu uso este sinal-nome até os dias de hoje, nunca mudei. Já me acostumei desde pequeno, e toda família e amigos usaram sem problema nenhum.*

O sinal-nome é minha marca na comunidade surda. Eu até esqueço o nome de alguns ouvintes ou surdos, mas que o sinal-nome fica gravado na memória. Quanto à última pergunta, sobre quem deve batizar na LIBRAS, deve ser o surdo, pois ele já está acostumado a batizar de forma visual. O ato de batizar na LIBRAS deve ser somente o surdo, mas que o CODA poderá também, em contextos familiares, pois também já tem a experiência visual.

5.1.6 Entrevista 6

Germana também é membro do grupo da terceira idade da Associação dos Surdos de Goiânia. Começou se apresentando, seu nome e sinal-nome em LIBRAS.

Eu era costureira e manicure durante um tempo, e depois resolvi apenas cuidar do marido e dos filhos. Meu primeiro sinal-nome era este (CM n.º 59, na cabeça, como se fosse um rabo de cavalo, pois o amarrava sempre).

Imagem 13 – Sinal de Associação dos Surdos de Goiânia, em LIBRAS



Fonte: Elaborado pela autora

Aproximadamente aos quatorze anos de idade, quando estudava no Pestalozzi¹⁶ do setor Leste Vila Nova, em Goiânia, conheci um professor surdo que me disse que era melhor mudar meu sinal-nome, pois eu tinha o cabelo comprido que batia abaixo da cintura (porque minha mãe não me deixava cortar). Muito bonito! Então, aceitei meu segundo sinal-nome que o professor sugeriu (CM n.º 60, PA no ombro e desce girando até a cintura), que eu uso até hoje.

Imagem 14 – Sinal de Pestalozzi



Fonte: Elaborado pela autora

Seu segundo sinal-nome possui a taxa de Aspecto Físico, 2.1 (formato do cabelo). Sobre a pergunta de quem deve batizar, deve ser o surdo. *Em relação a criar outros sinais, o ouvinte pode até auxiliar, mas sobre sinal-nome deve ser o surdo, pois pra ele é natural, ele já está acostumado a fazer isto sempre. Inclusive, eu já batizei muitas pessoas, é natural para mim. A maioria dos surdos batizam pessoas da sua família e amigos desde novinhos. Em relação aos CODAS, não há problema nenhum de eles batizarem, pois são intérpretes desde crianças.*

5.1.7 Entrevista 7

Luiz, ouvinte, apresentou seu nome e seu sinal-nome em LIBRAS (CM n.º 50, PA na testa, com o movimento para cima). Tal sinal-nome tem a taxa ELO 1.1

¹⁶Nessa época, os surdos estudavam misturados com todas as necessidades especiais, mentais, etc.

(inicialização). Quanto ao porquê do sinal-nome ser assim, ele respondeu em língua portuguesa.

Quando eu era mais jovem, eu tinha mais cabelo, e meu cabelo caía na testa. Comecei a ter contato com pessoas surdas, na cidade de Itapaci (o sinal é como se fosse o sinal de “alto”, mas com a configuração de mão em “I”), em Goiás, que é a minha cidade. Aproximadamente em 2004 ou 2005, quando tinha de vinte e três anos pra vinte e quatro, conheci um rapaz surdo de uma cidade vizinha aqui de Itapaci, que é Santa Terezinha (o sinal são as iniciais do nome, configuração de mão em ST). Finalizou a descrição do seu sinal-nome, em que com a configuração da primeira letra de seu nome, localizado na testa, fazendo o movimento do cabelo pra trás.

Eu brinco que o cabelo diminuiu com o tempo, mas o sinal continua no mesmo lugar. Não lembro o nome do surdo que me batizou, pois já tem muitos anos. Perdi o contato com ele, mas lembro que fui batizado em Santa Terezinha, enquanto conversava com o surdo; estava começando a aprender LIBRAS. Meu sinal-nome permanece até hoje o mesmo, pois sempre gostei. Às vezes, confundem meu sinal-nome com o de outra pessoa, por exemplo, que o sinal-nome é localizado na sobrancelha, e eu tenho que frisar que o meu sinal-nome é por causa do cabelo. Meu sinal-nome representa para mim uma identidade que eu fui assumindo, durante esses anos que trabalho como professor de Letras-LIBRAS na UFG.

Imagem 15 – Sinal de UFG – Universidade Federal de Goiás



Fonte: Elaborado pela autora

Como ganhei meu sinal-nome, quando estava aprendendo meus primeiros sinais, eu tinha muita curiosidade para saber um pouco mais da LIBRAS. Nessa busca sobre essas pessoas surdas, elas me acolhem e me dão esse sinal-nome; eu acho que esse sinal-nome marca minha vida com o início de uma trajetória de construção

de identidade; e hoje me vejo transitando nesses dois mundos. Tenho essa identidade de transição, de travessia mesmo, de dois mundos. Por isso, não abro mão do meu primeiro sinal-nome, de forma nenhuma, porque ele representa tudo isso pra mim, essa história. E não é uma trajetória de vida que você foi vivendo um dia após o outro; não é só isso, tem várias questões nisso. E uma delas que eu posso até destacar, que é assim uma mudança de perspectiva na minha vida.

Como professor, eu inicialmente pensava em veredar pelo inglês, porque eu gostava muito. Comecei a fazer uma especialização em inglês e de repente o meu caminho muda completamente, entendeu? De um professor de inglês, para professor de LIBRAS, e nunca mais quis abrir mão disso. Então, assim, há uma afetividade pra mim neste sinal-nome. Quanto à última pergunta do questionário de perfil, é uma ótima pergunta. Isso será uma discussão muito interessante. Questão polêmica! Mas eu acho que pode desmistificar muita coisa também. Eu sempre ouvi dentro desta minha trajetória com a língua de sinais e convivendo com pessoas surdas.

Quem pode batizar com o sinal-nome são as pessoas surdas. Eu sempre ouvi isso, desde o início, esse discurso. E ele é muito forte! Ele é sustentado por muita gente, e ele é sustentado não só por pessoas surdas, mas como também por pessoas ouvintes que nunca pararam para refletir sobre o porquê disso. Então, eu acho que por conta disso, eu nunca batizei ninguém. Eu nunca me senti legitimado para batizar alguém, portanto nunca fiz isso. Então, por eu nunca ter parado para refletir ou entender isso, nunca me senti legitimado. Na minha opinião, porque isso se mantém, eu acho porque nós não temos essas discussões, como esta que você está propondo. Eu particularmente nunca vi, e nunca li nada sobre isso. Em todos esses anos de leituras e de pesquisa da área, eu nunca encontrei nada que discutisse sobre isso. Agora sobre o que eu acho, se essa atribuição seja apenas da pessoa surda, ou se o ouvinte pode fazer isso... Olha, eu penso o seguinte: que qualquer pessoa pode assumir. Na verdade ela tem e ela pode assumir, em qualquer momento, uma identidade linguística.

A partir do momento que a pessoa tem a consciência, ela assumiu verdadeiramente, de fato, uma identidade linguística de uma outra língua; que ela pode, dentro dessa língua, fazer tudo aquilo que a língua permite. A língua é uma visão de mundo. A partir do momento que a gente está dentro dessa língua, a gente conseqüentemente passa, pelo menos na medida do possível. Eu acho que não é total, a gente não consegue como pessoa surda, mas ver o mundo pela aquela

perspectiva, assim, não é igual. Eu, ouvinte, jamais eu tenho consciência disso, jamais vou conseguir ver pela mesma perspectiva que a pessoa surda; eu não sou surdo. Isso é fato! Mas aí você tem vários elementos da língua; de repente pode te ajudar a criar um sinal-nome pra pessoa, pois você tem critérios dentro da língua pra isso.

Porque se a gente for observar: boa parte, a grande maioria dos sinais sempre faz uma relação entre... Há uma influência muito forte, na minha opinião, do português nisso. Há uma configuração de mão, que tem uma relação de similaridade com a letra do português, e é isso, geralmente, junto com uma característica física da pessoa. Então isso meio que tornou padrão; você que está fazendo isso. Sua pesquisa irá mostrar que existe um certo padrão nesse processo de construção.

Quanto à questão de a letra do português estar, de um tempo para cá, perder influência nos sinais de pessoas mais velhas, eu particularmente acho isso ótimo! Os surdos estão tendo mais oportunidades de estudo e com isso estão tendo mais empoderamento para batizar também. Então, esses surdos mais escolarizados têm mais essa noção de tirar português do sinal-nome, percebendo-se sinais-nomes mais característicos não só física, mas como também de comportamento. Termine sua pesquisa, depois me mande para eu ler. Isso evidencia muito de que a língua é afetividade; se há a presença da língua, se tem o sinal, se não, não terá sinal-nome e conseqüentemente a afetividade. Concluindo que o sinal-nome é você enxergar a pessoa no seu mundo.

5.1.8 Entrevista 8

José, surdo, iniciou apresentando seu nome e seu sinal-nome em LIBRAS, que tem CM n.º 51, OP para dentro, PA na cabeça, com o movimento de cima para baixo (como se estivesse penteando os cabelos com um pente). Tal sinal-nome tem a taxa Aspecto Físico, 2.3 (cor de cabelo), e Aspecto Social, 4.2 (eventos).

Quando eu tinha de três a quatro meses de vida, fui diagnosticado com surdez profunda de 90%, me restando apenas 10% de audição, me permitindo, assim, poder ouvir alguém me chamar de perto e não a distância, sentir vibrações na parede. É diferente, por exemplo, quando estou dirigindo e sinto a vibração do som da buzina do meu carro, ou no caso de uma ambulância.

Quando eu tinha por volta de 9 anos de idade, na escola, meus colegas me deram um sinal-nome que tinha a CM em “Y”, PA no antebraço, com o movimento

para o lado esquerdo, que significa “gordo”, na LIBRAS. Não tinha entendimento sobre o que significava este sinal na época, e aceitei. Então respondia às pessoas que me perguntavam meu sinal-nome, aquele sinal de gordo, sem noção nenhuma do que estava sinalizando. Então hoje tenho noção de que estava recebendo Bullying dos meus colegas de escola. Por volta dos meus dezessete anos de idade, conversando com um amigo surdo, ele me ajudou; foi me orientando a mudar meu sinal-nome. Estávamos em uma escola referência em educação de surdos em Manaus, que se chama Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos¹⁷, que já completou trinta e três anos de existência.

Imagem 16 – Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos



Fonte: Elaborado pela autora

Imagem 17 – Sinal da Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos, em LIBRAS



Fonte: Elaborado pela autora

¹⁷A Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos é uma das instituições da rede pública estadual de ensino que oferece atendimento específico relacionado à educação especial desenvolvida pela Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino (SEDUC). A especialidade da escola é oferecer atendimento aos alunos com deficiência auditiva. (ESCOLA..., 2020).

Esse amigo meu me disse que mesmo sendo jovem, já tinha cabelos brancos; dávamos muitas risadas por isso. Depois que compreendi que meu primeiro sinal-nome foi relacionado a estar acima do peso, concordei em trocar. Então meu amigo sugeriu esse sinal-nome (com a CM n.º 51), localizado nos fios brancos que eu já tinha na cabeça. E, assim, oficializamos meu segundo sinal-nome, e divulgamos para toda a comunidade surda de Manaus; tenho esse sinal-nome até os dias de hoje. Estudei na Escola Augusto Carneiro até meus dezessete anos, e depois fui para Igreja Batista, em que fiz um curso intensivo para disciplinas escolares, como matemática, química e outras. Havia uma professora fluente e bastante habilidosa, juntamente com mais três intérpretes de LIBRAS. Este curso me ajudou bastante no meu desenvolvimento de aprendizagem, em relação a aumentar meu vocabulário na língua portuguesa.

Percebi uma diferença da forma que tinha aprendido na escola, mas tenho um amor muito grande pela minha primeira escola, e entendo que na época ainda não se tinha uma legislação específica; eles ainda estavam em processo de adaptação para um ensino bilíngue. Esta professora tinha feito um curso de formação na Gallaudet University¹⁸, e aplicou seus conhecimentos adquiridos lá com os alunos surdos de Manaus. Era um curso particular, então os alunos surdos tinham que pagar uma mensalidade. Na época eram dezessete alunos surdos nessa turma, tínhamos uma interação muito grande.

Imagem 18 – Gallaudet University



Fonte: Gallaudet... (c2021a)

¹⁸Universidade voltada para alunos surdos, localizada em Washington, EUA (GALLAUDET..., c2021b).

Imagem 19 – Sinal de Gallaudet University



Fonte: Elaborado pela autora

Foi um marco para todos nós fazer parte dessa turma. Tivemos um “destravar mental”; meu irmão, também surdo, fez parte dessa turma. Nós dois nos desenvolvemos bastante com este curso, foi um marco em nossas vidas. Em relação à pergunta nove, sobre o que o seu sinal-nome representa para o entrevistado: “O sinal-nome é muito importante na comunicação com a libras, pois quando você se apresenta a alguém, conversa e depois fica um tempo sem falar com aquela pessoa, mas encontra outra que fala dela, apresentando seu sinal-nome, fica tudo mais fácil e ágil na conversa, para se fazer uma referência a alguém presente ou ausente. É a minha marca registrada, apesar de ter tido um sinal-nome antes, a pessoa que me conheceu pelo primeiro sinal-nome terá que ver minha foto, para saber que mudei de sinal-nome ou pessoalmente, mas foi importante esta mudança”.

Em relação a última questão, quem deve batizar em LIBRAS, o entrevistado respondeu assim: *“Fui admitido na UFAM, no ano de 2015, como professor efetivo no curso de Letras-LIBRAS. Fiquei muito feliz com a admissão, e iniciei dando aula de LIBRAS B¹⁹ em alguns cursos de licenciatura da universidade. Me recordo de ter tido turmas de 40 e até 50 alunos de vários cursos. E quando chega na parte de explicar sobre o sinal-nome, eu batizo todos os alunos, um por um, mas fico cansado. É pesado pra mim. Então conversei com outro colega, que também reclamou, e achou cansativo dessa forma. Mas a questão que é complicada é que são alunos de vários cursos, como Geografia, Química, Ciências. É diferente de um aluno do curso de*

¹⁹LIBRAS B é uma disciplina básica de LIBRAS com a carga horária de sessenta horas, que é disciplina obrigatória em todos os cursos de licenciatura (BRASIL, 2002).

Letras-LIBRAS, que está em contato com a comunidade surda, um estagiário ou monitor que você começa a ter contato há mais tempo. E no caso desses alunos de LIBRAS B, eles ganham o sinal-nome, mas não tem contato com a comunidade surda, e esquecerá o seu sinal-nome. Já aconteceu de encontrar um aluno que já tinha ministrado LIBRAS, e perguntei a ele qual era seu sinal-nome, e ele tinha se esquecido.

Então, é necessário estar em contato, ter intimidade com a comunidade surda. Então depois de um certo tempo de experiência no trabalho, comecei a batizar os alunos em dias aleatórios, dependendo da situação. Observo se algum aluno tem interesse de participar mais, de se aprofundar, então ofereço participar de algum projeto (Pace, monitoria e outros) para estar mais em contato comigo, buscando intimidade com a LIBRAS, e se acostumando. Antigamente, penso que só batizava em LIBRAS os surdos, mas nos dias de hoje temos o CODA. Você, por exemplo, não vê problema nenhum. Temos um outro colega do colegiado de professores, que tem anos de docência e convivência com a comunidade surda, que também penso poder realizar o batismo. Mas se tem que refletir sobre uma pessoa que está recente na comunidade surda, ela precisa ter experiência na área primeiro para poder batizar, pois uma pessoa que não tenha essa maturidade na comunidade pode ensinar muitas coisas equivocadas. Esta pesquisa será muito importante, para que as pessoas que estão conhecendo a comunidade surda já tenham essa consciência, e auxiliar também os profissionais que trabalharão na área de Língua de Sinais.

Para que uma pessoa possa batizar, é necessário que ela tenha contato, intimidade, conhecer da cultura surda, interagir... Enfim, estar junto do povo surdo. E aí sim ele terá o aval do surdo. Não se pode pular a autoridade do surdo; é primordial o respeito por nós. Citou o exemplo da Associação dos Surdos de Manaus (ASMAN), que completou 31 anos neste ano. Quando chega uma pessoa nova, ela precisa se adequar a L1 dos surdos de lá, que é a LIBRAS. O mesmo acontece quando preciso ir em um local que tenha apenas ouvintes, que não saibam LIBRAS; tenho que me virar, escrever em português, escrever no celular. Uso um aplicativo de celular, uso a central de intérpretes, que tem os tradutores intérpretes para nos auxiliarem na comunicação. É necessário se ter esse respeito mútuo”.

5.1.9 Entrevista 9

Luciana apresentou seu nome e sinal-nome em LIBRAS. Disse que infelizmente era ouvinte. Descreveu seu sinal-nome, que tem as CMs n.º 18 e 38, na bochecha, abrindo em “L”, OP para a esquerda, um movimento de abrir apenas para realizá-lo. *Aos dez anos de idade, tive meu primeiro contato com uma pessoa surda, que era minha vizinha em Brasília-DF; éramos amigas, brincávamos na rua, e ela tinha a mesma idade que eu. Depois de um tempo de contato, recebi meu sinal-nome (como descrito acima). Foi na bochecha porque eu tinha uma pinta preta, mas depois que cresci, eu retirei. Tal sinal-nome tem a taxa ELO 1.1 (inicialização), em que se usa a primeira letra de seu nome, e Aspecto físico 2.14 (presença de sinal). No caso dela, por causa da pinta na bochecha. Nunca quis mudar meu sinal-nome, pois ele tem um valor muito importante para mim; a amiga de infância que me deu, e esse sinal combina comigo. Como essa minha amiga é surda, eu ganhei um sinal-nome próprio do surdo.*

Meu sinal-nome significa que eu fui aceita pela comunidade surda, eu faço parte dela. Isso é muito especial, fico muito feliz em ter meu sinal-nome. Através dele tenho uma interação muito boa na comunidade surda; as pessoas da minha cidade já me conhecem e reconhecem por ele. Atualmente, fui transferida para cidade de Goiânia, na Universidade Federal de Goiás (UFG), e as pessoas da comunidade surda goiana também já me identificam através do meu sinal-nome. Acho primordial e especial o uso deste sinal-nome.

Quanto à última pergunta, sobre quem pode batizar na LIBRAS, essa é uma ótima pergunta. Em relação aos CODAS, eu penso que não tem problema, pois eles têm a LIBRAS como L1, primeira língua. Sobre ouvintes que tem muitos anos de contato com os surdos e a comunidade surda, penso que essas pessoas começam a pensar igual ao surdo. Mas penso que prioritariamente deve ser o surdo, e em segundo lugar o CODA. Por exemplo, o CODA ouvinte tem o contato com seus pais e outros surdos desde criança, então já tem internalizado a cultura surda, entende com clareza o jeito que o surdo enxerga o outro. Sua pesquisa é maravilhosa, esse tipo de discussão ainda não existe no meio acadêmico; e é importante ter essas questões e discussões registradas e divulgadas para a comunidade surda e a sociedade.

Eu, como professora, trabalho com português como L2, para surdos, e quero te dar uma sugestão para você, e que ajuda os meus alunos surdos a terem mais facilidade para escrever. Tudo o que você for pensar, filme em LIBRAS, na sua língua de conforto, e depois faça a tradução. Isso pode ser usado como estratégia de ensino-aprendizagem para alunos surdos e CODAS. Compartilhei com ela muitas questões que surgiram com essa pesquisa, abrindo um leque muito grande. E frisou que o doutorado veio, justamente para responder as outras questões que você não conseguiu responder no mestrado. É importante ter um foco e aceitar que não conseguimos falar sobre tudo. E ainda outras teses que ficaram, que poderão ser frutos para outras pessoas darem continuidade.

5.1.10 Entrevista 10

Leila apresentou seu nome e seu sinal-nome em LIBRAS. Ela nasceu surda, tem a identidade surda e seu sinal-nome tem as CMs n.º 7 e 61, inicia com a CM n.º 7 ao lado do olho direito, abrindo a mão direita em CM n.º 61, OP para frente, um movimento de abrir apenas para realizá-lo. Hoje eu moro em Goiânia. Ganhei meu sinal-nome quando eu era criança, aproximadamente uns três anos de idade; eu morava na cidade de Firminópolis, próxima à cidade de São Luís dos Campos Belos, em Goiás. Havia uma surda, já adulta, que era amiga do meu irmão mais velho, também surdo. Acho até que tiveram uma paquera na época. Ela frequentava nossa casa e ficava me observando. Durante uma dessas visitas, ficou impressionada com meus cílios grandes, curvos e volumosos, e eu era tão novinha; se destacavam em meus olhos. Então, essa surda pediu para minha mãe se podia batizar. Minha mãe adorou o sinal e concordou na hora. Então, ganhei meu sinal-nome (como descrito acima).

Tal sinal-nome tem a taxa de Aspecto físico 2.6 (formato dos cílios). Nunca mudei de sinal-nome, porque quando fui batizada, a família toda foi informada sobre meu sinal-nome e todos já estavam usando, como tios, primos; todos já tinham memorizado meu sinal-nome, e usando no dia a dia. Imagina se eu mudasse de sinal-nome. Seria ruim, uma confusão. Meu sinal-nome já estava registrado para minha família. É a minha marca própria que eu levo até hoje.

Ganhar meu sinal-nome de uma amiga surda da família, é maravilhoso. Esse sinal-nome é muito valioso pra mim, me agarrei a ele. E fico tão feliz do meu sinal-

nome não ter nenhuma referência com a língua portuguesa, que é o que se percebe na maioria dos sinais. Por exemplo, a pessoa se chama Márcia, e aí se dá o sinal-nome usando a primeira letra do nome; ou então se cria o sinal-nome da pessoa, mudando apenas o local, por exemplo, “M” sinalizando o cabelo enrolado, “M” na pinta, “M” no espaço neutro etc. Antes, eu não tinha essa percepção; com o tempo fui crescendo e estudando. Quando ingressei no mestrado, é que fui compreender que meu sinal-nome tinha uma configuração de mão visual, um sinal-nome subjetivo à minha identidade, e ligado a um aspecto físico meu. Fiquei muito satisfeita e acho meu sinal-nome perfeito pra mim, minha marca de identidade.

Quanto à última pergunta, quem deve batizar o sinal-nome, Leila responde assim: *“Como professora no CAS de Goiânia²⁰, na minha opinião, o surdo é que deve batizar na língua de sinais, dar o sinal-nome, porque a LIBRAS é nossa, nossa identidade. Temos uma visualidade específica para dar este sinal-nome. É melhor que seja o sujeito surdo. Em segundo lugar, poderia ser um CODA, pois ele teve contato com seus pais surdos desde bebê; o CODA tem o “cheiro surdo”, intimidade que foi absorvida com eles. Se tiver um CODA que seja professor de LIBRAS, e surge uma situação entre seus alunos de ter que criar um sinal-nome, precisa chamar um professor surdo para batizar todos os alunos? Não é necessário. O CODA como professor pode sim batizar, “dar” o sinal-nome para todos seus alunos. Existem ouvintes que tem muitos anos de experiência com LIBRAS, com a comunidade surda.*

Também, não pode ser qualquer ouvinte batizar na LIBRAS. Caso for, o ouvinte tem que esperar, se abster, para quando chegar o professor surdo, este irá observar as características físicas dele, para dar-lhe o sinal-nome que achar de acordo com a pessoa, assim o batizando. Então, na minha opinião, só tem o direito de batizar o sinal-nome o surdo e o CODA. Já presenciei pessoas ouvintes que me contaram que se autobatizaram na LIBRAS, aí eu acho errado. Sua pesquisa será muito importante para a comunidade surda. Por exemplo, existem colegas de trabalho, no CAS, que mesmo já tendo experiência de mais de 20 anos na área de LIBRAS, não tem o direito de batizar o sinal-nome para ninguém, pois eles não são CODAS.

Eu tenho três irmãos surdos, e todos da família tem sinal-nome. Minha irmã mais velha se comunica mais usando classificadores, mímica, e ambos misturados com

²⁰O CAS de Goiânia é o Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento das Pessoas com Surdez (CENTRO..., c2021).

LIBRAS. O segundo irmão, cujo sinal-nome tem CM n.º 52, PA no nariz, OP para dentro, movimento de descer, ele usa sinais bem antigos, da época do grupo dos alunos do INES. Minha terceira irmã, cujo sinal-nome tem CM n.º 33, PA nos dois dentes da frente, OP para dentro, movimento batendo, usa sinais bem tradicionais. Eu sou a irmã caçula e sou a que tem a mente mais aberta; sempre busquei ter mais conhecimento, sempre muito curiosa a aprender sempre mais, buscando variação linguística.

5.1.11 Entrevista 11

Alvantina, ouvinte, apresentou seu nome e seu sinal-nome em LIBRAS: CM n.º 38, PA em frente à boca, OP para dentro, um movimento balançando, igual ao sinal de “sorrir”. Quanto à origem do seu sinal-nome, Alvantina conta que foi há trinta anos, quando começou a aprender LIBRAS. *Comecei a estudar LIBRAS na Associação dos Surdos de Goiânia. Na época, eu não sabia nada de LIBRAS, eu ficava olhando para os surdos e só ficava sorrindo pra eles, com cara de boba, entendendo nada que eles estavam falando. Neste dia, um surdo me batizou com o sinal-nome (como descrito acima), eu gosto dele e também acho bonito.*

O sinal-nome supracitado tem a taxa de Aspecto comportamental, 3.1 (humor). *Nunca mudei de sinal-nome, é o mesmo até hoje. Eu amo meu sinal-nome; ele representa pra mim que a comunidade surda me aceitou.* Sobre a última questão, a respeito de quem pode batizar o sinal-nome em LIBRAS, Alvantina falou que é uma pergunta difícil. *Porém, acho que o principal é o surdo, porque a cultura é própria dele, mas pensando também, o CODA fluente também pode batizar o sinal-nome na LIBRAS, porque ele está imerso na cultura surda, tem intimidade, uma subjetividade.*

Em relação aos professores que tem muitos anos de contato com os surdos, penso que não faz sentido, não tem sentimento. Penso que precisa ter contato com o surdo; se for contato de ouvinte com ouvinte não faz sentido, não tem significado. Por exemplo, eu nunca batizei ninguém, pois acho que faz parte do surdo. Concluindo na minha opinião, apenas os Surdos e CODAS podem batizar na LIBRAS. Essa última pergunta é bastante polêmica!

5.1.12 Entrevista 12

Dalva iniciou apresentando seu nome e seu sinal-nome em LIBRAS. Esse sinal-nome tem CM n.º 33, PA no espaço neutro, em frente ao peito, OP para dentro, movimento de cima para baixo. *Sou professora do curso do Letras-LIBRAS e da pós-graduação da Ciência e Saúde da UFG. Quem me deu meu sinal-nome foi um professor surdo que estava dando aula na Associação dos Surdos de Goiânia, quando era no Setor Leste Vila Nova, onde era o antigo Centro de Apoio ao Deficiente Auditivo (CADA). Durante o curso de LIBRAS, um dia estava na hora do intervalo, e estava com uma colega. Aí o professor surdo chegou e nos deu o sinal-nome durante o horário do lanche. Depois disso, nunca mais mudei, sempre usei este sinal-nome, desde que fui inserida na LIBRAS. Ficou assim, por esse sinal-nome tem a primeira letra do meu nome, e concordou e achou ótimo.*

Tal sinal-nome tem a taxa ELO 1.1 (inicialização). *Gosto do meu sinal-nome, pois remete ao meu nome, que tem um significado muito grande pra mim, pois é junção do nome do meu pai e da minha mãe. Pela história toda, meu sinal-nome é para mim é um sinal simples. Às vezes para os outros, eles se confundem, pois parece com o sinal do mês de novembro; e eu respondo que parece com novembro, mas esse é meu sinal. Dentro dos parâmetros da LIBRAS, falo sobre o movimento, e digo que no meu sinal-nome o movimento é mais pra baixo. Enfim, apenas tem essa pequena confusão. Mas, pra mim, eu adoro! É simples. Eu não gosto de nada complicado; vai pra trás, vai pra frente, movimento sobe e desce, alternado. Não, eu gosto assim, simples e enxuto; e é assim que eu sou. Gosto das coisas mais simples. Tem uns sinais-nomes que são tão complicados, que brinco que não tem como escrever em ELiS²¹.*

Quanto à última questão, sobre quem pode batizar nas libras, culturalmente, dentro da convivência, é com os Surdos. Tanto surdos quanto ouvintes, na sua grande maioria, entende que esta atribuição do batismo deva partir do surdo. Mas ao mesmo tempo, há caminhos diferentes, em que não existe o certo e o errado; pra mim são caminhos diferentes. Se eu pegar o caminho com surdos batizando ou CODAS, que pra mim está quase juntinho, coladinho com o surdo, ouvintes que estão há muito tempo na comunidade ou não, são caminhos diferentes. Qual que está certo e qual

²¹ELiS (Escrita das Línguas de Sinais) é um sistema de escrita para as línguas de sinais, criado pela profa. Mariângela Estelita Barros.

que está errado? Nenhum. Tá tudo certo, não tem errado. No meu entendimento é esse, mas culturalmente igual, quando você chega... Eu morei um tempo fora. As pessoas, quando chegam, você vê, você chega na casa, todo mundo tira os sapatos. Pra entrar, pra comer, usa sapatilha; é cultural isso. Agora tá errado isso no Brasil? Quando chega em casa, entrar de sapato. E se eu tirar, tá errado? Também não.

Então, eu acho que é cultural. Pra mim, não tem o certo e nem o errado. Culturalmente, pra mim, dentro da comunidade surda já é quase que constituído que quem faz isso é o surdo e nenhum outro. É quase que por direito, mas se um ouvinte dar um sinal-nome, pra mim não tá errado, porque isso não tem dono. Sabe, eu não consigo ver erro, porque pra mim são caminhos diferentes. Conteí sobre o exemplo de uma professora CODA que batizou alunos do curso de LIBRAS, no interior do Estado do Amazonas, e ela comentou: “E se fosse um professor ouvinte, ele terá que esperar vir um professor surdo para eles serem batizados na LIBRAS? E esse professor que está em contato com a turma há, sei lá, uns quatro meses, por exemplo, que tem mais afinidade, que conhece esses alunos... Porque eu acho que o sinal, ele parte muito disso. Esse professor não estaria mais apto a dar esse sinal-nome do que um surdo que chegou há um dia e poder dar os sinais para as pessoas.

Então, qual caminho que está certo ou errado, é difícil de definir. Aqui em Goiânia, eu sinto e percebo que, culturalmente, dentro da comunidade surda já está estabelecido que é o surdo que tem que dar esse sinal. Eu juro pra você que durante toda minha vida profissional, já dei aula de LIBRAS, hoje em dia não dou mais. Mas quando eu dava, eu nunca dei um sinal; poderia ter dado, né? Mas parece que já está tão assim, que não sou eu que dou e sim ele que dá o sinal. Não tenho dúvida de que sua pesquisa será um sucesso. Parabéns! Tenho certeza que sua pesquisa ajudará a esclarecer muita coisa pra gente.

5.1.13 Entrevista 13

Alda, surda, apresentou seu nome e seu sinal-nome em LIBRAS, com a CM n.º 19, PA no canto do olho direito, OP para frente, e o movimento de abrir e fechar. *Meu sinal-nome é assim, porque quando criança meus olhos se destacavam, eram grandes, como se fossem jabuticabas.* Tal sinal-nome tem a taxa de Aspecto físico 2.7 (formato dos olhos).

Este sinal-nome envolve muitas coisas de sua infância. *Sempre fui muito curiosa, muito esperta e não dormia. Eu nasci normal, ouvinte, mas com seis meses de vida, contraí meningite e fiquei surda. Naquela época, antes de 1970, não havia vacina; hoje já se desenvolveu, se tem vacina de injeção e gotas para prevenir, proteção e tudo da doença. Me lembro que recebi meu sinal-nome pelo meu primeiro professor surdo (sinal dele tem a CM n.º 33, PA no nariz, OP para dentro, movimento de cima pra baixo), na escola Pestalozzi. Eu fiquei impressionada quando fui aluna dele, porque vi que ele era igual a mim; foi quando comecei a entender sobre identidade. Na época, tinha aproximadamente de sete pra oito anos de idade, e estou com este sinal-nome até hoje.*

Eu lembro que com oito anos de idade já tinha compreendido o valor do meu sinal-nome, e o memorizei. Também me lembro de alguns sinais, que continuam até hoje, como o verbo pedir, como se fosse apontando; verbo roubar, indiscreto; e também de sinais que mudaram, como estudar. Antes parecia o verbo escrever, e hoje já está diferente. Então estudei no Pestalozzi durante um ano, para aprender a ler e escrever, me alfabetizar. Depois minha mãe me transferiu para uma escola particular normal, com alunos ouvintes. Pois ela estava preocupada com a minha oralização também. Na época, tinha aprendido alguns sinais com meu professor surdo, mas agora estava treinando bastante minha oralização, com meus colegas novos. Mas eu odiava usar aparelho auditivo, tirava toda hora, pois tinha vergonha, pois todos ficavam me olhando. Mas minha mãe pedia para colocar toda hora; meu pai já não me exigia, mas minha mãe era bem insistente. Acho que era o barulho do aparelho que me incomodava.

Não tive isso de mudar de sinal-nome; fiquei com meu primeiro sinal-nome até hoje. Já não aconteceu com meu marido, que tinha o primeiro sinal de policial, e hoje já é outro: CM n.º 37, PA no peito, OP para dentro e sem movimento. Ele mesmo que mudou seu sinal-nome, pois as pessoas achavam que ele era policial e nunca foi, e acabou escolhendo esse, pois não conhecia ninguém que tivesse igual.

Meu sinal-nome é como se fosse meu CPF, é a minha marca, minha personalidade; nunca vou me esquecer do meu primeiro professor surdo dizendo: “Olha, não vai esquecer seu sinal-nome, guarda na sua cabecinha”. Ele me perguntava sempre, para eu memorizar e não me esquecer. Na verdade, ele cobrava de todos os alunos surdos da turma, para cada um decorar seu sinal-nome.

Quando fiz a última pergunta, sobre quem deve batizar na LIBRAS, Alda responde assim: *“Nossa, que pergunta profunda! Eu acho mais justo ser o surdo, porque, por exemplo, não adianta o surdo chamar a pessoa pela voz, pois tem dificuldade para falar. Então, chamar pelo sinal-nome é bem mais fácil. Tem a questão da datilologia também que demora, perde tempo. Então, pelo sinal-nome é bem mais fácil e rápido! Bem mais prática a comunicação, e cada um tem seu sinal próprio. Então, como disse, acho mais justo que quem batize seja o surdo, mas não é obrigatório. No caso do CODA ou Goda²² que concorde com o grupo de surdos, tá ok. Mas penso que mais justo, que seja o surdo, pois a identidade é dele. Se o ouvinte dá o sinal, pode passar depois, esquecer ou sumir; agora o surdo não é marcante na identidade. Isso fica claro, que para o surdo será eterno. E para o ouvinte? No caso do surdo, será usado até a morte.*

No caso de ouvintes que tenham muitos anos de experiência, tem que ver se ele tem capacidade de observar, extrair as características pessoais. E debater com um surdo, para ver se é aceito e validado. Depende da pessoa. Eu acredito que não são todos os ouvintes que têm essa capacidade de batizar. E o que acontece? O ouvinte vai batizar uma pessoa, mas vai pra segunda trava, demora. Já para o surdo é natural, flui naturalmente na criação de um ou mais sinais-nomes. É uma produção natural, é bem diferente do que para o ouvinte. Sua pesquisa é bastante profunda! Penso que a pessoa que for dar o sinal-nome precisa saber sobre características relacionadas à personalidade da pessoa.

Como sou professora na UFG, já presenciei várias vezes, de alguns professores da própria universidade, aprender sobre o sinal-nome na teoria e vir até mim, me pedir para batizá-lo. Peço desculpa e explico que não o conheço, não sei quem ele é. A pessoa fica sem graça e com vergonha. Inclusive já vieram professores doutores, mas nunca tive contato ou afinidade com ele. Se tivesse, era outra história. E eu penso também que dar um sinal nome tem que ter um vínculo de amizade. Eu nem conheço a pessoa, desanimo na hora. É bem diferente essa questão de relação. Como eu disse, às vezes vem algum professor me pedir um sinal-nome. Pergunto quem é ele? Tento explicar que não o conheço, que não é assim que se dá sinal-nome; eu olho a pessoa de cima a baixo, a pessoa fica com vergonha e às vezes sai, e não me procura mais. Teve um outro caso também, de uma professora da área da

²²Pessoa ouvinte, neta de surdos.

linguística, que me procurou e me pediu um sinal-nome. Como estávamos trabalhando em um projeto juntas, tínhamos contato, resolvi lhe dar um sinal-nome. Mas ela se esqueceu dele, pois depois ela perdeu contato com os professores e alunos surdos. Então, é diferente as relações para se criar o sinal-nome na LIBRAS. Tem uma subjetividade; o surdo fica chateado quando a pessoa esquece o seu sinal-nome.

Da mesma forma que temos que memorizar os nomes das pessoas ouvintes, é importante sabermos da mesma forma; é o sinal-nome da pessoa. Eu, por exemplo, tenho a memória automática, eu memorizo muito fácil os nomes, nem preciso anotar. Não é o caso dos ouvintes, que esquece os nomes das pessoas. Os surdos memorizam os sinais nomes, porque são especiais. Comentei sobre a questão dos meus primos, que não tem sinal-nome e ela respondeu: “É muito diferente essa relação do nome com o sinal-nome para o surdo e o ouvinte. Por exemplo: tenho muitos primos, mas não dei sinal-nome para eles publicamente, por não ter vínculo de comunicação com eles. Então, por exemplo, quando vou me referir a alguma prima com meu marido, falo assim: ‘Sabe aquela que é advogada loira?’ Teve uma que teve depressão. Então digo: ‘Sabe aquela que teve depressão?’ Então, falo assim dos meus parentes, e nem minhas primas sabem que falamos assim, pois não temos diálogo.

Também é ruim ficar fazendo datilologia, então criamos esses sinais-nomes para todos os primos, para agilizar a comunicação. Tem uma que sempre se maquia; então faço sinal de maquiagem para meu marido, mas elas não sabem que nos referimos assim a elas, fica só entre nós dois. Por exemplo, minha irmã também não sabe, mas porque ela nunca me perguntou. Mas eu também não tenho vontade de contar. Tem uma tia minha também que tem um sinal-nome, com a configuração de mão com a letra A mais o sinal de gorda. Fica bem mais fácil para conversar com meu marido. Tem uma outra tia também, que tem problema na coluna, então dei seu sinal-nome de coluna; mas vale ressaltar que são sinais improvisados, sem critérios; apenas para uso de comunicação rápida, em que faço uma observação rápida de alguma característica. Como uma outra tia que tem baixa visão; então, o sinal-nome dela ficou óculos mais baixa visão.

Tem um outro tio também que manca, então seu sinal-nome ficou desta forma, e nunca repassei para eles isso. Teve uma prima minha que começou a aprender LIBRAS e me pediu para lhe dar um sinal-nome, então dei a CM n.º 34, no rosto, como se fosse blush, pois ela tem o hábito de passar sempre. No caso dela, ela ficou

sabendo sobre o sinal-nome no seu curso, e me perguntou qual era meu sinal-nome, então ela mereceu um sinal-nome criterioso. Então, pelo menos uma prima tem um sinal-nome realizado com sucesso, com batismo de verdade. Tenho uma outra irmã ouvinte, que tem um sinal-nome, mas que prefere que a chame pelo apelido em datilologia. Ela não é fluente, mas conversa comigo por gestos e alguns sinais em LIBRAS. No caso da minha outra irmã que trabalha na área, ela só foi descobrir seu sinal-nome depois que entrou na UFG, pois se criou um vínculo na língua de sinais. Para concluir, o sinal-nome para o surdo é muito especial, não é uma coisa à toa, que se faça de qualquer jeito. Para eu dar um sinal-nome a alguém, precisa ter vínculo, contato, amizade, interesse, valor a LIBRAS, interesse de ajudar o surdo, interação, ter uma relação normal. Desta forma, tendo menos problemas. Só isso é positivo!

5.1.14 Entrevista 14

Ernani, que é CODA, apresentou seu nome e seu sinal-nome em LIBRAS, com a CM n.º 1, PA na bochecha, OP para esquerda, e o movimento de encostar. *Quando eu era criança, eu tinha o costume de colocar a mão fechada no rosto, para dormir. Então, meus pais me deram esse sinal-nome em casa, entre a família, e nunca mudei esse sinal-nome até hoje.*

Tal sinal-nome tem a taxa de Aspecto comportamental 3.2 (hábito). Meu sinal-nome é minha marca na comunidade surda. Sobre quem deve batizar, eu penso que deva ser o surdo e o CODA, porque eles também têm a percepção das características pessoais. No caso do professor ouvinte, tem que ter bastante tempo de experiência, contando que ele saiba os critérios necessários. A FENEIS poderia criar alguma regulação nesse sentido.

5.1.15 Entrevista 15

Germano, surdo, apresentou seu nome e seu sinal-nome em LIBRAS, com a CM n.º 32, PA no queixo, OP para trás, e o movimento de encostar. *Na verdade, meu primeiro sinal-nome foi outro, com CM n.º 34, PA na frente direita, OP para frente e sem movimento; pois eu tinha uma cicatriz no local, que estava relacionado com a primeira letra do meu nome. Fiquei um tempo com esse sinal-nome, mas aos vinte e*

cinco anos de idade, um surdo de Goiânia resolveu me dar outro sinal-nome; aconteceu na rua mesmo, em um bate-papo com um grupo de surdos.

Esse sinal-nome atual tem a taxa de Aspecto comportamental 3.1 (hábito). É engraçado que os surdos de Goiânia já sabem da mudança do meu sinal-nome e se adaptaram, mas falta informar os surdos de outros Estados. Antes eu não tinha essa percepção, mas sei que nas conversas, bate-papos, sempre tenho o costume de colocar a mão direita no queixo, como foi descrito acima. Então percebi que este sinal-nome tem muita intimidade com a minha personalidade, é muito forte. Faz parte da minha forma de expressar, em qualquer área, como política, filosofia e qualquer outro assunto. As pessoas que têm ou tiveram contato comigo, confirmaram o meu hábito do meu segundo sinal-nome, e acabavam concordando com a mudança, que faz parte da minha subjetividade. Então meu sinal-nome é a minha identidade, ligado à minha mania.

Em relação a quem tem o direito de batizar, penso que tem que ser o surdo, pois a língua e a cultura é dele; ele cria, produz, tem a experiência profunda, já tem tudo isso em sua subjetividade. O surdo tem a “raiz” ligada à comunidade surda, que eu penso que é passado de geração a geração do surdo; penso que principalmente o surdo possa dar o sinal-nome, mas penso que o CODA também possa, pois ele é bicultural, tem as duas culturas internalizadas, em que com seus pais surdos usa a língua de sinais e tem toda uma intimidade, “cheiro surdo”, respeita o surdo, dá mais respeito e valor à comunidade surda. Então tudo isso permite que o CODA possa dar o sinal-nome a alguém. Já o ouvinte, na minha opinião, não deve batizar na LIBRAS.

Complementando a minha resposta, me lembrei de um grupo de missionários que foram trabalhar na China, e ficaram duas semanas no local (lembrando que eles são ouvintes). Devido ao grupo ter interagido com os chineses, mostrando respeito, eles deram um nome em chinês para eles, que é um nome especial na cultura deles; achei muito interessante. Outra situação que aconteceu no ano passado, em que fui trabalhar de tradutor intérprete em jogos olímpicos internacional de natação de surdos, fiquei uma semana em contato com os jogadores, auxiliando na interpretação. E teve um momento na arquibancada e torcida; eu entrei para interagir com o pessoal, e encontrei um atleta da Croácia, que estavam em quatro da mesma família, em que os quatro eram surdos. Era os pais com os dois filhos atletas que estavam participando da competição; e estava conversando com eles, aprendendo sobre seus sinais-nomes. E esses pais eram muito legais. Os seus filhos, o caçula, tinha 17, e o mais

velho 19 anos. E quando perguntei o sinal-nome deles, usaram datilologia; disseram que não tinham sinais-nomes. Achei estranho e perguntei aos pais deles por que eles não tinham. Então eles responderam que na cultura deles, eles não interferem, não forçam a terem um sinal-nome; é um processo natural, em que esperamos a hora certa que eles quiserem.

5.1.16 Entrevista 16

Soraya, ouvinte, apresentou seu nome e seu sinal-nome em LIBRAS, usa a CM n.º 11, PA na bochecha, OP para esquerda, e o movimento de cima para baixo. Apresentou seu sinal-nome primeiro, pois aprendeu com a comunidade surda que o sinal-nome deve vir primeiro, e depois o nome, na hora da apresentação. Ela é intérprete e disse que não é nem surda nem ouvinte; se encontra entre os dois.

Tive dois sinais-nomes durante a vida, o meu sinal-nome atual significa o verbo chorar. Quem me deu esse sinal-nome foi um surdo que tem o sinal-nome com a CM n.º 12, que encosta na maçã do rosto e no dorso da mão, movimento de cima para baixo. Esse sinal-nome atual tem a taxe de Aspecto comportamental 3.1 (humor), que também pode ser usado com a taxe de Aspecto ELO 1.1. (inicialização). Eu sou testemunha de Jeová, comecei a aprender LIBRAS no Curso Chaplin.

Imagem 20 – Sinal de Curso Chaplin



Fonte: Elaborado pela autora

Primeiramente, tive contato com a LIBRAS através de uma amiga ouvinte, que se chama Rosa, que possui sinal-nome com a CM n.º 34 e 7, PA nas bochechas, OP da direita para esquerda, movimento da direita para esquerda. Eu tinha nove anos de idade quando ela me convidou. Já estava acostumada a andar com pessoas mais velhas do que eu. Não queria andar com crianças da minha idade ou jovens, gostava de sempre andar com adultos. Eu sempre quis absolver o conhecimento dos mais velhos. Eu pensava: “Eu quero aprender igual adulto”. E então essa amiga me convidou para ir no Curso Chaplin, que funcionava no centro de apoio de Goiânia, antiga sede da Associação dos Surdos de Goiânia. Disse a ela que meu pai foi professor lá nessa época, de datilografia. Talvez tenha conhecido seu pai na época também, mas não me recordo.

Me lembro de ter tido três professores, em que tive meus primeiros contatos visuais. O professor surdo, pioneiro no Estado de Goiás, e os outros dois foram os pioneiros professores e intérpretes de Goiânia. O sinal-nome do professor surdo é a CM n.º 33, PA no nariz, OP para trás, e movimento de cima para baixo; o do professor ouvinte tem CM n.º 16, PA no espaço neutro, OP para frente, movimento circular; e o da professora ouvinte tem a CM n.º 16, PA da cabeça até o peito, OP para trás, movimento em espiral. Logo depois, também conheci um surdo com o sinal-nome com a CM n.º 48, PA na bochecha, OP para esquerda, movimento para cima, em um festival de sorvete promovido pelo Curso Chaplin. Tinha os adesivos com as mãozinhas de “I Love You” que eu comprava, lembra? Nossa, faz muito tempo!

Nesta época, meu pai fazia o curso de LIBRAS junto comigo. Este curso acontecia aos sábados, e como ele tinha que me levar e trazer, acabou fazendo junto. Então, durante o meu curso no Chaplin, recebi meu primeiro sinal nome, que foi a CM de n.º 7 e n.º 47, PA no espaço neutro, OP para frente, movimento da direita para esquerda, em que foi o meu primeiro professor surdo que me deu, oficializando meu batismo. Na hora fiquei meio assim, mas na hora não falei nada, porque ele tinha me dado, e eu aceitei. Na época, não tinha consciência sobre cultura, identidade, a influência do português, de nada disso. Sobre o sinal-nome, então: na hora gostei do meu sinal e comecei a usá-lo. Com o passar do tempo, concluí o curso, se não me engano foram dois anos; era uma parceria do Chaplin com a ASG, que foi realizada

no antigo CADA²³. Depois o Chaplin transferiu para a Igreja Presbiteriana da Vila Nova (IPVN), localizada em Goiânia.

Imagem 21 – Sinal de IPVN (Igreja Presbiteriana da Vila Nova).



Fonte: Elaborado pela autora

Eu fiz o curso para intérprete. Meu professor foi o que tem o sinal-nome com a CM de n.º 16, PA espaço neutro, OP para frente, movimento circular. E continuava com meu sinal-nome descrito acima. Com o passar dos anos eu me mudei para Florianópolis-SC. Lembrando que sou testemunha de Jeová desde pequena. Em Goiânia, só tinha feito os cursos de LIBRAS, mas não tinha feito muito conversação, pois conhecia apenas dois surdos e tinha conversado, interagido muito pouco com eles. Então, quando cheguei em Floripa, fui convidada para participar de uma reunião TJ, do grupo de apoio de surdos de lá. E foi lá que conheci o surdo que tem o sinal-nome CM n.º 12, que encosta na maçã do rosto e no dorso da mão, movimento de cima para baixo. E conheci muitos outros novos amigos surdos. Mas lá foi muito diferente a experiência, pois quando estávamos na reunião com os surdos, tinham alguns ouvintes também, mas ficavam todos mudos, em silêncio; se conversava apenas em LIBRAS. De início, pensei: vou conseguir. Já fiz o curso dois anos no Chaplin, será fácil. Quando ingressei no meio do grupo, das interações e conversas, me deparei com situações inéditas, diferentes do que tinha vivenciado no curso de LIBRAS. Fiquei atordoada, assustada com a situação que era nova pra mim, pois

²³Centro de Apoio ao Deficiente Auditivo. Não existe mais.

estavam todos sinalizando naturalmente; eu fiquei angustiada, pois não tinha experiência naquele ambiente.

Estava mais acostumada a sinalizar me apoiando na minha L1, que é o português. Pois no curso tinha feedback em português, e não em outras estruturas da LIBRAS. E quando estava com os surdos na reunião, percebi que estava tendo conversas truncadas; e davam risadas, eu atrasava em algumas respostas e me atrapalhava nas conversas. Então aconteceu de um dia eu olhar para todas essas situações complicadas, sentir uma angústia, um sentimento negativo, me fazendo mal, me causando uma baixa autoestima. De pensar que não iria conseguir, de que não era capaz, me senti burra, pois já tinha tido um trauma com a língua inglesa, que me remeteu aquele sentimento novamente de incapacidade. Então pensei: eu não sou capaz de ser fluente em línguas, melhor ir para a matemática, pois sou uma boa aluna. Pensei: acho melhor pegar outro caminho, ir para área tecnológica, que humanas não era pra mim, não combinava comigo.

Então resolvi ir pela última vez em uma reunião dos surdos TJ, e sempre no fim dela, todos ficavam batendo papo. Sabe como é cultura surda; conversam bastante. Porque ficam isolados em casa, pois a maioria dos pais e parentes dos surdos não sabem LIBRAS. Então, aquele é o momento de conversarem, que acontece uma hora antes de começar a reunião, e uma hora depois também. Na minha mente, já tinha resolvido que iria desistir. Pensei comigo: desculpe vou abandonar. E então saí de perto e desabei a chorar, porque eu pensei: eu não consigo, isso é impossível pra mim. Eu mesma estava me colocando pra baixo com muitos pensamentos negativos. E então o surdo com o sinal-nome de CM n.º 12, que encosta na maçã do rosto e no dorso da mão, movimento de cima para baixo, que chamarei pelo nome de Sérgio, ele me viu saindo e me chamou. Eu não sei se foi Deus que fez ele ir atrás de mim, mas quando me virei, nós nos olhamos; eu estava chorando, descendo as lágrimas, e ele me perguntou: “Por que está chorando?”.

E eu muito sem graça, com vergonha, disse que não era nada demais, que estava emocionada, mas ele insistiu muito que eu desabafasse com ele. Comentei que ele tinha um jeito engraçado de falar, jeito especial de ser. Eu tinha uns dezessete anos na época. Estava na época de construção de identidade, momento difícil. Sabemos que não é fácil, em que temos obstáculos, traumas, e a pergunta que não queria calar: por que chorar? Então respondi que não entendia vocês, não consigo opinar, não consigo rir junto de vocês, e isso me angustia. Parece que sou burra, eu

nunca vou aprender LIBRAS. E então ele me disse: “Você irá aprender, sim!”. E então ele começou a cuidar de mim, e me disse que precisava de intérprete, e me chamava para conversar. Me dizia: “Você precisa ajudar os surdos a aprender sobre a Bíblia; você irá ficar fluente, confie em Jeová”.

Ele me disse: “Olha, você precisa mudar seu sinal-nome.” (Que ele usa as letras do alfabeto). “Seu sinal teve influência do português, que é de ouvintes. Vamos trocar.” Você combina com o sinal-nome com a CM n.º 7 ou n.º 1, PA na bochecha, OP para esquerda, e o movimento de cima para baixo, que remete ao verbo chorar, como mencionado acima. Foi me dado com a CM 1, mas devido as pessoas ligarem à primeira letra do meu nome, fazem com a CM 7 também. Eu já desisti de ficar corrigindo as pessoas, então achei melhor deixar ser usado das duas formas. O sinal-nome com a CM 1 é meu sinal histórico, pois está ligado à minha história e o com a CM 7 está ligado ao contexto social.

Sei que o segundo sinal-nome tem a influência forte do português. Depois que superei minhas dificuldades com a LIBRAS, e realmente me tornei uma intérprete fluente, comecei contar essa história do meu sinal-nome. Então, começou a fazer parte de mim. Depois tive decepções amorosas, de amizades, e me tornei uma pessoa chorona por natureza. Em relação à influência que o português tem sobre o sinal-nome, na maioria das vezes que é necessário perceber se os surdos escolarizados, ou de alguma forma que tem contato com a educação, se preocupam a tirar a letra do sinal-nome, enquanto outros que não têm escolarização, ou essa ligação, fazem questão de colocar a letra do nome.

Como foi a relação desses surdos, qual é o nível de relação deles com a escola e a escrita? Depende do jeito como escreve, se faz parte da sua relação emocional, ou com a sociedade? Ou se não fez? Que os surdos que encararam o português como instrumento, eles não deixaram o português influenciar a língua, mas aqueles que encararam isso emocionalmente como espaço na sociedade, eles, em algum momento, como próprio professor Edson, foram influenciados a usar o português como uma ferramenta emocional? De sobrevivência emocional na sociedade, de aceitação, de identidade, até de um certo status de conhecimento mesmo. Nossa! Se você conhece o português mesmo, você é um surdo diferenciado.

Hoje, eu vejo muito esse movimento com o Letras-LIBRAS. Os surdos que têm Letras-LIBRAS, eles são “elite”, eles se sentem “elite”, diferentes, se sentem a NATA da sociedade em relação aos outros surdos. Isso por um lado é bom, pra que eles

continuem buscando conhecimento, porque é importante esta via, mas por outro lado eu acho bastante preconceituoso, muito preconceituoso. E aí você vê um movimento agora. Estava conversando com um colega da Universidade, UFG, e ele me perguntou: “Você acha que todo surdo quer ir pra faculdade, fazer Letras-LIBRAS? Que todo surdo pensa em ser professor de LIBRAS?” Na verdade, existe uma elite que quer isso, e não é ruim, é bom. Como eu acho que vai ter surdo que vai nascer e vai dizer: “Eu quero ir pro espaço. Eu não quero estudar. Eu quero vender picolé. Eu quero fazer arte.” E ele me fez uma outra pergunta que me fez pensar muito: “Você já pensou num mundo sem português? É possível a gente viver sem português? É por que as outras nações vivem sem português? Elas vivem com as línguas delas.” E respondi a ele, que ele tinha razão.

Porque às vezes a gente tem um grau de exigência de aquisição de português com o surdo, que parece que se ele não saber português, ele não é gente. Como nós somos passíveis de generalizações, que não diferenciam, mas subjugam. Como nós podemos colaborar ou não com esse preconceito linguístico, e da pessoa surda com a própria pessoa surda. Você viu esse sinal? É realizado com as duas mãos em CM n.º 61, no espaço neutro, a OP da mão direita para esquerda e da mão esquerda para trás, bate a mão direita no dedo mínimo da mão esquerda, movimento de bater; que em LIBRAS significa o último nível, a pessoa faz parte do baixo escalão.

Eu cito o livro “Preconceito Linguístico”, de como é importante aceitarmos a variação linguística na língua portuguesa. E contou que fazendo orientações de TCC de alunos surdos na UFG, percebeu-se que entre os surdos também existem preconceito linguístico. Entre surdos, que tem problemas motores, são horrorosamente discriminados, como se eles fossem mentais. Os próprios surdos os separam; e eles são inteligentíssimos, mas visualmente eles não são surdos perfeitos. Então percebe-se que o preconceito é humano, vem das nossas percepções, das nossas faltas de reflexões, a nossa falta de entender algo maior, que é Deus. Quando pergunto sobre o que seu sinal-nome representa, ela respondeu que representa quem ela é, representa o momento de fraqueza que ela viveu.

Momentos marcantes e difíceis, como relatado acima. Teve um episódio da minha vida que eu estava apaixonada por uma pessoa, e ele estava apaixonado por outra, e eu fiquei com dor de cotovelo. Meu coração ficou dilacerado, em que sofri durante um ano da minha vida. Mas já passou. Ele já se casou com outra pessoa e eu também me casei e amo meu marido, mas fiquei machucada. Qual foi a lição? As

peessoas não podem brincar com os sentimentos das outras, pois pode ficar um machucado eterno, que nunca irá sarar; que pode trazer baixa autoestima e vários problemas psicológicos que ficam internalizados. Às vezes a pessoa não tem culpa, mas pode trazer complexo de inferioridade, baixa autoestima, insegurança, de que outro é melhor do que eu. Por exemplo: até hoje fico desconfiada com amizades, porque eu penso que ela irá escolher outra pessoa.

Então meu sinal-nome marcou um momento muito forte na minha vida, e essa relação mostra que ele carrega esse significado marcante. Meu sinal-nome está marcado no meu coração devido a todos os fatos que relatei a você. Agora em relação a última pergunta, de quem tem o direito de batizar na LIBRAS... Bem, antigamente eu pensava que era apenas o surdo, só o surdo mesmo, por ele ser mais visual, por ele ter uma percepção aguçada; e ele tem todos os critérios que se combinam para se criar o sinal-nome. Mas depois eu entendi que às vezes, se precisa do sinal naquele momento. E aí eu fiquei com dúvida se eu posso criar um. Eu já tenho contato com a comunidade surda há muitos anos. Conheço os critérios linguísticos de formação para o sinal, conheço os parâmetros da LIBRAS, então por que não? Depois, se a comunidade surda não concordar com aquele sinal que eu criei, não tem problema. Ele pode ser substituído.

Às vezes, por exemplo, no meu trabalho de intérprete, eu preciso de um sinal na hora, e aí se combina no momento. Eu me lembro de um trabalho que fiz com você em um show musical, e a cantora não tinha sinal-nome; mas, para não ficarmos usando a datilologia o tempo todo, eu criei um sinal, que era um hábito dela de colocar a mão no rosto. Mas ela preferiu a letra do nome dela. Eu não achei ruim criar esse sinal-nome, que eu criei juntamente com você, que era minha dupla de interpretação. Não tinha um surdo no momento, mas eu confesso que se ela futuramente fizer um curso de LIBRAS, eu sou contra no 1º dia da aula o surdo ficar batizando os alunos. Por exemplo, aí surgem aqueles sinais: “óculos”, “barba”, “cavinhas”, “sobrancelha”, “orelha”, “pinta”. A criação do sinal-nome leva um tempo em que o surdo vai fazer observações que marca a vida do aluno. Eu acho meu sinal-nome tão significativo, e aí você se depara com sinais “sem sentido”.

É igual à questão de preferência de professor: surdo ou ouvinte? A preferência é pelo surdo, mas a gente sabe que existem questões políticas. Uma vez, eu perguntei à professora Quadros: “Você acha que só surdos devem ensinar LIBRAS?”. A gente trabalha com a língua, a gente convive com a língua e não pode ensiná-la? E aí ela

me respondeu: “Quando você vê essas discussões muito difíceis de resolver, pensa que tem uma motivação política, histórica, social, de sobrevivência de uma comunidade. Não é culpa dela exigir. Que ela seja respeitada. É porque durante muito tempo ela não foi respeitada. Mas não quer dizer que seja a verdade. Mas é preciso, talvez necessário.” Depois disso, entendi muita coisa.

Não é uma coisa científica real, porque se você conhece os critérios, formação do sinal, conhece a pessoa, meu aluno, no final do semestre, quer ganhar um sinal? Não tem problema! Você vai criar um sinal que combine com ela, igual um surdo faria. Talvez o surdo criaria em uma outra perspectiva, em outro momento. É igual quando seu pai dá um nome e sua mãe dá outro nome. Cada um dá uma justificativa. Nunca vai ser igual. “Ah, pode um ouvinte substituir um surdo” (ironia). Um ouvinte pensa diferente de um surdo. Ninguém pensa igual a ninguém. Então, a minha resposta é sim. O surdo, o ouvinte e o CODA podem batizar o sinal-nome, considerando todos esses critérios; de conhecer a formação do sinal, contato com a comunidade surda, entender a língua, histórico e social. Acho que tudo isso influencia a escolher o sinal para a pessoa. Agora, o surdo tem tudo isso fácil, rápido, com segurança. Ele já funciona visualmente para escolher o sinal de uma pessoa, como nós fizemos lá no show.

Então, entre um ouvinte meia-boca, que começou a dar aula agora, entrou no Letras-LIBRAS, formou em 4 anos, aí já vai dar vários sinais? Prefiro o surdo, o ouvinte ainda não tem chão. O surdo já nasce assim. Que ele é melhor para isso, eu concordo. Mas eu acho que qualquer pessoa pode dar um sinal-nome, desde que ela tenha um know-how pra isso. Então, hoje eu já não me culpo se eu criar um sinal-nome. E se alguém criticar: “Esse não é um sinal, tem outro”, eu vou falar: “Ótimo! Variação linguística. Você aprendeu no Letras-LIBRAS? Você tem uma perspectiva para criar um sinal. Eu tenho outra perspectiva”. Pronto! Eu me defendo assim. E se tiver um surdo, eu sigo Quadros: a preferência é dele. Agora, se não tiver e eu precisar, eu crio sim. Por que não? Eu posso criar. Agora, considerando a questão política do surdo, social e de respeito, tenho meu amor pela comunidade surda.

5.1.17 Entrevista 17

Maria, ouvinte, apresentou seu nome e seu sinal-nome em LIBRAS, com a CM n.º 46, PA no peito, OP para frente e o movimento para frente e para trás. Esse sinal-

nome tem a taxa de Aspecto ELO 1.1 (inicialização) e Aspecto Comportamental 3.3 (atitude). *Eu tinha uma amiga surda, e ela percebeu que eu tinha um carinho muito grande por ela. E estava aprendendo LIBRAS por causa dela. Eu era professora na igreja e ela estava frequentando junto comigo. Na época não tinha conhecimento nenhum de LIBRAS, e pensei: como iria trabalhar com ela? Então comecei a fazer o curso de LIBRAS com ela. Tinha vinte e três anos de idade e foi na cidade de Cascavel, no Paraná.*

Antigamente, se usava mais sinais-nomes com letra (e o dela entrou nessa taxa de empréstimo linguístico da língua portuguesa, como descrito acima). Na oitava pergunta, sobre o que representa o sinal-nome: meu sinal-nome representa minha marca, ninguém tem igual. É meu registro na LIBRAS, tem um significado, um sentido pra mim. Tem quinze anos que trabalho na área da LIBRAS, e nunca dei um sinal-nome pra ninguém. Sempre chamava um surdo para realizá-lo. Mas já presenciei amigos ouvintes dando sinal-nome para outras pessoas, mas no meu caso, já influenciei na criação de um sinal-nome.

Já teve situação de ter que explicar sobre alguém, algumas vezes, para ter mais significado e sentido para criação daquele sinal-nome. Mas eu nunca dei um sinal-nome pra ninguém, pois não sinto confiança para isto, pois me lembro que quando comecei a aprender LIBRAS, as pessoas sempre me falavam que só surdo batiza. E esse discurso ficou internalizado em mim. Sempre chamava professores surdos que tem mais experiência e que sabiam bem o português. Sempre trabalhei junto com o surdo, conversando, dialogando sobre os sinais, pois é preciso concordar. Sobre quem pode batizar na LIBRAS: eu penso que sim, todos podem batizar, pois LIBRAS é uma língua que não tem dono. Todos os dias as pessoas usam a língua, e ela vai se modificando a cada dia; toda língua passa por isso. E eu nunca tinha parado para pensar se eu poderia dar um sinal-nome para alguém, pois já estou acostumada de que isso é papel do surdo.

5.1.18 Entrevista 18

Leyle, surda, apresentou seu nome e seu sinal-nome em LIBRAS, com a CM n.º 46, PA espaço neutro acima do ombro, OP para esquerda, e o movimento em espiral para cima. Esse sinal-nome tem a taxa de Aspecto ELO 1.1 (inicialização) e Aspecto Físico. Importante destacar que não tem o subitem para classificar seu

aspecto físico. Sobre como ocorreu seu batismo: antes, eu não convivía com a comunidade surda, só tinha amigos oralizados. Eram quatro amigos que eram surdos oralizados, eu não conhecia sobre a cultura surda, e vivia minha vida usando a oralização.

Quando tinha vinte e quatro anos, uma amiga me convidou para o aniversário dela. Quando eu cheguei, eu me senti “um peixe fora d’água”, pois tinham muitos surdos sinalizados, conversando em LIBRAS. E eu não sabia nada de LIBRAS. Minha sorte que tinha um amigo surdo oralizado ao meu lado, que era bilíngue, e era fluente em LIBRAS. E eu perguntei pra ele: “Por que eles não falam? Eles têm preguiça de falar?” E meu amigo me respondeu: “Não, é língua própria do surdo.” E eu fiquei admirada. Então ele me explicou o que era LIBRAS, língua, o surdo, e outros detalhes. E a partir daí eu comecei a conviver com a comunidade surda. Me lembro de estar no Amazonas Shopping, e minha amiga surda me disse que meu sinal era este (como já descrito acima). E na hora eu não entendia por que meu sinal era daquela forma, pois minha amiga não tinha me explicado. Depois que perguntei a ela o significado, e ela me disse que era porque eu era alta.

Quanto ao significado do seu sinal-nome na comunidade surda, todas as surdas do Estado eram baixinhas, eu era a única alta. Mas fui entender detalhadamente um tempo depois, do que significava o batismo. E se eu soubesse o significado real na época, eu poderia ter sugerido outro sinal, como a CM n.º 57, PA no cabelo, OP para trás, movimento para baixo, representando meus cabelos.

Nunca tive outros sinais-nomes, porque como toda a comunidade surda já me conhecia por meu primeiro sinal-nome, era complicado mudá-lo, pois já tinha ficado marcado. Não gosto que meu sinal-nome tenha letra, pois o meu tem a primeira letra do meu nome; mas como disse, já está marcado. Meu sinal-nome é minha identidade na comunidade surda, e que faz parte da cultura surda. E não fui eu que criei, foi um surdo que me deu; é uma marca pra mim. E não me arrependo, eu aceitei e todos me conhecem por ele. É como se fosse uma tatuagem pra mim, minha marca.

Quanto à questão de quem pode batizar na LIBRAS, eu faço parte de um grupo de WhatsApp que tem professores surdos do Brasil todo, e todos dizem o mesmo discurso, de que apenas o surdo deve batizar na LIBRAS, pois ele nasceu surdo. A língua é própria dele. Para ele, batizar fica mais bonito, como se fosse um padrinho ou madrinha. O ouvinte que aprendeu LIBRAS, falta algo. E em relação ao CODA: depende, pois tem CODA que não trabalha como intérprete; tem CODA que não faz

parte de grupo de surdos; e já temos aqueles CODAS que gostam e querem trabalhar com surdos. Eu não tenho preconceito com CODA, mas pensa: o CODA estudou em escola de ouvintes e não em escola de surdos, então eu penso que a língua é própria do surdo.

Comparo com professor de inglês americano; quando ele é nativo da língua, está dando aula, estão todos ouvindo, sentem um conforto na língua. Na minha visão, é um pouco diferente. No meu caso, aprendi a LIBRAS muito tarde, mas penso que para batizar... Por exemplo, na sala de aula, eu aprendi que os alunos têm que entrar na comunidade surda, pois já tenho dez anos de sala de aula na UFAM, e o que acontecia antes? Eu batizava todos os alunos, e depois de um tempo o encontrava, e ele já tinha esquecido seu sinal-nome. Então, depois disso, quando um aluno me pede um sinal-nome, eu digo a ele que primeiro, para ele ir primeiro participar da comunidade surda. Na família, só eu tenho sinal-nome, mas todos os meus cachorros ganharam sinais-nomes; são como filhos para mim. O sinal-nome é importante para o surdo, pois ele pode até esquecer o nome da pessoa, mas o sinal-nome fica memorizado.

5.1.19 Entrevista 19

Dalson, surdo, apresentou seu nome e seu sinal-nome em LIBRAS, com a CM n.º 18 e 17, PA nas sobrelanceiras, OP para frente, e o movimento para frente e para trás. Esse sinal-nome tem a taxa de Aspecto 1.1 (inicialização) e Aspecto Físico 2.5 (sobrelanceira). *Já tive três sinais-nomes durante minha vida. Dois sinais-nomes eram do Rio de Janeiro, e o terceiro de Manaus. Meu primeiro sinal-nome, eu tive quando era criança, era fofinho; tinha a CM n.º 4, PA no antebraço, OP para baixo, movimento para frente em zigue-zague, sendo o sinal de gordo. Classificando-o na taxa, ficaria Aspecto Físico 2.16. Característica marcante de alguma parte do corpo que não seja a cabeça.*

Não me lembrava desse meu primeiro sinal-nome; depois que cresci, é que minha mãe me contou dele. Então, aos quatorze anos de idade, tive outro sinal-nome, que era relacionado aos cabelos brancos que tinha na lateral do meu cabelo, que era a CM n.º 51, PA na lateral da cabeça, OP para a esquerda e Movimento para trás. Analisando a taxa, se encaixa no Aspecto Físico 2.3 (cor de cabelo). Como eu era muito jovem, esse sinal-nome foi dado pelos meus colegas da quarta série. Me incomodava um pouco no início, pois sentia um pouco de vergonha de ter fios de

cabelos brancos tão jovem. Minha mãe adorava, pois era parecido com o cabelo dela, mas, no caso dela, os fios brancos estavam na parte de cima da cabeça. Mas com o tempo me acostumei com ele; o usei até meus vinte e seis anos, que foi quando conheci minha atual esposa.

Quando fui conhecer a comunidade surda de Manaus, pois era da comunidade surda do Rio de Janeiro, apresentei meu segundo sinal-nome. Uma amiga surda que tem o sinal-nome CM n.º 49, PA na bochecha, OP para esquerda, e movimento de dedilhar, ela é de Manaus, e me deu outro sinal-nome. Que seria a CM n.º 18 e 17, PA nas sobrancelhas, OP para frente, e o movimento para frente e para trás; e ela frisou pra mim que aquele sinal de antes não combinava com ele. E fui batizado pela terceira vez, desta vez por uma surda de Manaus, pois justificou que os fios brancos não estavam aparecendo mais e que minhas sobrancelhas se destacavam por serem juntas. Então fiquei com esse terceiro sinal-nome até hoje. Esse sinal parece o sinal de acadêmico, mas que às vezes explica a questão do local, pois acadêmico é um pouco mais acima das sobrancelhas, sendo seu ponto de articulação na testa.

Meu sinal-nome é minha marca, pois as pessoas relacionam ele à minha pessoa; e confesso que também senti um pouco de vergonha no início, por causa das minhas sobrancelhas grossas e juntas. E com um tempo, fui me acostumando até aceitá-lo. Único problema, como já havia dito antes, foi a questão de ser parecido com o sinal de acadêmico ou faculdade, que quando vejo alguém sinalizando, penso que estão me chamando ou falando algo de mim.

Quanto à questão do batismo na LIBRAS, os ouvintes sempre me procuram para promover o batismo; eu pergunto: “Por que eu?” E eles sempre respondem: “Por que você é Surdo”. E uma vez eu perguntei a uma pessoa ouvinte: “Por que o surdo tem que batizar?” Ele me disse: “Porque o ouvinte foca na língua, no português”. No caso do CODA, ele pode escolher entre o português e a LIBRAS, pois eu penso que você, como CODA, possui essas duas identidades. Pois você convive nestes dois mundos, e eu no mundo surdo, e entendo que deva batizar tantas pessoas. No caso, se um professor ouvinte estiver dando aula e precisar dar o sinal a alguém, ele pode chamar o professor surdo para dar. Mas entendo que seja uma questão mais política, porque a maioria dos ouvintes usam letras do português de todas as formas para batizar. E essa parte desvia do foco da língua, porque a maioria dos surdos preferem a língua pura do surdo.

5.1.20 Entrevista 20

Leyle, surda, apresentou seu nome e sinal-nome, que tem a CM n.º 46, PA na testa, OP para esquerda, e o movimento para baixo. Esse sinal-nome tem a taxa de Aspecto ELO, 1.1 (inicialização) e Aspecto Físico. Aos dezoito anos, aproximadamente, tive meu primeiro contato com a comunidade surda. Uma amiga a levou na Associação dos Surdos de Goiânia, e lá, em um momento de interação, ganhou seu sinal-nome (como descrito acima).

Mas agora me lembro que, na verdade, meu primeiro sinal-nome não foi esse, foi o sinal-nome de CM n.º 32, PA nos dentes, OP para dentro, movimento circular. Devido a ter usado aparelho nos dentes, e não queria de jeito nenhum, não gostei e recusei. E então, depois, sua amiga lhe deu um sinal-nome novo na ASG, por causa do formato de seu rosto. Me lembro que tive outro sinal-nome quando era criança, com a CM n.º 57, PA no ombro, OP para baixo, movimento pra frente e para trás. Era assim por causa do meu cabelo; era liso e batia no ombro. Não me lembrava desse, pois era de quando estudava em Brasília.

No ano de 2011, estava tendo um movimento pela Escola Bilíngue em Brasília, e encontrei um surdo de lá que se lembrava muito bem de mim, e disse que tinha estudado comigo no CEAL-LP²⁴. Foi esse surdo que me lembrou do meu primeiro sinal-nome, que eu não me lembrava mais. Nessa escola, se usava a comunicação total em sala de aula, e no recreio conversávamos apenas em LIBRAS. Era muito gostoso. Na época, o diretor era um padre, e ele me disse que eu era uma ótima aluna. Já sabe ler e escrever bem, é melhor ir para outra escola. Pois a metodologia de lá era fraca. Então nos mudamos para Goiânia, pois minha família tinha se mudado para Brasília por causa de mim. Fiquei triste, pois gostava dos meus amigos surdos da escola.

Em Goiânia tinha poucos amigos, e continuei oralizando. Quando soube que existia uma associação de surdos, eu já tinha dezoito anos. Voltando ao meu amigo de escola que me lembrou do meu primeiro sinal-nome, ele me questionou: “Por que você trocou de sinal-nome?” Eu me emocionei, e disse que infelizmente não me lembrava dele, e lamentei. Senti como uma perda, e ele ainda brincou comigo: “Não vou usar seu segundo sinal. Pra mim você sempre será o seu primeiro sinal-nome.

²⁴Centro Educacional da Audição e Linguagem – Ludovico Pavoni, é uma instituição para surdos e deficientes auditivos, conhecida em Brasília.

Meu sinal-nome, pra mim, tá ligado ao meu nome, acho ele muito bonito; e sou muito grata à minha amiga surda por ter me dado ele. E penso que é muito legal não precisar da datilologia, poder fazer o sinal natural, em que eu aceito minha identidade surda, pois antes me considerava deficiente auditiva, mas hoje me aceito como surda e tenho uma identidade, e eu acho muito bonito.

Sobre a questão do batismo na LIBRAS, eu conheço as regras e teorias relacionadas à comunidade surda, e já é um veredito dentro da comunidade que quem batiza é o surdo. Mas pra mim, hoje é livre; qualquer pessoa pode batizar na LIBRAS, porque é difícil o tempo pro surdo. Por exemplo, no meu caso que sou professora, quando estou no corredor da universidade, direto tem alunos ouvintes que me param, e me pedem um sinal-nome, e eu estou na correria, sem tempo. Porque a maioria dá aula; então se tem professor ouvinte também, ele também pode batizar. Ele precisa também, e eu respondo que não tenho tempo e que também não conheço a pessoa.

É necessário se ter mais contato com a pessoa. São muitos alunos e o tempo do professor é curto. E para o professor poder dar o sinal-nome, leva-se tempo; ele tem que observar o aluno um tempo, conhecê-lo melhor. Então na minha opinião pode sim. Às vezes pergunto o sinal de algum aluno, e ele já tem; acho ótimo também. Eu não preocupo em ficar controlando quem batizar, e nem exigi que seja feito só pelo surdo, porque os surdos são minoria linguística e os ouvintes são maioria. Isso é impossível! Antigamente, nós tínhamos regras mais rígidas, hoje eu penso que temos mais liberdade, não vejo problema nenhum. Sempre explico na minha aula que precisa ter contato com o surdo, porque se não tiver, não irá se desenvolver na LIBRAS.

5.1.21 Entrevista 21

Ronice, que é CODA, apresentou seu nome e seu sinal-nome, que tem a CM n.º 49 e n.º 7, PA no espaço neutro, OP para frente, e o movimento para a direita. Esse sinal-nome tem a taxa de Aspecto ELO 1.3. Mais de uma letra. *Quando eu era bebê, meus pais me deram um outro sinal-nome, em que é feito com a CM n.º 49, PA no espaço neutro, OP para frente, mas o movimento é para cima e para baixo. Lá pelos meus dezoito, dezenove anos, fui aprovada para o curso de Letras-LIBRAS. Antigamente não tinha Facebook; se usava Orkut, lembra? Eu sempre escrevia textos,*

e no final deixava a minha abreviatura do meu nome; isso acontecia sempre. Então olhei para dentro de mim, e percebi que ela tinha mais significado pra mim, na minha vida. E então, dentro do curso do Letras-LIBRAS, eu resolvi mudar, e eu mesma me batizei. Analisei na comunidade surda e percebi que ninguém tinha um sinal-nome igual, e também perguntei aos meus pais o que eles acharam, e me disseram que acharam legal e aceitaram. Uso esse sinal-nome até hoje.

Quando ingressei no Letras-LIBRAS, estava amadurecendo, e olhou para si, e pensou: preciso mudar meu sinal-nome, para marcar esse momento de mudança dentro da língua, que foi muito forte. Quanto ao significado do meu sinal-nome, quando fui criar meu Instagram, minha família disse: “Você precisa colocar o sobrenome da sua família”. Mas na verdade o que pesa pra mim é ser CODA. Por isso meu nome lá está meu nome em português e junto a palavra CODA. É muito forte pra mim. Inclusive, se fosse possível, registrava no meu nome de verdade. Inclusive minha família ouvinte não sabe, mas o sinal-nome tem poder, pois envolver a família cultural, linguística, língua.

Meu sinal-nome é minha L1. Ele me remete também à liberdade, lembrando de quando estava fazendo Letras-LIBRAS, abriu minha mente e olhos, pois pude aprofundar na LIBRAS. Antes disso, sabia que era natural, sabia da cultura, mas relacionado à escrita, por exemplo, tem mais valor quando escrevo meu nome mais a palavra CODA, do que meu próprio sobrenome. E às vezes as pessoas se confundem; acham que CODA é meu sobrenome de verdade, por estar nos nomes das minhas redes sociais. E sinto muito feliz com meu novo sinal-nome, e com ele liberdade.

Quanto ao batismo na LIBRAS, eu penso que possa ser o surdo e também o CODA; mas esse CODA tem que ter maturidade, contato com a comunidade surda. Ele tem que ter percepções de características das pessoas, de rosto e de corpo, aspectos físicos, e também sobre a subjetividade do surdo. E a respeito do nível desse surdo que pode batizar, não precisa estar ligado a grau de escolaridade. Qualquer surdo pode batizar; pra ele é natural. Por exemplo, eles não gostam do nome em português, o que tem o verdadeiro significado e valor para eles é o sinal-nome. Ele não precisa ter Letras-LIBRAS, ou fazer faculdade para batizar. E complementou sobre o CODA: contanto que ele use LIBRAS e tenha contato com a comunidade surda. Esse CODA precisa estar atento aos outros sinais-nomes que já existem, para não repeti-los, pois pode causar confusão. Então, por exemplo, se mora em Manaus,

então tem que evitar sinais repetidos, e se não sentir segurança, não batize, faça isso só quando se sentir preparado.

Inclusive, eu já batizei muitas pessoas; só para aquelas pessoas que querem muito, pedem por favor. Digo à pessoa que vou observá-la primeiro; eu demoro, e digo que no outro dia darei o sinal-nome a ela. E na minha opinião, se tem surdo no local, é ele que dará os sinais-nomes para turma, mas se não tiver surdo, eu posso dar o sinal-nome. Tive duas situações de exemplo: fui ministrar um curso pelo Parfor da UFAM, e fui para duas cidades do Amazonas, em que uma tinha um surdo da comunidade. Então ele ficou responsável pelo batismo dos alunos. E na outra cidade já não tinha nenhum surdo, então batizei todos os alunos. E em relação aos professores ouvintes que tenham muitos anos de experiência na comunidade surda: olha, eu nunca vi professor ouvinte que tenha tido coragem, percebo um respeito pelo surdo. Eu dou exemplo de quatro profissionais da área de LIBRAS que são ouvintes, e sempre convidam o surdo para batizar.

5.1.22 Entrevista 22

Elizandra, ouvinte, apresentou seu nome e sinal-nome, que a CM n.º 50, PA nos cabelos, OP para esquerda, e o movimento colocando o cabelo atrás da orelha. Esse sinal-nome tem a taxa de Aspecto ELO 1.1 (inicialização) e Aspecto Social. Eu comecei a aprender LIBRAS em 1999. Eu estava de cabelos soltos (longos) e conversando com um surdo. Ele me observou, percebeu que eu tinha o hábito de ficar passando a mão no cabelo e o colocando atrás da orelha; daí veio o meu sinal-nome. Durante minha trajetória com a LIBRAS, tive apenas esse sinal-nome.

Quanto ao reconhecimento do sinal-nome, eu o vejo como um reconhecimento dentro da comunidade surda, uma marca histórica, estabelecimento de uma identidade num novo grupo. Quanto ao batismo na LIBRAS, devem ser os Surdos, em respeito à cultura surda e pessoas que têm um tempo mínimo para observar uma característica marcante da pessoa a ser batizada.

5.1.23 Entrevista 23

Eduardo, ouvinte, apresentou seu nome e sinal-nome em LIBRAS, que tem a CM n.º 33 e n.º 46, PA no ao lado da boca, OP para trás, e o movimento de datilologia.

Esse sinal-nome tem a taxa de Aspecto ELO 1.3. *Antigamente, eu participava de um grupo de surdos. Aproximadamente no ano de 1994/1995, eu tinha um dos dentes tortos, e quando eu ria, ficava preso no meu dente.*

Trabalhava em uma fábrica de roupas de banho na cidade de Goiânia, eu tinha de 13 para 14 anos; usava aparelho nos dentes na época. Nesse local, tinha um grupo de surdos que trabalhavam lá comigo; por isso o surdo pegou essa marca visual de mim, juntamente com as iniciais do meu apelido, tendo essa influência do português. Eram três surdos e eles trabalhavam na área de costura, e eu participava do programa Menor Aprendiz, que tinha em Goiânia, que incentivava jovens a desenvolver um trabalho até os dezesseis anos.

Eu tinha a função de auxiliar de escritório, e todos os dias na hora do almoço eu ia até o grupo de surdos para conversar. Com dois meses de interação na fábrica, eu já estava os ajudando nas reuniões matinais. Antes de começar o trabalho em que se tinha orações ou bate papos, ficava incomodado deles não interagirem com todos os colegas de trabalho. E durante um dia, dessas interpretações básicas que fazia para eles, um deles me batizou, pois também achava difícil memorizar meu nome.

Este surdo me explicou o porquê do meu sinal-nome. Só tive um sinal-nome durante minha trajetória. Me recordo que durante esse período, estava acontecendo o período de implementação de política de inclusão para surdos; eu me interessei de cursar o curso de Fonoaudiologia, e lá aprendi alguns exercícios de fala; e meu nome era difícil para os surdos oralizarem, mas meu apelido deu certo com os exercícios de pronúncia do português. E expliquei a eles o porquê do meu, que é diferente do comum, que era uma homenagem ao meu avô; e eles acharam mais fácil a pronúncia do meu apelido, e o movimento do meu sinal-nome também colaborava para acompanhar o movimento do exercício de fala.

Além de ganhar um sinal-nome, ele ganhou um apelido, pois minha família só me chamava pelo nome. A partir do momento que a comunidade surda o chamou pelo apelido, ficou marcado para a comunidade surda e ouvinte. Fico muito feliz! Meu sinal-nome é, pra mim, muito especial, pois significa que fui aceito pela comunidade surda. E ele representa meu nome na comunidade surda. Comparando com o RG, tem o nome e meus dados. Na comunidade ouvinte todos me conhecem através dela. Agora na comunidade surda, todos me conhecem através do meu sinal-nome; ele é minha identidade dentro dela, significa que eu pertencço à comunidade surda. Ele me traz muita felicidade, orgulho e muito amor! Eu amo meu sinal-nome!

Quanto ao batismo na LIBRAS, fiz poucas leituras sobre esse tema, mas pela minha experiência de muitos anos na comunidade surda, penso que qualquer ouvinte, independentemente de ter ou não ter surdos na família, não deva batizar, pois vejo como falta de respeito. Tanto na criação do sinal-nome ou na criação de sinais, tem que ser o surdo.

5.1.24 Entrevista 24

Gabriel e Madalena, casal surdo, apresentaram seus sinais-nomes. Madalena “se batizou” com onze anos, quando estava no INES. Ela nunca trocou de sinal-nome. No caso de Gabriel, também quando estava no INES²⁵ (com 10 anos). Quem o batizou foi um colega chamado Divo; ele, assim como Madalena, nunca trocou de sinal-nome. Como ele mesmo disse: o “apelido” ficou.

Para Madalena, o seu sinal-nome representa uma vitória, uma conquista. Para Gabriel, o seu sinal-nome representa pertencimento à comunidade surda. Quanto à questão “CODAS e ouvintes com experiência na comunidade surda podem batizar?”, Gabriel respondeu que depende do local onde vai ser feito o batismo, ou seja, cada caso é um caso.

5.2 TABULAÇÃO DAS ENTREVISTAS

A tabulação a seguir se refere às respostas das questões de 6 a 9 do questionário de perfil (Apêndice A).

²⁵Os alunos do INES eram numerados. Por exemplo, o número do Gabriel era 211.

Tabela 1 – Respostas das questões 6 a 9 do Questionário de Perfil

Participantes	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	Total	%	
Questionário Perfil																												
Q6 - Graduação																												
Concluiu	1	1	1	1			1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	21	84,00%	
Fazendo																										0	0,00%	
Não tem					1	1																			1	1	4	16,00%
Q7 - Estudou Libras																												
Em nenhuma instituição																										0	0,00%	
Escola pública							1	1														1			1	1	5	20,00%
Escola privada																										0	0,00%	
Professor particular								1																		1	4,00%	
Outro local	1	1	1	1	1	1				1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	19	76,00%	
Q8 - Se considera fluente na Libras																												
Sim	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	25	100,00%
Não																										0	0,00%	
Q9 - Curso algo sobre sinais nomes na cultura Surda																												
Sim	1	1	1	1			1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	20	80,00%
Não					1	1									1											1	5	20,00%

Fonte: Elaborado pela autora

A maioria dos participantes já completaram a graduação, em concordância com o fato de a maior parte da amostragem ter sido feita a partir de instituições universitárias. Também a maioria dos participantes estudou LIBRAS ou em associações de surdos ou com parentes e conhecidos (amigos, vizinhos).

5.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Para se fazerem as análises do discurso, temos princípios básicos que precisam ser respeitados, como análise de textos reais. No caso desta pesquisa, temos situações reais de uso da linguagem na comunicação e na interação. Na LIBRAS é muito importante a análise do contexto, que também faz parte da Análise do Discurso, a qual tem como princípio o contexto local, global, social e cultural. Esta compreende o discurso como prática social e não como atividade individual. Na AD nada é inaugural e sim tudo incompleto; há necessidade de se fazerem recortes (ORLANDI *apud* NUNES, 1994; SOUZA, 2005). O sujeito terá seu posicionamento ideológico influenciado por suas crenças, valores, preferências, identidade e relações sociais. Analisaremos também as entrevistas como práticas discursivas, em que se leva em conta também a ideologia e o poder.

Na entrevista 01, analisando o discurso da professora ouvinte, nota-se que há uma relação de poder entre surdos também, pois mesmo sabendo que Jéssica já tinha um sinal-nome na comunidade surda, e que foi dado por um professor surdo, a surda quis dar outro sinal-nome a ela. Segundo Souza (2005), é muito importante articular a língua com a história do sujeito. Entendemos que é necessário ter um consentimento de ambas as partes, e que o sinal-nome também está ligado ao vínculo afetivo com algo de sua história.

Muito interessante a cultura do surdo-cego, de se dar um novo sinal-nome de acordo com a perspectiva dele, que é diferente da pessoa que é apenas surda. Isso nos mostra que devemos nos adaptar conforme a necessidade do indivíduo. É importante a pessoa que irá batizar dar um sinal com que o outro terá simpatia, irá gostar. É necessário ter um consentimento, no final, de ambas as partes. E sobre a questão de se criarem sinais além de sinais-nomes, vai além disso, pois percebemos que é fundamental entendermos que se você precisar criar um sinal em sala de aula naquele dia, e no outro dia o surdo lhe apresenta, vamos dizer, um sinal que seja mais padrão ou mais formal, não tem problema nenhum, pois você usou um sinal provisório,

emergente, para facilitar a comunicação naquela hora, mas quem irá validá-lo, se vocês irão usá-lo, é o surdo. Ressaltou em relação ao batismo, que tem que ser o surdo, mas que o ouvinte pode ser um colaborador nessa criação do sinal-nome.

Na entrevista 02, no discurso da professora ouvinte, nota-se que alguns surdos ganham um sinal-nome dentro da comunidade surda, mas quando se tem consciência do valor dele, pode ocorrer um processo de autobatismo, em que ele mesmo cria outro sinal-nome para si. Mariana afirma que o empréstimo linguístico da língua portuguesa para se criar o sinal-nome pode ser um fator de empoderamento para o surdo, e não influência negativa. Será?

Concordo com Ladd (2013) quando diz que alguns discursos são prestigiados, tal como os que se encontram nas universidades, estabelecimentos médicos e de comunicação social. Relatei a ela sobre que muitos sinais novos, em que a letra do português está se perdendo, ela discordou de mim e reforçou que, de acordo com seu artigo ainda não publicado, a letra do sinal-nome é uma forma de empoderamento do surdo sobre a língua portuguesa e não o contrário. Contudo, não podemos esquecer que, de acordo com Lane (1997), a comunidade surda é uma minoria linguística, e sofre até os dias de hoje com a influência da língua oral. Pergunta-se então: será que antigamente se usava mais letra e hoje se veem mais sinais-nomes que usem a LIBRAS pura, para se batizar na LIBRAS? Outra observação importante é que o surdo pode ficar anos sem ver alguém, mas quando o encontra, às vezes não se lembra do nome, mas seu sinal-nome fica marcado pra ele.

Na entrevista 03, da professora ouvinte, é interessante perceber que ela nunca deu um sinal-nome a nenhum aluno surdo ou ouvinte: “Essa é minha opinião, mas principalmente tem que ser o surdo. Eu nunca batizei ninguém com um sinal-nome, pois sempre tem um surdo próximo de mim que já fica responsável por esta parte.”

Esse discurso da professora me traz a seguinte pergunta: mas então por que há alguns ouvintes que se autobatizam?

Em seu discurso, relata que sempre aguarda o surdo para esse evento; diz que isso já está convencionado na comunidade surda, mas não temos registrado no papel sobre quem tem direito ou não de batizar na LIBRAS. Assim sendo, é importante registrarmos e divulgarmos essas discussões e reflexões para contribuirmos com a comunidade surda.

Na entrevista 04, destaca-se no relato pessoal do discurso da professora ouvinte que podemos comparar a comunidade indígena com a comunidade surda,

pois as duas possuem rituais e critérios para se dar o sinal-nome a alguém da comunidade, fazendo parte de sua cultura. É primordial entendermos o conceito de cultura surda e sua importância neste século, tendo os processos históricos que contribuem com as regras do pensamento do povo surdo (LADD, 2013).

Podemos analisar que na comunidade indígena também é necessário que se tenha intimidade com a pessoa, que entenda sua personalidade, suas características físicas e de comportamento para se ganhar um nome, assim como o sinal-nome. Podemos analisar também uma situação muito interessante que comentei com a entrevistada sobre o CODA poder batizar na LIBRAS. Tivemos o exemplo de uma professora que foi a uma cidade do interior do Amazonas e batizou toda a turma. Alguns poderiam achar que não foi certo, por ela não ser surda, mas constatamos que ela possui tudo o que é necessário, pois ela tem conhecimento cultural, linguístico, formação de sinal e conhece os parâmetros na LIBRAS. No entanto, podemos dizer que havia o não dito nesse discurso, pois não se discutia sobre isso ainda. Por isso é tão importante conhecermos essas situações e refletirmos sobre elas. Relata também sobre o professor ouvinte ser apoio do professor surdo na hora do batismo e sobre nunca ter pensado a respeito de o CODA poder criar o sinal-nome. Assim, podemos dizer que, a partir dessas discussões, o CODA terá mais segurança e entendimento para ter o lugar de fala no discurso, para tal evento, que é o batismo na LIBRAS.

Na entrevista 05, nota-se o valor do discurso de um surdo pioneiro, da terceira idade, membro da ASG. O professor relatou que quando foi criar/dar o sinal-nome a seus filhos, que quando foi escolher para dar a seu primeiro filho um sinal-nome, pensou que precisava da primeira letra do nome dele, pois ficava mais fácil de sinalizar, mais prático. Entretanto, quando foi dar o sinal-nome para seu segundo filho, observou mais no comportamento, dando um sinal-nome que não tivesse a influência do alfabeto da língua portuguesa. Não tinha pensado sobre o CODA poder batizar, e gostou da ideia. Achei interessante em seu discurso que, mesmo não tendo formação acadêmica, ele sabe da importância que teve na Escola Bilíngue de Goiânia e como foi referência surda nessa escola e na Associação dos Surdos de Goiânia, tanto para os alunos surdos quanto para os professores surdos e ouvintes.

Na entrevista 06, temos o discurso de uma membra da ASG, a qual ficou muito feliz em participar da entrevista. Dona Germana me relatou uma questão muito interessante: em relação à escolha dos nomes de seus filhos, mas em língua portuguesa. Como ela e o esposo eram surdos, tiveram que pedir ajuda aos parentes

ouvintes na hora de escolher os nomes, para poderem mostrar quais eram mais sonoros, mais fáceis para eles pronunciarem (caso precisassem chamar), pois o surdo não é mudo, é apenas surdo. Gesser (2009) fala sobre o surdo não ser mudo. Diz que ele possui o aparelho fonador funcionando normalmente e basta treinar para usá-lo. A entrevistada ressaltou que não gosta muito de dar sinal-nome para estranhos, pois tem que ser pessoas de quem ela gosta, mas que adora dar sinal-nome para artistas da TV, porque ama novelas e filmes.

Na entrevista 07, há uma questão interessante no discurso: o professor ouvinte relatou que mesmo que a pessoa que ganhou o sinal-nome mude suas características, seu sinal-nome continuará o mesmo. É o caso dele, que diminuiu o cabelo com o passar dos anos, mas o sinal-nome ainda continua o mesmo, pois o que marca é a sua história. Luiz concorda que o sinal-nome tem relação afetiva com o surdo. Então lhe contei sobre uma situação familiar que me chamou a atenção, pois um exemplo é a família do meu pai e da minha mãe. Da parte do meu pai são seis irmãos, e da parte de mãe, quatro. Todos eles, de ambas as partes, têm sinal-nome desde criança, mas os sobrinhos, apenas os que tinham convivência, pois os mais distantes, e que não aprenderam a LIBRAS, não possuem sinal-nome. Inclusive, questionei meu pai sobre isso, e ele me disse que só usa a datilologia mesmo, porque não precisava de sinal-nome. Continuei indignada, pois com o sinal-nome fica bem mais fácil e rápido de conversar sobre a pessoa; então resolvi ligar por vídeo para meu tio mais velho, irmão do meu pai, que inclusive é surdo, o qual me respondeu a mesma coisa que o meu pai, que não era necessário criar sinal-nome para eles, pois quase não tinha contato com esses sobrinhos.

Sinal-nome está relacionado com afetividade, com o vínculo que se cria, visto que eles não se comunicam com os surdos da família; só falam “oi” e “tchau”, não se tem um diálogo, não se tem um vínculo para ter um sinal-nome. E eu, sendo CODA, queria exigir do meu pai e do meu tio que meus primos tivessem sinal-nome. Depois refleti que deve partir deles, pois tem que ser natural. Meu pai e meu tio que são surdos me disseram que, por vê-los poucas vezes no ano e por falta de comunicação, não ganharam sinal-nome e pronto. Mas será que eu posso criar esses sinais-nomes para eles?

Na entrevista 08, o entrevistado de nome José fala sobre o *bullying* no contexto escolar, e penso que o tema deve que ser trabalhado com as crianças ouvintes e surdas (ERNSEN, 2018). Isso faz parte do relato dele, sobre uma situação de *bullying*,

sendo sério o que aconteceu com ele. O entrevistado foi vítima de *bullying* quando criança, devido ao seu peso, entre os seus próprios colegas na escola. Eles lhe deram um sinal-nome que está vinculado ao *bullying*, então isso ocorre também entre eles. Outro assunto abordado em sua entrevista foi sobre o curso de LIBRAS na universidade. E quando ele fala sobre o curso de LIBRAS B, temos na Lei da LIBRAS (n.º 10.436, de 2002), em seu Art. 4º, o seguinte:

O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente. (BRASIL, 2002).

O professor surdo não é obrigado a batizar todos os alunos, pois sabe-se que alguns deles estão fazendo só para obter o certificado de horas. Nesse caso, para o professor surdo ou ouvinte não se desgastarem, fica mais claro como será tratado o processo do sinal-nome.

Na entrevista 09, no início do discurso da professora ouvinte, já se destaca um comentário: quando ela diz que infelizmente é ouvinte. Então fica claro que ela gostaria de ter nascido surda. Por que será?

Na entrevistada 10, de nome Leila, vale destacar as identidades surdas, de acordo com Perlin e Strobel (2006), que temos na comunidade surda. São várias identidades, como a identidade surda, híbrida, diáspora, flutuante, de transição e embaçada. No caso da entrevistada, ela já cita no início da entrevista que a sua identidade é surda, é pura, e isso significa muito na comunidade surda, pois quer dizer que ela não sofreu influência da oralidade da língua portuguesa em sua vida. Sua identidade é surda, não foi corrompida pela comunidade majoritária. Como afirma Ladd (2013), o sistema discursivo de controle de poder e conhecimento ameaça principalmente os grupos minoritários que visam sistemas de valores diferenciados.

E que alegria transmitiu no vídeo ao dizer sobre quando compreendeu que seu sinal-nome não sofreu nenhuma influência da língua portuguesa, pois ele possuía uma configuração visual dentro da cultura surda. Conforme Ladd (2013), faz-se um “processo de paralelos colonialistas com as práticas de rejeição do uso de línguas gestuais nativas nas escolas, das quais o oralismo é apenas um exemplo”. E em relação à última questão, quando ela diz que o professor ouvinte deve se abster e esperar o professor surdo, percebemos aí a questão da relação de poder, pois a

professora surda diz “não aceito”, aceitando e concordando apenas de o surdo e o CODA poderem batizar com o sinal-nome na comunidade surda.

Na entrevista 11, da professora ouvinte, em seu discurso ela concorda de que o CODA também tem o poder de batizar na LIBRAS, mas o professor de muitos anos não, pois não faz sentido. Quando ela diz que a última questão é muito polêmica, por que será? Percebe-se que isso acontece por falta de discussões sobre o assunto e que envolve questões políticas.

Na entrevista 12, no discurso da professora ouvinte, nota-se a importância de se colocar no cronograma dos cursos de Letras – LIBRAS, de Licenciatura e Bacharelado, cursos de LIBRAS e Pedagogia Bilíngue, sobre a temática do batismo. Com certeza seria um avanço na educação de surdos e ouvintes. A resposta da professora para a última questão foi sensacional, quando ela diz que não existe certo ou errado e a importância de poder detalhar nos Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos de Letras – LIBRAS, Licenciatura e Bacharelado e Pedagogia Bilíngue.

Na entrevista 13, um fato interessante no discurso da professora surda é que desde pequena ela tem um sinal-nome que a representa perfeitamente, que foi dado pelo seu professor surdo. Destacou a importância de se criarem sinais para todos os parentes, mesmo que eles não saibam, evitando, assim, a cansativa datilologia, principalmente se tiver que fazer várias vezes. Mas fica evidente a importância de a família ter um diálogo com seus parentes surdos, tendo assim um vínculo afetivo.

Todos seus irmãos são surdos, mas cada um tem sua forma de expressar a linguagem; ela é a mais fluente entre eles. Em relação a quem tem o direito de batizar, não aceita que ouvintes batizem na LIBRAS, pois não possuem o “cheiro surdo”, que é a intimidade.

Na entrevista 14, no discurso do CODA, é interessante que ele não se acha apto a batizar, pois disse que não trabalha na área. Afirma que não tem conhecimento e experiência suficiente. Relata, também, com muito carinho, sobre seu sinal-nome, que foi dado pelos seus pais. Isso reforça que para se batizar, precisa estar imerso na comunidade surda, ter contato com várias identidades surdas; ter essa percepção visual do corpo e costumes do outro. Isso o surdo tem naturalmente, sem esforço.

Na entrevista 15, no discurso do professor e tradutor surdo, é interessante analisarmos que ele recebeu um segundo sinal nome, pois o primeiro tinha a primeira letra de seu nome. Preferiu ficar com o segundo sinal, que está ligado a um hábito marcante seu. Outra parte que penso ser muito importante para a área da LIBRAS foi

quando ele relatou sobre o trabalho que estava fazendo como tradutor nos jogos olímpicos. Conversando com uma família de surdos da Croácia, os pais tinham sinal-nome, mas seus dois filhos usavam apenas datilologia. E ele perguntou por que não tinham sinal-nome ainda, pois já eram jovens. Os pais disseram que quando eles quiserem, receberão seus sinais-nomes. Desse modo, percebemos que o sinal-nome está inteiramente ligado à cultura daquele país; nos EUA, a maioria dos surdos usam datilologia no lugar de sinal-nome.

Na entrevista 16, analisando o discurso inicial da professora intérprete, ela mostra a importância do sinal-nome para o povo surdo. Segundo ela, quando nos apresentamos, o surdo pergunta primeiro pelo sinal, depois pelo nome em português. Isso mostra a importância do sinal-nome para os surdos. Isso é verdade. Quando você mostra para o surdo que possui um sinal-nome, manifesta que você faz parte dela. Uma curiosidade sobre uma situação que aconteceu durante a entrevista: foi interessante analisar que ela sempre trocava o ponto de articulação do seu primeiro professor surdo, pois a CM do seu sinal é a mesma que a do personagem Charles Chaplin; e no lugar de fazer o sinal-nome dele no nariz, ela fazia no buço. Penso que quando ela faz o sinal de seu professor, remete ao bigode do Chaplin. Analisando seu discurso sobre as horas obrigatórias das disciplinas de LIBRAS nas licenciaturas, realmente é importante pensar sobre o batismo nessas turmas de poucas horas, pois muitos estão ali apenas para cumprir carga horária.

Na entrevista 17, analisando o discurso da professora ouvinte, é interessante quando ela diz que antigamente se usava mais letra. Contudo, temos na entrevista 02, de uma outra professora ouvinte, a qual diz que não, pois ainda há muitos sinais que usam a letra do nome, na criação do sinal-nome. Constata-se, nesses discursos, que precisamos analisar mais sinais-nomes de surdos jovens, para que se possa comparar com os antigos. Não podemos separar o sujeito da sua história, a qual influencia também seu sinal-nome. Maria relata que chamava professores experientes que sabiam português, mas, para se criar um sinal-nome, é preciso saber bem português, ou saber bem a LIBRAS? Penso que seja a LIBRAS, pois os surdos não precisam do português. Como diz Gesser (2009), a LIBRAS não tem suas origens históricas na língua oral.

Na entrevista 18, é interessante destacar que quando fui categorizar o sinal-nome da entrevistada Leyle na taxonomia de Barros (2018), não encontrei um subitem que se encaixasse, pois seu sinal-nome está relacionado ao seu aspecto físico altura, e

não tem esse subitem no artigo. Já destaco para acrescentá-lo na pesquisa. Muito interessante também quando ela relata sobre seu sinal-nome, que se soubesse o que era o significado do batismo na época, teria sugerido outro e não o que usa hoje. Isso nos mostra a importância de se esclarecer desde o início o significado do evento batismo na LIBRAS e todos seus efeitos, pois ele será para a vida toda. Você será conhecido na comunidade surda através dele; é o mesmo processo que ocorre com o nosso nome da língua portuguesa. Outro detalhe interessante: a partir do momento que você se apresenta para alguém da comunidade surda, seu sinal-nome se propaga rapidamente. Leyle fez uma analogia do seu sinal-nome com uma tatuagem; achei sensacional, pois ela fica marcada na pele, e penso que o sinal-nome fica marcado em nossa história, em nosso coração. Gostei muito quando ela falou sobre o “apadrinhamento” na LIBRAS, que fica tão bonito ser feito pelo nativo surdo da língua, no caso a LIBRAS. Realmente quando conversamos com a maioria dos surdos, quando perguntamos sobre o nome da pessoa, ele não se lembra, mas o sinal-nome ele nunca esquece. Penso que isso se deve pela modalidade da língua, pois o nome está em língua portuguesa, que na maioria das vezes não é sua primeira língua; e no caso do sinal-nome, por ser visual, fica gravado em sua memória. Ela é irredutível em seu discurso quando diz que o ouvinte, independentemente de ter familiares surdos, não tem o direito de batizar na LIBRAS. Ladd (2013) diz que quando conquistou um espaço no meio acadêmico, percebeu sua responsabilidade de mostrar os espaços coloniais na sociedade, pois representa as pessoas surdas. Será que esse sentimento da entrevistada se deve a resquícios do colonialismo dos ouvintes?

Na entrevista 19, Dalson me fez lembrar de que quando ia ministrar uma disciplina de LIBRAS B na universidade, em alguma turma de licenciatura, por exemplo, sempre promovia o dia do “batismo”. Colocava no cronograma como uma festa, pedia para os alunos trazerem comidas e bebidas, e convidava um professor surdo. Às vezes colocava até música para eles desfilarem. E o professor surdo dava os sinais-nomes para quase todos os alunos da turma. Através desta pesquisa, podemos notar que isso não está certo; que novas reflexões e análises de discursos de surdos, principalmente, nos ajudam a ter novas perspectivas a respeito do nosso trabalho de ensinar uma língua que é visual e espacial; de que o batismo na LIBRAS tem que ser uma coisa natural e não combinada.

Na entrevista 20, Leyle destaca a questão do seu primeiro sinal-nome, que remete à lembrança de sua infância na instituição com seus amigos surdos. Há três

sinais-nomes durante sua vida. Cada um tem uma fase importante, usando o terceiro até os dias de hoje. Muito significativa sua colocação a respeito de qualquer pessoa pode batizar, contanto que tenha consciência sobre o ato na comunidade surda. É muito interessante quando Leyle relata, sendo surda, comparando as regras passadas com as dos dias de hoje para que possamos ser mais flexíveis em relação ao batismo; saber respeitar o tempo do surdo, porque a pessoa que deseja, que almeja esse sinal-nome, terá que esperar a hora certa, o momento certo, e receberá seu sinal-nome naturalmente. É assim que deve ser.

Na entrevista 21, da Ronice, notamos importante relato da professora CODA, em que mostra dois momentos importantes de sua vida, marcados por dois sinais-nomes. Destaca-se no seu discurso, que ela, como CODA, bilíngue, se sentiu à vontade para se autobatizar em um momento marcante de sua vida. Vale ressaltar que seu sinal-nome tem mais valor que o seu nome em português, por ter essa identidade CODA, tendo essa autorização implícita dentro da maioria dos discursos dos entrevistados para batizar na LIBRAS, mas que sempre que tiver um surdo, este terá preferência. Os filhos ouvintes de pais surdos nos remetem a lembrar de que filhos são filhos e como diz o versículo bíblico: “Filho, tu estás sempre comigo; e tudo que é meu, é teu” (Lc. 15.31) (PEREIRA, 2013 apud QUADROS, 2017).

Na entrevista 22, Elizandra mostra em seu relato que não importa quanto tempo que você tenha um sinal, é importante saber os detalhes da história dele, de como ocorreu, e saber quem deu, pois isso tem um valor inestimável dentro da cultura surda. Percebe-se que quando a entrevista é respondida com a escrita, faltam muitos detalhes importantes dentro da cultura surda, que às vezes não são expressos totalmente de forma escrita. Esses detalhes fazem a diferença no discurso, pois sendo em LIBRAS, conseguimos captar a essência do que a pessoa diz. Constatamos no discurso da Elizandra que há uma construção de sentidos em situações reais de uso de linguagem. O contexto social e as crenças influenciam o uso da linguagem. Sendo assim, acredito que em relação ao sinal-nome, depende do contexto social e das crenças daquele grupo.

Na entrevista 23, no relato de Eduardo, percebemos uma situação muito recorrente com os surdos que trabalham em fábricas no Brasil. Mesmo nos dias de hoje, muitas vezes são excluídos em seus trabalhos. Eles contratam pessoas para interpretar reuniões específicas, mostram gráficos, tabelas, mas não se preocupam em aprender a língua dos seus funcionários. Existem cursos rápidos de LIBRAS nas

empresas, como é exigido pelo Art. 26, § 1, do Decreto n.º 5626 de 2005, para cumprir a porcentagem de funcionários que é exigida nele. “Para garantir a difusão da LIBRAS, as instituições de que trata o *caput*²⁶ deverão dispor de, no mínimo, cinco por cento de servidores, funcionários ou empregados com capacitação básica em LIBRAS” (BRASIL, 2005, art. 1º).

A Análise Crítica do Discurso tem como objetivo desconstruir diferentes manifestações discursivas, questões de dominação, opressão, manipulação, discriminação, abuso de poder, várias questões que geram desigualdade social na sociedade. (MEURER; DELLAGNELO, 2008).

Quando o entrevistado fala sobre quem tem o direito de batizar na LIBRAS, fica claro em seu discurso que o ouvinte, independentemente de ser CODA ou não, não pode invadir esse espaço, pois pode ser visto como invasivo e desrespeitoso à comunidade surda.

Não podemos negar que em certos discursos de surdos e ouvintes, notamos que algumas situações mostram a dominação de uma comunidade que usa determinada língua por outra, podendo resultar num processo muito semelhante ao colonialismo (LADD, 2013).

Então, mesmo ainda no século XXI, notamos nos discursos de pessoas que trabalham com surdos o desinteresse em aprender a língua, tornando o surdo invisível no seu próprio ambiente de trabalho, sendo visto apenas por coordenadores, chefes ou intérpretes daquele local.

²⁶Poder Público, as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso do seu sinal-nome está relacionado com o processo de construção de sentidos em situações reais de uso de linguagem, no caso, a língua de sinais, especificamente a LIBRAS (VAN DIJK, 1997 apud MEURER; DALLAGNELO, 2008).

Todos os sinais-nomes dos sujeitos da pesquisa foram descritos dentro dos parâmetros da LIBRAS de Pimenta e Quadros (2006), e analisados dentro das taxés de Barros (2018). Foram feitas transcrições dos 23 participantes da pesquisa e recortes de seus discursos. Houve duas entrevistas que, quando fui classificar os sinais-nomes dos entrevistados, não encontrei o aspecto físico para essas pessoas. Desse modo, fica uma sugestão para complementar a tabela de Barros (2018), com o subitem orelha e altura do sujeito.

Quando um surdo se apresenta, ele prefere começar pelo seu sinal-nome, pois carrega mais sentido para ele do que o nome em língua portuguesa. A escassez de produções científicas nacionais e internacionais sobre o tema “sinal-nome” revela a importância desta pesquisa para a educação, para a Análise do Discurso e para a Psicologia, que certamente resultará em reflexões entre professores, estudantes, pais, enfim, toda a comunidade surda e a sociedade. Analisando as ementas dos cursos de Letras – LIBRAS da UFAM e da UFG, percebemos que é necessário que se coloquem nas aulas das disciplinas de Cultura Surda e Análise do Discurso conteúdos específicos sobre o batismo, para que o professor possa, assim, ensinar com mais detalhes e critérios sobre o evento dentro da comunidade surda. Percebe-se a importância de se verem na literatura, ou em apostilas de cursos de LIBRAS, explicações detalhadas sobre o sinal-nome e quem tem essa legitimidade para batizar.

Segundo minhas observações, os depoimentos comprovam o que eu já vivia e suspeitava, tendo em vista a prática discursiva e a prática social de Fairclough (1992), como afirma sobre o surdo ser o protagonista do batismo na LIBRAS, mas que ele pode ter coadjuvantes nesse evento da comunidade surda. Todos os ouvintes que sabem a LIBRAS e a usam há um bom tempo podem ser colaboradores e influenciadores desse ritual. Concordo com Lane (1997) quando diz que compreende sobre os contornos da conflitualidade entre a comunidade surda e a sociedade ouvinte. Percebemos essa relação de poder que existe no batismo, mas sabemos que envolve questões políticas também. E foi exatamente isso que me instigou a fazer

esta pesquisa, para que não tivéssemos menos conflitos ou equívocos referentes às relações de poder no batismo da LIBRAS.

Conclui-se, por meio desta pesquisa, que o sinal-nome não é apenas um nome comum na comunidade surda; ele carrega um valor precioso, que causa vários efeitos em cada pessoa que o recebe. Nesse ato de batizar, temos diferentes formas de poder dentro da comunidade surda, podendo ter consentimento ou coerção dos surdos, como afirmam Meurer e Dellagnelo (2008). Contudo, os ouvintes têm liberação ou não de surdos e dos próprios ouvintes, dependendo de critérios e regras estabelecidas pela comunidade surda do Brasil. Os ouvintes podem apoiar os surdos na hora do batismo, visto que a maioria dos discursos são favoráveis; que os CODAS podem dar o sinal-nome na LIBRAS.

Em relação aos ouvintes batizarem na LIBRAS, temos algumas restrições que precisamos nos atentar: conhecer bem os parâmetros da LIBRAS, a formação de sinais, as questões culturais e linguísticas da LIBRAS; enfim, estar imerso e seguro para essa ação e não romper um espaço muito importante para essa comunidade, tornando-se invasivo ou desrespeitoso com os surdos brasileiros. Vai além da ação de se criar apenas um sinal-nome; significa dar ao surdo seu registro, sua identidade pura. Ele compartilha para os ouvintes também, que causa nos CODAS e nos ouvintes sentidos variados, pois carrega significados de identidade, representatividade, marca, presente, documento, pertencimento, liberdade, legitimidade, aceitação, amor, felicidade e visibilidade. Todos os sujeitos que fazem parte dessa comunidade necessitam ter essa consciência linguística. Esses discursos mostrados e analisados, evidenciam verdades, tendo um efeito emancipatório. Existem outros aspectos da pesquisa que precisam ser explorados. O objetivo é que esse tema possa se estender para um doutorado.

Não poderia deixar de citar Souza (2005), quando diz que a AD não apaga a contradição da língua, mas assume que essa contradição faz parte dela, por isso vamos ver em discursos de surdos e ouvintes que concordam ou discordam de quem deve batizar na LIBRAS. Vale destacar quando Pêcheux (1990 *apud* SOUZA, 2005) diz que a AD trabalha em um espaço em que o equívoco faz parte do real da língua, que tem relação real com a história; e tudo isso faz parte do processo de análise.

Estudar o universo surdo e sua linguagem inclui estudar também as contradições envolvidas nesse mundo. É preciso olhar abertamente essas contradições para que se possa discutir materialmente suas condições de existência

e as práticas de linguagem. Essas diferenças incluem as relações de poder, de legitimação, de legitimidade, de ideologia. Ainda que não tenha sido o escopo desse trabalho, pensar na acessibilidade do surdo à informação governamental em tempo de pandemia é outro assunto de relevância fundamental. Outras pesquisas urgem a respeito porque, na complexidade do tecido social, esses assuntos estão interligados.

A questão é política, porque envolve práticas sociais; é ética, porque envolve a alteridade dos surdos; é estética, porque diz respeito a uma vida bela, melhor, na contradição e na diferença. Esse é nosso universo de vivência e de pesquisa. Um universo ainda a ser bastante explorado.

REFERÊNCIAS

- [InvLibr] INVENTÁRIO LIBRAS. **HISTÓRIA DO SINAL** - Entrevistas com surdos de referência. 2019. (08m09s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_ml8-mfOdis&feature=share. Último acesso em: fev. 2019.
- ALBRES, N. A.; VILHALVA, S. **Língua de Sinais: processo de aprendizagem como segunda língua**. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2005.
- BARROS, M. E. Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais – A motivação dos sinais-nomes. **RE-UNIR**, Rondônia, v. 5, n. 2, p. 40-62, 2018.
- BERT, J.-F. **Pensar com Michel Foucault**. São Paulo, SP: Parábola, 2013.
- BÖRSTELL, C. Types and trends of name signs in the Swedish Sign Language community. **Sky Journal of Linguistics**, [s. l.], v. 30, p. 7-34, 2017.
- BRASIL. **Lei 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre e a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 15 dez. 2020.
- BRASIL. **Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União. Brasília, 22 de dezembro de 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 20 jan. 2021.
- BRASIL. UNICEF. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos**. Avaliação da Década. Brasília, DF: MEC, 2000. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990>. Acesso em: 15 fev. 2020.
- BRASIL. Ministério da Justiça. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília, DF, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.
- BRITO, A. N. **Nomes próprios: semântica e ontologia**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003.
- BRITO, L. F. Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.20-43, jul./dez. 1990. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/179>. Acesso em: 20 fev. 2021.
- CARVALHO, R. E. Experiências de assessoramento a sistemas educativos governamentais na transição para a proposta inclusiva. **Movimento: Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense**, Niterói, n. 7, p. 39-59, maio, 2003.

CASTEL, Roberto. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Trad.: Iraci D. Poletti. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CASTRO, G. **Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira** – Foco no léxico. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8859/1/2011_GI%C3%A1uciodeCastroJ%C3%BAnior.pdf. Acesso em: 10 mar. 2021.

CHARAUDEAU, P., MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**; coord. da trad. Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.

CORREIA, L. M. Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares. Porto, Portugal: Porto Editora, 1997.

COSTA, L. C. S. **Saussure**: entre o poder acadêmico e o saber científico. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/158386/336824.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 mar. 2021.

DICK, M. V. P. A. **A motivação toponímica**: princípios teóricos e modelos taxonômicos. 1980. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

FEBRAPILS. Documentos. **Febrapils**, [s. /], [2016]. Disponível em: <https://febrapils.org.br/documentos/>. Acesso em: 10 fev. 2021.

ECO, H. **Como se faz uma tese**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

ERNSEN, B. P. **Bullying e surdez no contexto escolar**. Curitiba: Appris, 2018.

ESCOLA Estadual Carneiro dos Santos. **Edu**, Amazonas, 2020. Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/escola/13027174-ee-agosto-carneiro-dos-santo>. Acesso em 10 jan. 2021.

FEBRAPILS – Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia Intérpretes de Língua de Sinais. **Código de Conduta e Ética**. Aprovada dia 13 de abril de 2014. Fortaleza, CE. Disponível em: <http://febrapils.org.br/documentos/> Acesso em: 11 jan. 2021.

FERREIRA-BRITO, L.; LANGEVIN, R. Sistema Ferreira Brito-Langevin de Transcrição de Sinais. In: FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. Tempo Brasileiro UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4070132/mod_resource/content/1/FOUCAULT.pdf. Acesso em: 25 abr. 2021.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Tradução: Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GAMBOA, S. A. S. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, I. (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997. p. 91-116.

GALLAUDET University Photos. **U.S News**, Washington, c2021a. Disponível em: <https://www.usnews.com/best-colleges/gallaudet-university-1443/photos>. Acesso em: 13 set. 2020.

GALLAUDET University. **GU**, Washington, c2021b. Disponível em: <https://www.gallaudet.edu/>. Acesso em: 13 jun. 2020.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D.T. (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade Surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais; org. Liv Sovik; trad. Adelaïne La Guardia Resende ... [et al.]. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HENRY, P. Sujeito e Sentido, Origem. Trad.: Eni Orlandi. In: ORLANDI, Eni (Org.). **O Discurso Fundador**. Campinas: Pontes, 1994.

LADD, P. **Em busca da surdidade 1**: Colonização dos surdos. Tradução: Mariana Martini. Carcavelos, Portugal: Surd'Universo, 2013.

LANE, H. **A máscara da benevolência**: a comunidade surda amordaçada. Tradução: Cristina Reis. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1997.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

MARCONI, M. de A., LAKATOS E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MATOS, K. S. L.; VIEIRA, S. L. **Pesquisa Educacional**: o prazer de conhecer. 2.ed. Fortaleza, CE: Edições Demócrito Rocha, 2002.

MEIRA, M. Baré. **Povos Indígenas no Brasil**, [s. l.], dez. 2002. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bar%C3%A9>. Acesso em: 21 fev. 2021.

MEURER, J. L.; DELLAGNELLO, K. A. **Análise do Discurso**. Florianópolis, SC: CCE, UFSC, 2008.

MINDESS, A. What name signs can tell us about Deaf Culture. **Sign Language Studies**, [s. l.], v. 66, p. 1-23, 1990.

MOROZ, M.; GIANFALDONI, M.H. **Processo de Pesquisa: Iniciação**. 2. ed. Brasília, DF: Plano Editora, 2006.

NUNES, J. R. **Formação do leitor brasileiro**: imaginário de leitura no Brasil colonial. Campinas: Unicamp, 1994.

ORLANDI, E. P. **Cidade dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, E. P. O lugar das sistematicidades linguísticas na análise de discurso. *Delta*, [s. l.], v. 10, n. 2, 1994. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45408>. Acesso em 10 jan. 2021.

ORLANDI, E. P. **O que é lingüística?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

OS YANOMAMI. **Survival**, [s. l.], c2002. Disponível em: <https://survivalbrasil.org/povos/yanomami>. Acesso em: 15 mar. 2021.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PERLIN, G.; STROBEL, K. **Fundamentos da Educação de Surdos**. Florianópolis: UFSC, 2006.

PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. **Curso de LIBRAS, 1**. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

PRIMEIRO aluno surdo de medicina sonha proporcionar atendimento mais autônomo aos deficientes. **Portal MEC**, set. 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/205-noticias/1349433645/80681-primeiro-aluno-surdo-de-medicina-sonha-proporcionar-atendimento-mais-autonomo-aos-deficiente>. Acesso em: 23 jan 2021.

QUADROS, R. M. de. **Língua de herança**: língua brasileira de sinais. Porto Alegre: Penso, 2017.

QUADROS, R. M. (org.). **Letras LIBRAS**: ontem, hoje e amanhã. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

QUADROS, R. M. de; MASSUTTI, M. CODAS brasileiros: LIBRAS e Português em zonas de contato. *In*: QUADROS, R. M.; PERLIN G. (org.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007. p. 238-266.

QUADROS, R. M.; KARNOPP L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura. Resolução – CEPEC n.º 1307, de 11 de julho de 2014. Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Letras: LIBRAS, grau acadêmico Licenciatura, modalidade Presencial, da Faculdade de Letras, para alunos ingressos a partir de 2009. Goiânia: CEPEC, 2014. Disponível em: https://arquivos.sistemas.ufg.br/arquivos/20172050739df046578243c7065913c7/Resolucao_CEPEC_2016_1430.pdf. Acesso em: 20 mar. 2021.

RICHARDSON, Z. M. R. J. **Pobreza, deficiência visual e políticas socio-educativas**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: <http://jornalgnn.com.br/sites/default/files/documentos/ZilmaRichardson.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2021.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RICHINELI, A. **O fenômeno da inclusão na educação física escolar: o discurso dos professores de Itapetininga**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2007. Disponível em: https://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/2006/JKSTLEFBEPYY.pdf. Acesso em: 24 jan. 2021.

ROCHA, S. M. da. **O INES e a educação de surdos no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: INES, dez. 2008.

SÁ, N. R. L.; VILHALVA, S.; DINIZ, H. G. Aliados e inimigos na/da educação de surdos: se você usar minha língua eu não lhe trucidado. *In*: BARROS, A. L. E. C.; CALIXTO, H. R. S.; NEGREIROS, K. A. (org.). **LIBRAS em diálogo: interfaces com o ensino**. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 15-24.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, C. A. A. **Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SOUZA, S. A. F. **Análise de discurso: procedimentos metodológicos**. Manaus: Censur, 2014.

SOUZA, S. A. F. Guia rápido de referência para normalização de trabalhos científicos. Manaus: [s. n.], 2008.

SOUZA, S. A. F. de. **O movimento dos sentidos sobre línguas estrangeiras no Brasil: discurso, história e educação**. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) –

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270711>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SOUZA JÚNIOR, J. E. G. **Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais**. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/11923>. Acesso em: 15 nov. 2020.

STOKOE, W. C. **Sign language structure**. Silver Spring: Linstok Press. [1960] 1978.

STOKOE, W. C.; CASTERLINE, D.; CRONEBERG, C. G. **A dictionary of American Sign Language on linguistic principles**. Silver Spring: Linstok Press, 1965.

STROBEL, K. L. **As imagens do Outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

SUPPALA, S. J. **The book of name signs: Naming in American Sign Language**. San Diego, CA: DawnSignPress, 1992.

TICUNAS. *In* WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. mar. 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ticunas>. Acesso em: 13 mar. 2021.

VOESE, I. **Análise do discurso e o ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2004.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PERFIL²⁷

Caro(a) participante,

Sou aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Amazonas e gostaria de convidá-lo(a) a participar da pesquisa que estou desenvolvendo sobre os sinais-nomes pela perspectiva da Análise do Discurso. Para que eu possa traçar um perfil dos participantes, pediria que você respondesse às perguntas abaixo. Asseguro que, caso sejam divulgadas as informações deste questionário, sua identidade será mantida em sigilo. Agradeço, desde já, a sua colaboração.

Lívia Gomes

- 1) Nome: _____
- 2) Data: _____
- 3) Idade: _____
- 4) Telefone: () _____
- 5) E-mail: _____
- 6) Formação
 - () Graduação Concluída – Curso: _____
 - Ano de Conclusão: _____
 - () Graduação em andamento – Curso: _____
 - Período que está cursando: _____
- 7) Além da graduação, você já estudou LIBRAS em outra instituição?
 - () Sim () Não
- 7.1) Caso afirmativo, assinale o tipo de instituição:
 - () pública
 - () privada
 - () professor(a) particular
 - () outro: _____
- 8) Você se considera fluente em LIBRAS?
 - () Sim () Não

²⁷Instrumento elaborado por Lívia Gomes, com base em Monteiro (2009; 2014) e Silva (2012).

9) Na sua graduação ou curso de LIBRAS, você cursou alguma disciplina ou nível que falava e explicava sobre sinal-nome na cultura surda?

() Sim () Não

10) Informações adicionais que julgue importante.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO INVESTIGATIVO²⁸

Caro(a) participante,

A fim de prosseguir com o levantamento de informações para a pesquisa que estou realizando sobre os sinais-nomes pela perspectiva da Análise do Discurso, pediria a gentileza de que, também, respondesse às perguntas abaixo. Caso haja divulgação das informações aqui escritas, asseguro, novamente, que sua identidade será mantida em sigilo. Agradeço sua colaboração.

Lívia Gomes

- 1) Qual é o seu nome?
- 2) Qual é o seu sinal-nome?
- 3) Você é surdo ou ouvinte?
- 4) Por que seu sinal-nome é assim?
- 5) Qual idade você foi batizado? Se não se lembrar, especificar ano aproximadamente.
- 6) Quem criou seu sinal-nome?
- 7) O seu sinal foi dado em qual contexto?
- 8) Já teve quantos sinais-nomes durante a vida? Por quê?
- 9) O que o seu sinal-nome representa pra você?
- 10) Quem você acha que deve batizar ou criar o sinal-nome? Por quê?

²⁸Instrumento elaborado por Lívia Gomes, com base em Monteiro (2009; 2014) e Silva (2012).

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM FACULDADE DE LETRAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Convidamos o(a) Sr(a) para participar da pesquisa **OS SINAIS-NOMES PELA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO** sob a responsabilidade da pesquisadora **LÍVIA MARTINS GOMES**, portadora do RG 3946813 e do CPF 963.476.271-91, telefone celular (62) 98218-7408, e-mails livia.librasufam@gmail.com e liviagomes@ufam.edu.br, orientada pelo Prof. Dr. **SÉRGIO AUGUSTO FREIRE DE SOUZA**, portador do CI 1-740-RD CRAM/AM e do CPF 148.956.502-78, telefone celular (92) 991849390, e-mail prof.sergiofreire@gmail.com, ambas vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras (FLet) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), situada a Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 6200 – Campus Universitário, Bloco Mário Ypiranga Monteiro, Setor Norte – Coroadó, CEP 69077-000 – Manaus/AM - Telefones (92) 3305-1181, Ramal 2113, e (92) 99271-8701, e-mails: flet@ufam.edu.br; secretaria.ppglufam@gmail.com; ppgl@ufam.edu.br.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o discurso que faz parte da construção dos Sinais-nomes em uma perspectiva histórica, cultural e linguística dos membros da comunidade surda de Goiânia e Manaus e, como objetivo específico, refletir acerca das motivações e influências em relação à criação dos Sinais-nomes, partindo desta reflexão, ponderar a necessidade de mudanças na visão deste tema.

Sua participação é voluntária e se dará por meio do preenchimento de dois questionários: um de perfil e outro investigativo. Os resultados da pesquisa serão

armazenados em arquivos digitais codificados e não identificados. Somente a pesquisadora terá acesso a esses dados.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa podem se configurar em constrangimento e aborrecimento ao responder o questionário, além do risco de quebra de sigilo. Entretanto, caso necessário, será oferecido acompanhamento psicológico ou de uma assistência social, sem ônus para o(a) Sr.(a), além do direito a indenizações e cobertura material por compensação de danos materiais ou morais decorrentes da pesquisa.

Se você aceitar participar, não terá nenhum benefício direto. Contudo, por meio deste estudo, espera-se colaborar para fomentar a pesquisa sobre a formação de professores de língua portuguesa para surdos, a partir da visibilidade dos desafios enfrentados e sinalizados pelos participantes, além da reflexão sobre as possibilidades de mudanças dessa formação para que seja aprimorada.

Se depois de consentir em sua participação o(a) Sr.(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa. O(a) Sr.(a) não terá nenhuma despesa e não receberá nenhuma remuneração.

Considera-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco e o risco decorrente da participação dos sujeitos nesta pesquisa é o da divulgação da sua identidade. Para evitar tal risco, a pesquisadora garante total sigilo e resguarda os participantes de quaisquer constrangimentos quanto à exposição de imagem ou informação pessoal. É garantido também que as informações coletadas e registradas no decorrer da pesquisa serão utilizadas unicamente para atingir os resultados desta, os quais serão analisados e publicados, mas sua identidade ou qualquer informação relacionada à sua privacidade não será divulgada, em que se tomarão todas as providências necessárias para manter o sigilo.

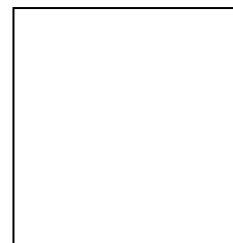
Para qualquer outra informação, o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora Lívia Martins Gomes e com o Prof. Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza, pelos telefones e e-mails fornecidos, ou, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 4950, Adrianópolis, CEP 69057-070, Manaus-AM, telefone fixo (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171-2496 e e-mail cep@ufam.edu.br.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do participante

Data: ___/___/___



Impressão
dactiloscópica

Assinatura da pesquisadora responsável

Assinatura do orientador